Igor José de Rennó Machado

DIAS EM MOVIMENTO:
ESPAÇO E PODER NUMA "COMUNIDADE-DORMITÓRIO" MINEIRA

Dissertação de mestrado apresentada ao departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Profª. Dr.ª. Bela Feldman-Bianco.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação ou tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 29/08/1997

Banca:

Profª. Dr.ª. Bela Feldman-Bianco (orientadora)

Prof. Dr. Marcos Lanna

Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão

Prof. Dr. Antônio Augusto Arantes (suplente)

Agosto de 1997

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE BC
N.º CHAMADA: T/UNICAMP M18d
V. Ex.
TOMBO BC/ 31699
PROC. 281/97
C D [x]
PREÇO R$ 11,00
DATA 18/09/97
Nº CPD

CM-00100759-7

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

M18d

Machado, Igor José de Rennó
Dias em movimento: espaço e poder numa "comunidade - dormitório" mineira / Igor José de Rennó Machado. - - Campinas, SP : [s.n.], 1997.

Orientador: Bela Feldman Bianco.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Migração. 2. Poder comunitário. 3. Coronelismo. 4. Mulheres - Condições sociais. I. Bianco, Bela Feldman. II. Universidade Estadual de Campinas.Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.

Para o meu irmão, Luís Cláuzio.

Agradecimentos

Ao CNPq, pelo apoio financeiro concedido-me na forma de bolsa.

Aos amigos José, Bigo-Bigo, Shirley e Bia, pela descontração nos momentos mais tensos. Sem esquecer do Poty, Fer, Ricardão, Lú e Mongueles.

Aos amigos André (aqui nóis manda) e Álvaro, pelas nossas conversas e artimanhas.

Aos professores Brandão, Steve Reyna, Lúcia Avelar e Nina Glick Schiller, pelas sugestões cruciais.

À Deborah, por toda atenção.

Ao Serginho, um amigo sempre.

Ao Ruy (um dia eu pago) e ao Cassiano, amigos de casa, pelas conversas.

À Bela, minha querida amiga, orientadora e interlocutora, por toda liberdade e respeito, por todas sugestões sutis. Principalmente, por me agüentar!

Aos meus pais, que de longe assistiram tudo, atentos.

À Nat, pelas risadas.

Ao Liminha, por que é a lei.

Especialmente à Mariana, pelo amor, paz e força. Por todo carinho e sentimento. Não sei como teria sido sem você!

"- Não tem nome nem lugar. Repito a razão pela qual quis descrevê-la: das inúmeras cidades imagináveis, devem-se excluir aquelas em que os elementos se juntam sem um fio condutor, sem um código interno, uma perspectiva, um discurso. É uma cidade igual a um sonho: tudo o que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça que esconde um desejo, ou então o seu oposto, um medo. As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa." (Ítalo Calvino, *As cidades invisíveis*, pág. 44)

Sumário

Agradecimentos 3

Sumário 5

Resumo 7

INTRODUÇÃO 8

CAPÍTULO 1- ESTAÇÃO DIAS 14

A)O município de Brasópolis 14

B) Bairro dos Dias 19

C) Composição Física e Cotidiano de Dias 23

D) O Distrito e o Trem 27

E) Economia Local 29

F) A Movimentação Constante 33

CAPÍTULO 2 41

A) A construção de referenciais teóricos originais a partir da obra de Sahlins 41

B) Visões alternativas de cultura e suas relações com os referenciais teóricos propostos 50

C) O princípio estrutural localizado é a movimentação 57

D) Como a movimentação influencia as noções de tempo e espaço 63

CAPÍTULO 3- O CORONEL ANTÔNIO E A TRAJETÓRIA DO PODER 68

A) História de vida 68

B) Contexto político-econômico 81

C) O Comitê e a política em Dias 90

D) Antônio e o princípio estrutural localizado 96

CAPÍTULO 4 - POLÍTICA É COISA DE MULHER 104

A) Ação do grupo da "igreja antiga" no período de transição entre a morte de Antônio e a "reconstrução" do comitê 106

B) A reconstrução do comitê pelas mulheres 110

C) As mulheres "feminilizam" a esfera pública ____ *117*
D) Papéis de gênero e relações de poder ____ *125*
E) As mulheres assumem a igreja ____ *133*
F) As características da dominação feminina ____ *137*

CAPÍTULO 5 - ADVERSÁRIOS À VISTA ____ *146*
A) A placa quebrada ____ *147*
B) As Mulheres contra o jovem ____ *155*
C) A gincana ____ *162*
D) Aparece José Carlos ____ *165*

CONCLUSÃO ____ *171*

BIBLIOGRAFIA ____ *184*

ANEXO ____ *193*

Resumo

O trabalho analisa como os fluxos de pessoas por entre as cidades próximas constituem o universo simbólico local de Estação Dias, um distrito do município de Brasópolis. A partir do conceito de estrutura de Sahlins, desenvolvi o conceito de princípio estrutural local, demonstrando como essa movimentação é fundamental para o entendimento da vida local. O conceito busca a compreensão da especificidade local como um fenômeno próprio. Uma leitura particular da realidade, feita, entretanto, a partir de um código de ordenação cultural mais amplo, nacional. A movimentação traz um capital social determinante para a posição social das pessoas: a *vivência*, a experiência acumulada com as movimentações. A partir dessa situação, constrói-se um discurso de exclusão e divisão social entre quem se movimenta ou não, a *gente pequena*. A análise, através do conceito de princípio estrutural local, fez-me ver como a movimentação e seu capital cultural são constitutivos do próprio universo social local e como essa divisão social é assimilada coletivamente, mesmo pela *gente pequena*. Lentamente, a movimentação tornou-se a base das relações de dominação, num processo histórico de transformação da "substância" do poder local, que de clientelista e coronelista, passa a ser dominado pelas mulheres. A história dessa transformação da vida política está ligada ao desenvolvimento da movimentação como um princípio estrutural localizado. Essa situação possibilitou que as mulheres também se movimentassem pelo que chamei de *lugar ampliado*, a própria Dias reconstruída a partir das trajetórias de seus habitantes pela região. Esse lugar ampliado corresponde a esfera pública. Dominando o cenário político local, legitimado pelo capital cultural acumulado nas suas movimentações, um pequeno núcleo de mulheres procurou trazer para o lugar ampliado as mulheres da gente *pequena*, através de um tipo de ajuda assistencial. Conseguiram, assim, feminilizar a esfera pública, o novo locus do poder desde a consolidação da movimentação como princípio estrutural localizado. Ao isolar os homens do poder, transformaram a política em coisa de mulher e estabeleceram um projeto de dominação, já que aquele pequeno núcleo era o que detinha o maior capital cultural entre as mulheres. Dessa forma, demonstro como o poder muda de locus: se antes era essencialmente privado, agora passa a ser disputado na esfera pública criada pela movimentação, o *lugar ampliado*. Demonstro, por fim, como o poder exercido por essas mulheres constitui-se numa dominação legitimada pelo capital cultural adquirido através da movimentação.

INTRODUÇÃO

A dissertação procura entender Estação de Dias, um distrito do município de Brasópolis, sul de Minas Gerais. O pequeno distrito de Dias, como é conhecido, é encarado como o locus de poder, analisado em sua principal característica: a extrema movimentação das pessoas. Essa movimentação representa um leque múltiplo de possibilidades, desde migrações definitivas até aquelas diárias, típicas de uma "comunidade-dormitório". A principal hipótese levantada foi a de que a movimentação, enquanto um fenômeno em si, seria a qualificadora de capitais sociais (Bourdieu 1989). A circulação das pessoas em torno de um lugar geográfico específico, a própria Dias, legitima a dominação de alguns sobre os demais e fornece a própria linguagem simbólica através da qual se configuram vários fenômenos locais. Esse objetivo tentará ser alcançado na análise da história política local, através da qual procuro demonstrar como essa movimentação é criadora de um universo simbólico que estabelece diferenças sociais e de *status* entre os habitantes locais. Esse talvez seja um fenômeno comum a vários municípios brasileiros, nos quais pessoas em movimento, pelos mais variados motivos, constróem bases para à dominação política.

A história política será vista através de um recorte temporal, acompanhando cronologicamente seu desenvolvimento. Veremos a mudança crucial da forma do poder que, de "coronelista", passa a ser disputado numa arena pública dominada por mulheres líderes no distrito. Denomino essa "ocupação" de "feminilização da esfera pública", através da qual o cenário político mudou radicalmente ao longo do tempo. Esse processo foi analisado conjuntamente com a história da falência econômica do Distrito. A partir da década de oitenta, uma grande geada, juntamente com término dos financiamentos do governo, virtualmente, faliram o distrito, que tinha uma economia baseada na plantação de café.

Dias deixou de ser produtora de riquezas: de produtora de café passa a ser uma "comunidade-dormitório". Acompanharemos uma história do "achatamento" da importância econômica do distrito para o município como um todo através da carreira de Antônio Gomes de Oliveira, o coronel local. Em sua trajetória de grande sucesso político e econômico encontramos uma parte da história local, demonstrando como Dias foi importante na conjuntura regional. Durante muito tempo, Antônio fez o papel do principal intermediador entre o local e as elites estaduais no município. No entanto, Antônio também faliu com a crise do café, falecendo poucos anos depois. O achatamento econômico também foi uma achatamento político, pois o substituto de Antônio no município não tinha bases políticas em Dias. A transformação da forma de poder deu-se nesse contexto, quando o cenário político em Dias foi repentinamente "esvaziado", após as crises locais. O argumento principal do trabalho foi elaborado a partir da análise da reconstrução desse espaço político.

Com a morte de Antônio, metáfora e metonímia da falência política e econômica de Dias, transformou-se a economia local, e mudaram também as bases do universo simbólico. Com a mudança econômica, aumentou enormemente a movimentação constante entre as cidades. Dias passou a ser exportadora de trabalhadores para as cidades locais. Gradualmente, através de um processo histórico, o universo simbólico passou a ser elaborado a partir do fenômeno da movimentação, que veio a ser o nexo das disputas políticas. Demonstro também como essa transformação já estava colocada como potencialidade, e se desenvolveu a partir de circunstâncias históricas. Em suma, a transformação deu-se num sentido já contido na própria história política anterior (mas não no único sentido possível).

Esses processos, a falência econômica, a movimentação e mudança da vida política, em conjunto, causaram uma mudança sensível nas relações sociais locais, principalmente no que se refere às relações de gênero. Afinal, se antes a esfera política *era* o próprio Antônio, posteriormente foi ocupada por um núcleo atuante de mulheres, o que acarretou modificações nos papéis relativos ao gênero. Demonstro como essas mulheres executam um tipo de política

não-institucional, basicamente informal, e como conseguem, dessa forma, estabelecer um projeto de dominação. Para compreender essa situação, foi necessário desenvolver algumas reflexões teóricas específicas, que a explicasse satisfatoriamente. Esse desafio foi também uma das intenções básicas desse trabalho, e toda a dissertação corresponde a um esforço de reflexão sobre a antropologia nas sociedades contemporâneas.

O fato de pessoas "em movimento" transformarem esse "sair de" em fonte de capital cultural (Bourdieu 1983) e poder, nos lugares de origem, também necessitou ser tratado com um cuidado especial. Optei por criar alguns parâmetros teóricos que possibilitassem a interpretação desse fenômeno. Esses últimos foram montados a partir da obra de Sahlins (1986, 1988, 1990, 1997), com ajuda de vários outros autores, principalmente Bourdieu (1977, 1983, 1989) e Fox (1990). No entanto, a inspiração básica para essa dissertação será encontrada num artigo seminal e pioneiro de Joan Vincent (1987) que, em sua análise processual, demonstra a importância dos fluxos de pessoas e trajetórias individuais para a antropologia. Vincent demonstrou como o limite da investigação não deve ser confundido com um locus geográfico, mas visto nas trajetórias e movimentações da pessoas. Partindo dessa idéia, procurei ver como o fluxo de pessoas qualifica *status* pessoais dentro de um espaço geográfico delimitado. Demonstro como a movimentação *constitui* a arena local de poder. Podemos ver aqui uma expansão dessa idéia básica de Vincent, na forma como procuro ligar poder ao nível local e movimentação, e como dessa relação surge uma dominação feminina no distrito. O entendimento da movimentação como um fenômeno social acarretou também a análise de mudanças nas noções de poder, tempo e espaço.

Por outro lado, esse trabalho procurou também compreender alguns aspectos da política local, seguindo uma tradição antropológica de longa história, conhecida como estudos sobre "local level politics". No entanto, não busquei elucidar todo o universo local possível, como é comum a esses trabalhos. Remeto o amigo leitor a obras mais completas sobre esse assunto, como os trabalhos de Feldman-Bianco (1981), Lanna (1995) e Lewin (1994). Em

Dias, procurei ver mais detidamente alguns processos específicos, como aquele que chamei de "feminilização da esfera pública", e a relação existente entre poder, movimentação e gênero. Desde já, afirmo que esse estudo centrou-se numa localidade geográfica e numa outra simbólica, construída a partir da movimentação das pessoas e seus trajetos fora do distrito (o que chamei de *lugar ampliado*).

Outros dois autores fundamentais para o trabalho são Dumont (1985) e DaMatta (1985). Partindo do conceito de hierarquia do primeiro, e os de *casa* e a *rua*, do segundo, elaboro alguns dos principais argumentos da dissertação, os que envolvem a dominação feminina e a divisão entre público e privado dentro desse contexto de movimentação. Esses conceitos foram ligados ao que chamei de "princípio estrutural localizado", perspectiva básica dessa construção teórica por mim desenvolvida. Tentarei demonstrar sua validade para uma reflexão antropológica pois, embora tenha-me detido apenas na pequena localidade de Dias, não é improvável que o tipo de análise proposto seja aplicável em algum outro contexto.

No primeiro capítulo, faço uma apresentação mais compacta dos dados colhidos no campo, que apresentam breves históricos do município de Brasópolis e em seguida do seu Distrito de Dias, objeto desse trabalho. Segue-se uma longa descrição do ambiente local, de sua economia, seu ritmo cotidiano, etc.. O capítulo finaliza-se colocando em evidência as principais características do Distrito, introduzindo já o leitor ao universo de movimentação extrema, sobre o qual se basearão as reflexões do capítulo posterior.

Procurei desenvolver formas originais para o estudo dos fluxos constantes de pessoas. Depois de explicar as origens das minhas idéias na obra de Sahlins, procurei demonstrar essas reflexões teóricas, a partir das quais espero ter conseguido entender a movimentação. Em seguida, para justificar a necessidade de ver a movimentação como um *princípio estrutural localizado*, contrapus meus argumentos aos de vários outros autores. Continuo a argumentação tentando entender a dinâmica da formação histórica da movimentação,

acompanhando uma bibliografia sobre tempo e espaço, já que essas noções sofreram uma transformação gradual. Essas especulações encontram-se no capítulo dois.

O terceiro capítulo apresenta os dados referentes à análise da história política local, através da reconstrução da trajetória de vida de sua principal personagem: Antônio Gomes de Oliveira, considerado o coronel de Dias até final dos anos setenta. A reflexão foi feita tendo por base a história política de Minas e questões clássicas de dominação e liderança, relacionadas também com os argumentos do capítulo anterior. Além disso, começo a tratar da transformação política e econômica do distrito e suas relações com a movimentação. Analiso, por fim, como a vida e a falência de Antônio, no contexto histórico, foram fundamentais para que a movimentação viesse a se tornar o centro de um universo simbólico local.

O quarto capítulo trata do desenvolvimento dessa história após a morte do coronel e a falência econômica do distrito. A reorganização do campo político local foi acompanhada através da trajetória de uma pequeno núcleo de mulheres que veio a se tornar dominante. Esse "projeto de dominação" foi visto em sua relação com a movimentação e a construção do *lugar ampliado*, confirmando a intenção de entender a importância dos fluxos de pessoas. Essa trajetória feminina também trouxe conseqüências para as relações de gênero, pois resultou numa *inversão hierárquica* dos papéis de gênero. De fato, acompanharemos a história da exclusão dos homens do cenário político de Dias, resultado da ação dessas mulheres. Explicarei, portanto, o complexo processo de dominação desse núcleo de mulheres através dessa *inversão hierárquica*.

Se esse processo foi o centro das atenções no quarto capítulo, no quinto e último, analiso rapidamente o início de uma reação à essa dominação. Recorrendo a alguns dramas sociais acompanhados durante a pesquisa de campo, demonstro que a hegemonia dessas mulheres começa a ser contestada, ao menos no campo da política formal. Dois líderes homens começam a surgir nesse horizonte político, e começam a manipular aquela inversão hierárquica em seu favor. Veremos também como a memória de Antônio transformou-se em capital

simbólico, interpretada de formas diferentes ao longo das disputas políticas. Esse capítulo, entretanto, permaneceu mais especulativo que conclusivo, por se tratar da análise de um processo ainda em andamento.

O trabalho de campo foi realizado ao longo de 1996, com visitas regulares à Dias, facilitadas pela proximidade à minha terra natal, Itajubá. Além dessas várias visitas, nas quais me preocupei basicamente em levantar histórias de vida, permaneci em Dias durante parte de agosto e todo mês de outubro do mesmo ano, acompanhando o processo eleitoral e a vida cotidiana, num trabalho mais intenso, apesar de breve.

CAPÍTULO 1- ESTAÇÃO DIAS

Nesse capítulo procurarei informar o leitor sobre as características do Distrito de Dias, além de oferecer um panorama do município de Brasópolis, do qual Dias faz parte, comparando alguns dados entre os dois. Antes de mais nada, passarei pelos números frios de censos e de um levantamento da Emater de Brasópolis. Depois darei uma idéia mais viva do cotidiano do Distrito, através da narração de coisas que eu vi se repetirem e julguei serem representativas da vida nesse pequeno universo que é Dias. Trato também de algo fundamental para toda argumentação dessa dissertação, a movimentação. Procuro qualificar a multiplicidade de movimentos e entender como são constitutivos da política no nível local. Nos capítulos seguintes, proponho uma discussão mais teórica sobre a implicações que esses dados e situações trazem ao corpo da dissertação.

A)O município de Brasópolis

"*A cidade de Brazópolis que se acha localizada ao pé de um contraforte da serra da Mantiqueira, ao sul do Estado de Minas Gerais, é conhecida desde 1812*", assim começa o texto da *Enciclopédia Brasileira de Municípios*, referindo-se à construção da capela do Laje. Porém, o povoamento do lugar teve início apenas em 1838 numa área doada por Ana Chaves e seus filhos com Francisco Dias Chaves. A vila já foi parte de São João del Rey, Campanha e Itajubá, tendo se tornado município em 1901. Em 1912, trocou seu nome para Vila Brás, que mudou novamente em 1926, passando a ser "Brazópolis", em homenagem ao Cel. Francisco Brás Pereira Gomes, pai de Wenceslau Brás, presidente da República em 1914[1].

[1]Na época do levantamento realizado pela enciclopédia, 1955, O município ocupava uma área de 487 km2. Tem como coordenadas geográficas: latitude sul, 22° 28' 20"; longitude W 45° 37' 20"; altitude: 851m.

O censo de 1950 do IBGE, registrado pela enciclopédia, contou 22.934 habitantes no município, assim distribuídos:

localização da população	% sobre o total
cidade	16, 28
distrito de Luminosa	2,24
distrito Olegário Maciel	1,39
distrito Piranguinho	1,98
Quadro Rural	78,11
total	100

Nesse gráfico, o distrito de Dias ainda não existia como tal e está inserido no "quadro rural". Por volta de 1960, o Distrito de Piranguinho emancipou-se de Brasópolis.

Em relação às diferenças entre população urbana e rural entre 1950 a 1991, a situação se alterou, como no resto do país: o índice da população rural diminuiu de 78% para 53.6%, o que representa uma queda em termos absolutos de quase 60%[2] e, em termos relativos, 25%. A população urbana triplicou, em termos relativos, de 16 % em 1950, para quase 46,5 % em 1991; além de dobrar em termos absolutos. Mesmo assim, a região caracteriza-se pela grande população rural, em comparação às taxas nacionais, que demonstram que apenas 24,5% da população brasileira vive no campo, enquanto 75,5% vive na cidade[3]. Portanto, com mais da

[2]Mesmo tendo em vista que é prática usual discriminar áreas rurais como urbanas para aumentar a arrecadação do município, vemos que a queda é bastante acentuada.

[3]As taxas no estado de Minas Gerais são de 25% de população rural e 75% urbana. (IBGE,1991)

metade da população vivendo no campo, Brasópolis continua sendo um município essencialmente "rural", com o conseqüente predomínio da agricultura em sua economia.

Comparando com os dados mais recentes do IBGE de 1991, vemos que a população *decresceu* consideravelmente: a população total caiu de 22.924 habitantes para 13.682 em 30 anos. Mesmo considerando a emancipação do antigo distrito Piranguinho[4], vemos que a redução é muito acentuada, pois representa cerca de 40% da população total do município. Podemos dizer que o município vem diminuindo espantosamente em termos brutos e percentuais, já que os dados do IBGE de Itajubá[5] confirmam a taxa média de decrescimento da população em cerca de 1%[6] ao ano.

A conclusão que os dados nos oferecem parece óbvia: estamos diante um município caracterizado pela emigração, pois sua população vem diminuindo gradualmente, sem uma queda paralela no índice de natalidade. Brasópolis exporta sua força de trabalho, e mais tarde a recolhe novamente: um município que tem uma população circulante, em constante fluxo, como veremos adiante. E esse fluxo pode estar ainda se acentuando, conforme verificarei no censo que está sendo realizado pelo IBGE, onde deveremos encontrar mudanças nesse padrão de diminuição, pois parte da população migrante tem regressado devido ao fechamento de fábricas nos grandes centros, como constatei durante a pesquisa de campo, .

Em 1950, a principal atividade econômica era agricultura e pecuária, sendo o café o principal cultivo (61,63%), seguido do milho (12,68%), feijão (11,86%), arroz (7,7%) e outras. A pecuária era principalmente bovina e suína (59,47% e 30,04% respectivamente). Outros setores da economia do município eram pouco desenvolvidos, e entre eles se destacava o beneficiamento da produção agrícola[7]. Em 1983, o município continuava ainda basicamente

---

[4]Na época de sua emancipação, sua população representava apenas 2% da população total do município de Brasópolis.

[5]Depto Regional sudeste 2, DiPEQ\MG SEI.

[6]O IBGE projetou a população de Brasópolis, para os anos de 92, 23 e 94, com base nessa taxa, em 13.545, 13455 e 13338, respectivamente. Os dados do censo desse ano ainda não estão disponíveis na região, para confirmarmos ou não essa tendência de queda.

[7] Fonte: *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros.*

rural, como constatou a equipe local da Emater, através de seu levantamento de dados[8]. Porém, o café deixou de ser o principal produto, substituído por diversas culturas, sem o predomínio claro de alguma delas. O gado de corte e de leite continuam com seu papel de destaque, seguindo um padrão extensivo. São poucos os pecuaristas que trabalham com um regime semi-extensivo.

Pequenas propriedades são maioria e, ao lado das médias propriedades, representam 81,6% das propriedades imobiliárias do município. Conferindo os dados oferecidos pela Emater, constataremos que Brasópolis é um município de pequenas e médias propriedades, que empregam grande parte da mão de obra da região.

Propriedades - área	Nº de propriedades	Porcentagem
até 10 ha	442	41,1
de 10 à 50 ha	435	40,5
de 50 à 100 ha	113	10,5
de 100 à 200 ha	59	5,5
de 200 à 500 ha	22	2,0
de 500 à 1000 ha	4	0,4
TOTAL	1075	100

Desde 1940, nos mostra Wirth(1982:48), o sul de Minas era a região do estado com maior número de pequenas propriedades, como confirmam esses dados do censo de 1991. Essa característica parece ser muito importante, pois o fato de ser constituída por essa maioria de propriedades médias e pequenas trouxe conseqüências para a história política do município.

[8]Fonte: "Relatório Emater sobre as condições geográficas e socio-econômicas de Brasópolis". Brasópolis, 1983.

Como veremos mais adiante, o coronel local pôde, por ter sido o comprador de café mais bem sucedido, ampliar muito sua base de influência, já que podia negociar melhor com médios e pequenos produtores, que acabavam envolvidos numa relação de clientelismo.

B) Bairro dos Dias

Dias surgiu numa das áreas escolhidas para parada de trens da Malha ferroviária sul mineira, inaugurada em 9/11/1910, de cujas linhas seria um dos ramais, e teve seu nome inspirado no Alferes Antônio Dias Pereira. Esse ramal fazia a ligação entre Itajubá e Paraisópolis, passando por Brasópolis, e a antiga estação Dias ficava a cerca de oito quilômetros de Brasópolis, no caminho para Itajubá. O arraial da Estação Dias desenvolveu-se e, bem mais tarde, em 12 de dezembro de 1953, pelo decreto-lei nº 1039, o bairro foi elevado à condição de Distrito, com o nome de Distrito dos Dias. Entre alguns nomes que participaram da história da criação do distrito estão: o ex-vereador Antônio Gomes de Oliveira e Euclides Pereira Cintra. Guardemos desde já esses nomes, já que o primeiro, reconhecido hoje em dia como o grande benfeitor do bairro, será o centro das atenções no capítulo três e personagem muito importante no desenvolvimento dessa pequena história.

Agora vejamos alguns dados do relatório de 1983 da Emater sobre Dias: a população era de 490 pessoas, 34,5% das quais moravam na sede do distrito e 65,5% em outras áreas[9]. Desse total, 51.2% era composto por homens e os restantes 48.8% por mulheres. O núcleo principal do distrito possuía 39 famílias, algumas das quais não estavam ligadas a atividade agropecuária. Outros eram meeiros, arrendatários ou trabalhadores rurais. Lembremos que o censo de 1991 do IBGE constatou que os produtores rurais são igualmente distribuídos entre arrendatários, meeiros e ocupantes. Nos setores rurais do Distrito estão 69 famílias, divididas entre meeiros e trabalhadores rurais. A "comunidade" inteira contaria com 108 famílias. Os dados desse relatório da Emater, devem, no entanto, ter excluído os bairros rurais mais distantes.

[9]O relatório não especifica que áreas são essas, o que deve ser a causa das grandes diferenças nos números com relação ao censo de 91, do IBGE. Os bairros que fazem parte do Distrito, oficialmente, são Varginha, Fazendinha, Paiol Novo, Paiol Velho, Grotão, Paulistana, Campinho e Monjolinho.

Dados mais atuais do censo de 1991 do IBGE, nos dizem que a população de Dias é de 1777 pessoas. Assim, o tamanho da área pesquisada pela Emater e pelo IBGE parece ser bem diferente, o que explicaria a grande diferença nos números absolutos. Desse total, segundo o IBGE, 48,7% é composto por mulheres e 51,3 de homens (números, em termos proporcionais, bem parecidos com os da Emater); 9,5% dos habitantes habitam a vila, sendo considerados no censo como população urbana, e os demais 91,5% como população rural. Na microregião de Itajubá, a qual Dias pertence, o número da população rural é de 32%, enquanto na macroregião Sul/Sudoeste de Minas é de 28% e em Brasópolis, 53,6%. Dias apresenta, dessa forma, um quadro que contrasta acentuadamente com a média local, podendo ser visto como um conjunto de bairros rurais bastante grandes e dispersos. Por isso, foi impossível dar conta desse espaço em um mês de trabalho de campo, já que isso implicaria em grandes deslocamentos diários os dias (e como esse pobre antropólogo não tem condução, resolveu abster-se dessas grandes caminhadas). Optei por passar o mês na vila, pois por lá acabavam passando os moradores da zona rural do Distrito, e lá poderia obter informações mais sistemáticas pois, afinal, é um lugar que concentra a escassa população "urbana" de Dias.

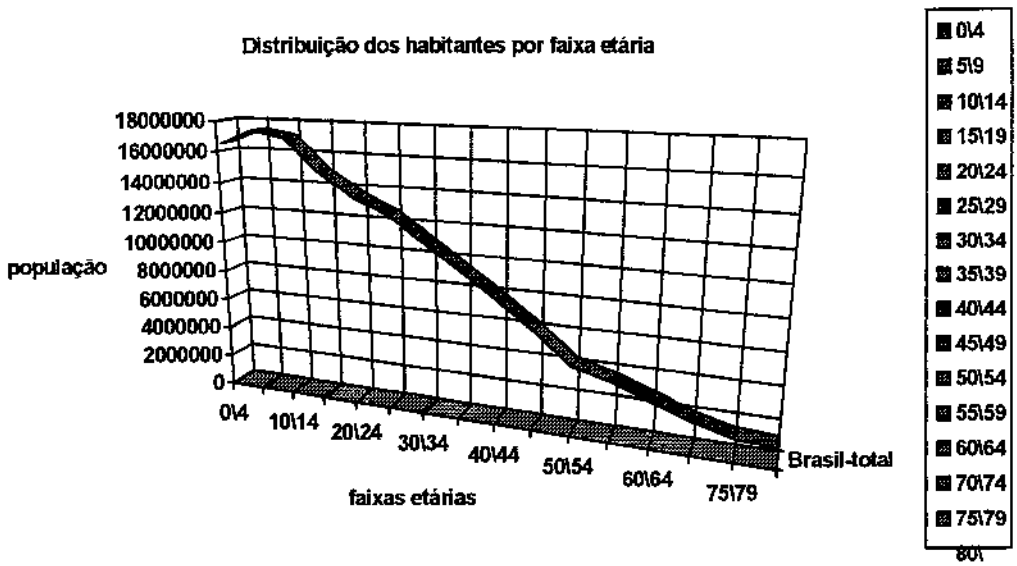
Outros dados do censo de 1991 do IBGE tratam da alfabetização dos seus membros (maiores de 5 anos de idade): 80,8% da população de Dias é alfabetizada; 77% dos habitantes de Brasópolis, 77,7% da população de Minas, 74,8% dos brasileiros. Assim, mesmo contando com uma população rural bem acima da média nacional, Dias conta com uma porcentagem de alfabetizados bem *maior* que a média nacional. No entanto, devemos considerar que a porcentagem de analfabetos caiu bruscamente desde 1950, e que estamos numa área "central" do país, bem próxima ao eixo Rio-São Paulo. Essa área provavelmente tem uma população alfabetizada bem maior que as áreas mais carentes do país. De qualquer forma, Dias é uma prova de que população rural e índices de alfabetização podem não ter relação entre si.

Os dados que tratam da relação entre pessoas e domicílios nos mostram que a média é de 4,17 pessoas por domicílio em Brasópolis e de 4,68 em Dias, indicando famílias maiores em

Dias que em Brasópolis. Isso pode nos levar a imaginar um índice de natalidade maior, devido a característica rural do Distrito; já que famílias rurais tendem a ter mais filhos, como demonstrei em outro trabalho (Rennó-Machado, 1994). Com relação a distribuição de habitantes por faixas etárias, temos o seguinte gráfico[10]

Aqui podemos ver que a população decresce a partir dos 20 anos, numa distribuição parecida à brasileira dos anos 70, quando a taxa de natalidade era muito acentuada, e a taxa de mortalidade também. Porém, no Brasil, como em Dias, essas taxas reverteram seus números: ambas diminuíram. Desta forma, a explicação para essa distribuição é a migração acentuada dos habitantes de Dias; e como vimos acima, também para os moradores de Brasópolis.

[10]Dados do Censo Demográfico 1991, resultados do universo relativos às características da população e dos domicílios, nº18, M.G., IBGE, RJ, 1991



Esse último gráfico representa a distribuição da população brasileira por grupos etários, sempre com os dados do censo de 1991 do IBGE. A intenção, ao colocá-lo, é acentuar a diferença de Dias em relação ao Brasil. Vemos que a diferença entre os dois gráficos está justamente nos grupo etários entre 14 e 40 anos, pois a queda no gráfico de Dias é mais abrupta que no gráfico brasileiro: proporcionalmente, Dias tem população menor, na fase economicamente ativa, do que a média brasileira, reforçando o meu argumento em favor da migração. A partir dos 40 anos as taxas assemelham-se, indicando que esses migrantes retornam a Dias, o que foi constatado no trabalho de campo.

C) Composição Física e Cotidiano de Dias

A vila de Dias é composta de 78 casas, com cerca de 15% delas vazias. A vila tem um formato retilíneo, próprio de uma vila que cresceu paralela a uma linha de trem. São apenas três ruas, na verdade uma grande rua e duas pequenas vielas paralelas. A igreja, a escola e o posto de saúde estão na parte mais alta da vila, formando uma das vielas; em frente a igreja está a praça, como era de se esperar, e a rua principal passa em frente ao outro lado da praça, paralela a entrada da igreja. Numa linha imaginária, paralela a linha de trem, construíram a rua. Para o outro lado está a rodovia, separada da vila por uma pequena várzea, cortada pela estrada de acesso à vila, toda plantada com quaresmeiras. É uma vila construída entre quatro linhas paralelas: a primeira, formada pela linha férrea, onde agora existe uma pequena viela; a segunda, a linha de casas que se construíram ao longo da primeira; a terceira, onde estão os lugares públicos (escola, posto e igreja) num nível um pouco superior e, por fim, a quarta linha, a rodovia que corre ao largo dessas três linhas.

Para dar uma idéia um pouco mais viva do cotidiano dessas pessoas vou citar um fragmento do meu diário de campo, quando resolvi descrever um dia comum em Dias. Eu escrevi assim:

> *"vou tentar dar um panorama da movimentação de Dias. De manhãzinha as pessoas saem para o trabalho na roça, para a escola (coisa que eu nunca consigo ver, pois não consigo acordar), depois a cidade fica um vazio (a não ser pelo som de Getúlio), com algumas pessoas conversando nas frentes das casas. A única venda que abre cedo é a da Amélia, que também é um bazar, e algumas pessoas vão comprar algumas coisinhas lá. Na hora do almoço aumenta um pouquinho o movimento, com algumas pessoas indo e voltando de casa, depois aquele silêncio novamente, interrompido pelas vozes de crianças brincando na quadra ou na rua. As mulheres ficam passando de um lado para o outro e vão conversar com suas comadres.*
>
> *Algumas cenas da tarde: Fiquei um bom tempo na venda, conversando com Getúlio e observando o movimento. Crianças entravam e compravam chiclete, ou chocolate. Uma mulher fez compras (arroz, detergente, etc) e colocou tudo na conta (muitas pessoas têm conta). Dois meninos entraram e pediram uma garrafa de pinga*

(isso mesmo), fiquei assustado e Getúlio não sabia dizer se era para eles, ou para o pai. Esses meninos moram numa fazendinha no bairro Varginha, aqui perto, e estavam de bicicleta, que parece ser o meio de locomoção básico das pessoas. E a maioria, apesar das roupas rasgadas, aspecto paupérrimo, tem suas bicicletas "de marcha", dessas modernas, com duzentas cores berrantes.

Lá pelas quatro, cinco horas o movimento aumenta, os homens vêm voltando do trabalho com suas enxadas nas costas, os pedreiros encerram o dia, e vão parando para conversar no caminho: aqui no seu Osvaldo sempre param para conversar um pouco em frente a janela; formam-se algumas outras rodinhas; quem trabalha fora vai voltando; outros encostam nos balcões e começam a beber a pinga do cotidiano (muitos não param tão cedo). Ainda nesse momento é hora dos jovens que estudam se reunirem para ir a escola, e vão passando com seus cadernos nas mãos e cabelos molhados do banho recém tomado. Eles estão indo em direção à estrada, para esperar o ônibus da prefeitura que os levará no colégio em Brasópolis. Contei nove até agora.

Por volta da seis esse movimento vai diminuindo e se não acontece nada como uma reunião do comitê ou algum culto, fica bastante quieto. Quando acontece, formam-se rodas na saída dessas reuniões e as pessoas conversam um pouco sobre a vida, o mundo e a política local e sobre os problemas atuais (Willian é o centro das atenções). Quando não acontece, o único barulho que se ouve é o dos jovens (alguns poucos) que se reúnem e ficam conversando, rindo e passando o tempo. Antes da 9:30 até mesmo esse barulho se encerra e nada mais acontece, todos se recolhem, e eu venho aqui para o meu amigo computer. A partir de então o som que se ouve é o dos cães se estranhando ou de alguma televisão muito alta... Todos tem televisões em casa, mesmo que seja preto e branco, alguns tem parabólicas, mas não é muito necessário, pois há uma antena de retransmissão no Observatório (Observatório Nacional Astrofísico do CNPq), e os canais mais assistidos (Globo, SBT, Bandeirantes) pegam muito bem com qualquer anteninha interna. A TV é parte do cotidiano das famílias, e o horário da novela é sagrado."

As coisas funcionam mais ou menos assim durante as semanas, alterando-se aos fins de semana, quando a praça fica mais cheia e muitas pessoas ficam nas ruas conversando; as vendas ficam cheias e vários jovens vão distrair-se nas cidades vizinhas.

Com relação às instituições públicas de Dias, temos uma escola, um posto de Saúde e uma igreja católica. A escola de 1° grau, é uma escola "geminada", com uma parte em Dias e outra na Varginha (bairro que faz parte do Distrito). As duas escolas funcionam como se fossem uma, e assim são contadas pela delegacia de ensino local. Atualmente a escola passa por uma crise bastante acentuada. Devido ao baixo número de alunos, que vem diminuindo, a

escola deixou de ter diretora, e o serviço de secretariado passou a ser feito pelas próprias professoras. A escola conta com duas professoras para o primário e uma para a pré escola e Ana, uma delas, descreveu a situação problemática: as turmas são multiseriadas, ou seja mais de um ano por sala ao mesmo tempo. Em uma sala assistem aula a primeira e segunda simultaneamente, enquanto a outra tem a terceira e quarta ao mesmo tempo. Na verdade, não são mais primeira e segunda, pois essas foram substituídas pelos nomes Ciclo Básico Inicial e Ciclo Básico Complementar (CBi e CBc), onde não existe reprovação do primeiro,CBi, para o segundo, CBc.

Além dessa dificuldade de duas turmas em uma, a escola sofreu um grande desfalque: o governo do Estado começou um programa de demissão voluntária e extinguiu os cargos abandonados, impedindo que eles sejam recriados. Num desses programas de demissão, a servente demitiu-se, e como era a única, a escola ficou sem quem fizesse esse tipo de trabalho. Não há quem limpe as salas, faça sopa, limpe as louças. As professoras se recusam a "improvisar" como faxineiras, e a situação de ensino ficou bastante prejudicada. No dia em que eu estive lá, por exemplo, as crianças foram dispensadas às dez horas, bem antes do horário normal. As professoras já procuraram a delegacia regional de ensino (DRE), mas a delegada não consegue resolver esse problema, por que ele se repete em várias localidades.

A escola está, como se vê, em situação bastante precária. No entanto, recebeu do governo uma televisão, vídeo, e antena parabólica, que ficam trancados na secretaria, devido as condições de segurança exigidas. Apenas duas professoras têm as chaves, e quase não usam a TV, pois estão na escola apenas no período da manhã, e nesse período dão aulas. Assim, não podem utilizar a TV na sala de aula, pois ela fica na secretaria, e não podem aprender com a TV escola, pois só ficam na escola durante as manhãs. Estas são as distorções do plano de educação estipulado pelo governo, limitando-se a estimular aspectos físicos, sem perceber a real necessidade de escolas como essa: funcionários e professores motivados.

O distrito conta com um posto de saúde rural, resultado da luta dos moradores do Distrito que, em conjunto com funcionários da Emater[11], se organizaram a partir de 1973 para levantar esse posto de saúde, fundado após 6 anos. Para a organização desse movimento, criou-se uma comissão pró construção do mini-posto de saúde da Vila, que corresponde às sementes do futuro comitê comunitário, objeto de análise cuidadosa mais adiante. Segundo o relatório da Emater, esse mini-posto é essencial para a saúde da vila, pois *"devido a uma deficiência alimentar, encontramos entre as crianças, uma redução no índice nutricional, gerando dificuldade na aprendizagem. Entre os jovens e adultos há uma falta de disposição para o trabalho, elevado consumo de álcool e até drogas* (pág. 6)"(!).

Essa é a vila de Dias, o seu núcleo central, local onde se concentrarão meus esforços nesse trabalho, que é apenas uma parte do Distrito de Dias, que incorpora vários bairros rurais ao redor. Desse modo, quando escrever Distrito de Dias estarei me referindo a totalidade do Distrito, e quando escrever Vila de Dias, estarei me referindo apenas ao núcleo central de Dias.

[11]Emater significa "Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural". É um órgão estadual, que tinha agências espalhadas pelas cidades de Minas.

D) O Distrito e o Trem

O bairro formou-se gradualmente a partir da instalação da Estação de trem em 1910, ao redor de qual foi se formando a pequena vila. A região, que já era razoavelmente habitada enquanto área rural, passou a ter um caráter de entreposto numa linha que ia de Itajubá a Brasópolis. Portanto, a vila já nasce em torno de uma idéia de movimentação entre cidades, de deslocamento. O que considero "lugar ampliado" começa a surgir com a sua criação. Mesmo quando a linha foi desativada, por volta de 1960, a rodovia já estava pronta. Como seguia paralela à linha de trem, passa paralela à vila.

A linha de trem, constituindo-se em apenas um ramal da rede sul-mineira, era planejada para se estender até Bragança Paulista, onde se ligaria à rede Mogiana. Porém, isso nunca aconteceu. O fato é que, por ser um ramal, a linha nunca recebeu a atenção que o tronco principal recebia, principalmente no que se refere a manutenção. No jornal "Brazópolis", de 1925 já liam-se críticas aos funcionários da rede, que eram acusados de descuidados, desonestos e até de roubo de cargas e bagagens.... Tentou-se fazer do ramal parte do tronco, ligando Brasópolis diretamente à linha principal passando pelo bairro de Olegário Maciel. Mas isso também não foi conseguido. O fato é que a ferrovia há muito vinha sendo acusada de ser deficitária e, a partir de 1962, já se lê no jornal rumores de que seria desativada. Ao mesmo tempo, prometiam a construção da rodovia asfaltada. Na verdade, parece que o governo de J.K. construiu a rodovia para desativar a ferrovia, que foi oficialmente extinta por decreto-lei, assinado por Jânio, em junho de 1963. A remoção da linha foi um grande choque para os cidadãos de Brasópolis e muito lamentada até sua execução.

Após essa data, temos quase um silêncio do Jornal Brazópolis, como se fosse necessário esquecer o que havia acontecido. Um artigo de B. Matos, que foi publicado depois que a ferrovia já tinha sido desativada, demonstra um pouco essa insatisfação: "*Continua a ameaça de supressão do ramal férreo Piranguinho-Brasópolis-Paraisópolis como é hoje, com*

a desculpa de que vamos ter uma estrada asfaltada - uma rodovia capaz de substituí-los"(Brasópolis, 14\07\1963, nº2013). Em outubro do ano de 1964, Brasópolis ainda não estava convenientemente ligada a BR126 (depois 225), por fazer a ligação entre a rodovia e a cidade apenas uma ponte de madeira em estado de franca degeneração. No nº 2085 do jornal, o prefeito Noé Serpa anuncia que tinha se aproveitado da antiga ponte da estrada de ferro, que não fora desmontada, para fazer a ligação necessária com a rodovia: mandou cortar alguns eucaliptos "centenários" e forrar o chão da ponte, tudo isso *antes* de consultar a Direção da estrada de ferro.

Assim a estrada de ferro foi substituída pela rodovia. Dias deixou de ser um entreposto necessário no caminho de quem ia de Itajubá a Brasópolis ou Paraisópolis, ou vice versa. Isso trouxe um inevitável refluxo econômico para os moradores de Dias. Por ali não passaria mais quem não estava diretamente vinculado à vila, já que a rodovia não passa pela vila, mais bem próxima a ela. Dessa forma, um grande número de pessoas deixou de descer em Dias regularmente, causando uma redução no comércio e uma certa estagnação econômica. Essa é uma história comum a várias cidadezinhas no interior de Minas, e quem viaja de Mogi-Mirim a Itajubá, pela rodovia, construída paralelamente a ferrovia, verificará o grande número de vilas com mais ou menos o tamanho de Dias, que também serviam como paradas intermediárias de trem, e que tiveram seu desenvolvimento estancado pela desarticulação da linha.

Porém, Dias estava num local que nas décadas de 60 e 70 viveria o reaquecimento da produção do café, garantindo um reaquecimento econômico da região e também de Dias, como vimos acima. Depois da crise do café na década de oitenta, a região vive uma segunda estagnação econômica, acentuada pela crise de desemprego nos grandes centros do sudeste e pela crise crônica da agricultura de pequena escala no Brasil. É nesse momento em que se realizou a pesquisa e no qual vamos situar as disputas políticas de Dias, demonstrando como se reconstruiu o espaço político após essa crise do café.

E) Economia Local

No distrito de Dias, a principal atividade econômica é a agricultura e criação de gado, sem dúvida. O relatório da Emater nos diz que "*O leite é comercializado em sua maior parte, através da cooperativa de Santa Rita do Sapucaí. O café é comercializado na própria comunidade, que possui uma máquina de beneficiamento, também comercializa-se este produto através dos compradores que atuam na região. O excedente dos produtos de subsistência são (sic) comercializados na região...*(relatório Emater:3)". Porém, na vila de Dias, a agricultura divide sua importância econômica com outras atividades profissionais, das mais variadas, que transportam para outra dimensão da vila e também do Distrito.

É o lugar das pessoas que moram em Dias, mas trabalham nas cidades circunvizinhas. Essas pessoas fazem de Dias uma "comunidade-dormitório", e representam um número relativamente alto, constituindo uma certa "elite" dentro do bairro, pois têm acesso a outras informações, a outros lugares e não dependem da agricultura para sobreviver. Com um salário regular no fim do mês têm garantida uma estabilidade econômica razoável, diferentemente dos agricultores que dependem muito de circunstâncias variadas, que no momento da pesquisa eram péssimas. Essas condições vão desde o tempo até políticas econômicas que, como se sabe, no momento são tenebrosas para esses pequenos agricultores, pois estando completamente fora do sistema bancário, não têm como conseguir qualquer tipo de empréstimo. Lembre-se que a pesquisa da Fundação Seade de 96 (Folha de São Paulo, 6/10/96) indica uma queda de 5% no total de empregos agrícolas na região sudeste.

Há também os que trabalham como assalariados na única grande fazenda do Distrito, chamada Paulistana, que tem 223 alqueires e estende-se até o município de Piranguçu. Essa fazenda pertence ao grupo Paulistano e nela se planta principalmente café; lá trabalham sete famílias, num sistema de colonato. Isto é, as famílias moram na fazenda em casas cedidas e têm um terreno para plantar hortifrutigranjeiros, e recebem um salário mínimo. Porém, as casas não

têm energia elétrica (isso mesmo) e o pagamento nunca é feito em dia, e a fazenda passa por uma crise acentuada. É nessa fazenda que trabalha, como administrador, o agrônomo "Lú", que foi o último vereador eleito pelo Distrito de Dias. As outras oportunidades de emprego em Dias são o "retiro", que é o lugar onde José Carlos, filho do coronel Antônio, produz leite para o laticínio da Parmalat em Brasópolis, num regime intensivo de confinamento; ou então, o trabalho de pedreiro em obras que estão sendo levantadas em Dias.

As pessoas que trabalham fora executam variadas funções; algumas estudaram e fizeram o curso superior, enquanto outras tem negócios variados: trabalham como radialistas, taxistas, caminhoneiros, vendedores, professoras, etc. Esses compõem a elite local não apenas pela maior segurança econômica, mas também pelo fato de ocuparem um lugar ampliado e fazerem disso uma legitimação para o papel político. Utilizam sistematicamente um discurso que envolve algumas palavras "nativas" fundamentais, ligadas às suas vidas de movimentação intensa e que têm um valor muito acentuado na vida cotidiana: "*Vivência*" (que no caso quer dizer vivência unicamente da experiência de movimentação), "*cabeça aberta*" (só quem sai de Dias pode raciocinar mais profundamente sobre a sua situação e pode achar respostas para seus problemas). Essa expressão também revela uma discriminação contra os que não saíram de Dias, chamados de "*gente pequena*", ignorantes, fechados às mudanças e preconceituosos... Para essa elite, "*Inteligente*" é quem viveu essa experiência de movimentação, sempre em oposição aos que permaneceram sempre na vila e não ampliaram os horizontes.

Peço ao amigo leitor que detenha-se um pouco mais no parágrafo anterior e retenha com atenção essas palavras nativas, que serão fundamentais no seguimento da análise que faço nos capítulos posteriores. Com esses termos se constrói, por parte dos que saíram ou saem constantemente de Dias, um discurso valorizando essa movimentação como algo estruturalmente diferenciador dos moradores, elaborando limites entre dois grupos separados entre as "trevas"[12] (não movimentação, ignorância, falta de estudo, trabalho manual) e as

[12]Aqui os termos foram inventados por mim.

"luzes" (quem conhece outros lugares, é esclarecido, cabeça aberta, não preconceituoso,etc.). Dessa maneira, construiu-se uma rede, estabelecendo uma elite política e econômica. É com esse discurso que essa elite justifica suas ações e aspirações. Mas é preciso ressaltar que se essa "elite" tem uma vantagem econômica sobre os demais, ela é bem menos acentuada do que pensamos quando falamos em "elite"; às vezes ela nem se concretiza de fato, e o discurso da movimentação é usado para criar uma diferenciação e delimitar diferenças "culturais" onde não existem muitas distinções econômicas. O fato, que é de fundamental importância para essa dissertação, é que a partir dessa noção de movimentação e não-movimentação se estabelece uma divisão social muito clara, o que afetará diretamente os processos políticos que pretendo analisar. Portanto, lembremos que essas distinções criadas constróem discursos de exclusão muito fáceis de serem percebidos e observados. Lembremos também que, em vários momentos que se seguem, remeterei os leitores amigos a essa passagem, na qual explico o fundamento do discurso de exclusão.

Mas até 1980, a situação era diferente: predominava no Distrito o cultivo do café, que até essa época ainda trazia bons resultados, e a "elite" era composta pelos grandes plantadores de café e pelo grande comprador e dono da máquina de beneficiamento de café, Antônio Gomes de Oliveira (aquele mesmo). Ele era visto como o grande coronel do distrito e grande "realizador" local. Era um homem de bastante influência política, que comandava a economia local como o maior comprador de café do município. Como a sua máquina de café estava em Dias, o Distrito vivia uma realidade econômica bem mais dinâmica do que hoje em dia. Mas o café entrou em crise e, com ela, a situação de Antônio Gomes de Oliveira mudou. Por volta de 1980, após grandes empréstimos realizados, uma grande geada acabou com a colheita, com a esperança e saúde financeira de todos os plantadores de café do local. Antônio faliu nessa oportunidade e veio a falecer três anos após, desestruturando a organização política local, antes estabelecida em torno de sua influência e atuação. Essa dissertação vai tratar do preenchimento gradual desse espaço político que se abriu com a falência de Antônio, a partir

dos anos oitenta. No capítulo três veremos essa história e seus desdobramentos com mais cuidado.

F) A Movimentação Constante

Como estive falando dessa vivência de movimentação, é preciso clarificar bem o que ela quer dizer e qual sua história dentro desse contexto. Para isso, voltemos ao relatório da Emater, que nos diz: "*Devido estar localizada às margens da rodovia MG-295, o acesso às cidades circunvizinhas torna-se facilitado. Há com isso uma constante oscilação populacional. Há dificuldade para reunir toda a comunidade, na realização de ações grupais. Dias pode ser identificada como comunidade 'dormitório'*[13]*, pois somente à noite, todos os membros das famílias retornam aos seus lares. Devido a esta característica as ações são desenvolvidas através de visitas domiciliares ou indiretamente pelo comitê comunitário.*"(relat. Emater: 1).

Essa é, na minha opinião, a principal característica da Vila: a movimentação das pessoas entre as cidades. O fato de ter-se transformado numa "comunidade-dormitório" implica em novas relações políticas e formas diferentes de exercer o poder. Essa dissertação visa entender esse processo de transformação de comunidade produtora de riquezas, através do café, para "comunidade-dormitório", e as conseqüentes mudanças na atuação política dos novos grupos que se formaram após a morte de Antônio Gomes de Oliveira.

Mas entendamos, de vez, como defino essa movimentação. Essa ocorre em dois níveis: um deles é o que vou chamar de movimentação regional mais ou menos duradoura e, outro, o da movimentação local "instantânea". Eu sei que são dois nomes muito bonitos, mas como seria muito estafante escrevê-los a toda hora, apelidá-los-ei de regional e local. O primeiro consiste de um movimento bastante comum às cidades do sul de Minas, nas décadas de 60 e 70. Corresponde a uma "onda" de migração interna, que levou grande parte das pessoas desses municípios para grandes centros próximos a região, em busca de melhores empregos, salários e condições de vida. Tenhamos em vista que São José dos Campos fica a menos de 130 Km da

[13] Dessa espressão surgiu o nome da dissertação, como se percebe.

região, e São Paulo a cerca de 200 e, como as condições de locomoção são boas, tornam essa movimentação bastante intensa, já que se não se encontram boas condições de trabalho, sempre é possível voltar. Nas décadas de 60 e 70, com o crescimento da industria no Brasil, e com o grande parque industrial de São José dos Campos em franca expansão, as condições de absorção de mão de obra não-qualificada eram bastante significativas. As oportunidades no comércio e no setor terciário em geral também eram favoráveis. Assim, um grande contigente de pessoas para lá se mudou, através de redes de parentesco. Essas redes existiam em profusão e é difícil encontrar uma família em Brasópolis, por exemplo, onde algum membro não tenha, em algum momento, morado em São José dos Campos ou São Paulo.

Essa movimentação regional implica em deixar o município de origem, mas não em perder o elo de ligação, pois a facilidade e a proximidade faz com que as pessoas sempre visitem a cidade de origem. Em vários casos, os migrantes voltam para as cidades de onde saíram após terem se aposentado. A relação com o município de origem continua muito forte, e as famílias criam redes por onde passam seus membros, mantendo os laços existentes. Essa movimentação familiar causa uma inevitável ligação com o município de origem, mesmo para as gerações que já nasceram nas cidades industriais, pois sempre se visita a cidade dos pais, passa-se férias, faz-se amigos, etc. Os que saíram continuam a se socializar nas cidades de origem.

Assim, essa movimentação regional geralmente não tem um caráter definitivo. Ela obedece a movimentos da economia nacional, aumentando nos períodos de expansão da economia e se retraindo em períodos de crise. Hoje em dia, a situação tem duas faces: a evidente retração da economia e o aumento do desemprego antecipou a volta de muitos migrantes que já estavam lá há bastante tempo; mas, por outro lado, a existência das redes familiares continua a levar outros migrantes para essas cidades, que em geral vão atrás de empregos já garantidos por parentes em melhores condições econômicas. Mas pode-se dizer que, atualmente, os migrantes voltam mais do que partem, marcando uma inversão no sentido

da movimentação. Durante a pesquisa de campo, conversei com pessoas que tinham voltado de São José dos Campos, por terem perdido o emprego, e que agora estavam tentando trabalhar na roça dos pais, coisa que alguns deles nunca tinham feito anteriormente.

A outra movimentação, mais citada nesse trabalho, abreviada como "local", não implica um abandono do local de moradia, no caso, do distrito de origem. Ela consiste em movimentar-se constantemente entre as cidades próximas, ou para trabalho, ou para estudo, ou ainda para fazer compras, ir ao médico, em busca de lazer, etc. Implica sempre num retorno à moradia de origem no final de algum tempo, que pode ser o mesmo dia ou até o prazo de uma semana. É uma movimentação rápida e fácil, devido aos meios de locomoção, e constante, devido ao seu caráter. Ou seja, uma movimentação característica de uma comunidade-dormitório.

Estamos, dessa forma, em meio a uma constante movimentação das pessoas entre as cidades vizinhas. Muitos trabalham em Brasópolis e moram em Dias, outros trabalham em Itajubá. Outros já foram tentar a vida em outras cidades, desistiram e voltaram, outros ainda foram viver em outras cidades e depois de muito tempo voltaram, já aposentados, para morar em Dias. Mesmo quem nunca saiu de fato de Dias está sempre indo a essas cidades para fazer compras, se divertir, etc (é bom lembrar que Dias fica na beira da rodovia que liga Brasópolis a Itajubá, São José, Pouso Alegre, etc.). A educação das crianças é também outro estimulador dessa movimentação extrema, pois a vila conta apenas com uma escola de nível primário, forçando as crianças e jovens a estudarem em Brasópolis (muitos fazem o curso técnico em eletrônica). A relação com Dias é marcada por essa característica de movimentação das pessoas, de comparação com outros lugares, por uma eterna divisão entre Dias e o "mundo". Inclusive, uma das funções do comitê (como veremos no capítulo 4) é negociar com a prefeitura a circulação de ônibus que atenda a essas necessidades de movimentação.

Para demonstrar melhor essa movimentação, seguirei a trajetória de algumas das pessoas que farão parte dessa dissertação, demonstrando como seus trajetos cotidianos

traduzem essa circulação constante e comum. Obviamente, os dois processos de movimentação apresentados acima se intercalam, e algumas pessoas passaram ou passam por ambos os processos. Primeiramente acompanharei a narrativa de José Miguel, que vive hoje em dia o que chamei de "movimentação local", ou ainda, "instantânea". Depois será a vez de Osvaldo, exemplificando uma trajetória da "movimentação regional". Por fim a família de "Fia", mostrando como seus filhos escolhem entre ambas as alternativas de movimentação que se apresentam.

José Miguel

Zé Miguel nasceu em 1940, em Dias. É o caçula de uma família grande e seu pai trabalhava como "camarada" numa fazenda grande que havia "atrás" da vila de Dias. Seus irmãos foram casando e saindo de Dias. Quando completou 14 anos, seu pai faleceu, tendo que se sustentar e à sua mãe. Zé Miguel continuou trabalhando nessa mesma fazenda. Dois anos depois, os donos da fazenda compraram um trator, onde aprendeu a dirigir e começou sua vida como motorista. Aos dezoito estava dirigindo o caminhão da fazenda e transportava mercadoria de uma fazenda para outra. Após o falecimento do dono dessas fazendas, conseguiu comprar o caminhão em prestações. Durante esse periodo, conseguiu estudar apenas os dois primeiros anos. Apenas após se casar completou o primário. Casou-se em 1962, aos 22 anos com M.ª Francisca (Santos) da Silva e tem seis filhos, três casados (duas mulheres e um homem) e outras três que trabalham em Itajubá. Até 1975, trabalhou como caminhoneiro, morando em Dias e saindo para trabalhar pelo país; depois vendeu o caminhão e comprou um carro "menor", uma kombi na qual ficava fazendo carretos, transportando crianças para a escola, etc. Em 1985, começou a trabalhar como taxista em Brasópolis e está lá até hoje.

José Miguel vive o que eu chamei de movimentação local, trabalhando em Brasópolis e vivendo em Dias. Toda a sua vida é a história dessa movimentação, sendo emblemática a

profissão de motorista, que seu único filho também segue, que acentua ainda mais o caráter de movimentação constante. Quando era caminhoneiro essa movimentação era ainda mais acentuada, e envolvia espaços maiores e maiores deslocamentos. Como José Miguel existem outros em Dias, seguindo um esquema parecido de ir e vir todo dia, ou de passar a semana em Itajubá e voltar para casa aos finais de semana, etc. Agora acompanharemos, rapidamente a trajetória de Osvaldo, que viveu uma movimentação regional, e depois de se aposentar voltou para Dias.

Osvaldo

Osvaldo Pereira Leite nasceu em 1932, em Dias. Seu pai era dono de um armazém, que hoje é o da Amélia. Estudou até o terceiro ano apenas, já que era muito difícil estudar naquela época. As estradas eram muito ruins, não havia condução regular, apenas o "trenzinho", como ele chamava, que também era muito ruim, porque quando chovia ficava quatro, cinco dias sem passar. Osvaldo ajudava na venda de seu pai, além de cuidar de um pedacinho de terra que tinha, onde trabalhava na lavoura, horta, tirava leite, etc.. Casou-se com 27 anos com Eunice Gomes, e mudou-se para São José dos Campos, onde ficou por três anos trabalhando numa empresa de ônibus. No entanto, afirma não ter se adaptado, mudando-se em 1965 para Itajubá, onde começou a trabalhar como caminhoneiro e, posteriormente numa empresa de ônibus circular. Depois entrou na *Pássaro Marrom*, fazendo a linha Itajubá-Aparecida-São José dos Campos até se aposentar. Ainda em 1970, antes de entrar na *Pássaro*, Osvaldo voltou para São José dos Campos, onde ficou apenas por um ano. Em 1980, pouco depois do falecimento de sua mulher, casou-se com a sobrinha dela, M.ª de Lurdes Gomes. Ela tinha 28 anos. Ficaram ainda um pouco em Itajubá, onde ele tinha uma casinha, mas em 1981 a vendeu e comprou outra em Dias. Teve um filho com a primeira mulher (que tem hoje 42 anos, é casado e está trabalhando como mecânico em Itajubá) e uma filha de 14 anos com a segunda, que

estuda em Brasópolis. Atualmente é aposentado, mas faz um "serviço" para Zé Miguel: dirige a kombi dele para pegar crianças nos bairros rurais e levá-las para a escola e vice-versa, serviço que Zé ganhou na Prefeitura e pelo qual Osvaldo recebe 120 reais.

Vemos assim uma trajetória de movimentação regional, de São José dos Campos para Itajubá e vice-versa; e depois uma volta ao lugar de origem, depois da aposentadoria. Osvaldo também trabalhou na emblemática profissão de motorista, acentuando o caráter de movimentação na vida local. Agora, depois de aposentado, faz o "circuito local" de movimentação, transportando crianças para a escola e se deslocando entre Dias e Brasópolis todos os dias. A situação de Osvaldo é também comum: outras pessoas voltaram para Dias depois de aposentados e lá estão trabalhando em outros negócios. As casas que estão sendo construídas em Dias, em geral, cumprem a função de alojar esses membros que estão voltando. Agora mostrarei a situação de uma família, onde o pai trabalha de caseiro numa casa de veraneio situada nas proximidades da vila, e seus filhos vivem essa movimentação.

Fia

Fia [Maria Benedita (Severiano) Silva] e seu marido, José Benedito da Silva, são caseiros de uma bela casa de veraneio de uma senhora de Guarujá, mãe da primeira mulher de José Carlos, que viremos a conhecer melhor em breve. São caseiros lá há seis anos e moram numa casinha separada, com três quartos. Fia nasceu na fazenda que agora é da Paulistano e lá cresceu, mas depois se casou com Benedito, que morou em vários bairros rurais ao redor de Dias, sempre trabalhando como empregado rural. O casal tem cinco filhos. Duas filhas estudam em Brasópolis, onde também trabalham: uma, como faxineira e, a outra, como empregada doméstica. Passam a semana em Brasópolis e vêm para Dias aos fins de semana. Uma outra filha parou de estudar e é quem toma conta da casa junto com a mãe, principalmente quando os donos da fazenda chegam e Fia tem que trabalhar para eles. Outra, a mais nova, estuda em Brasópolis, mas vai e volta todo dia com o ônibus que a prefeitura mantém para a locomoção

dos estudantes de Dias e região. O outro filho do casal mora em Taubaté, onde trabalha como servente de pedreiro, mas também volta para casa aos finais de semana.

Vemos que dos filhos do casal, quatro fazem esse circuito de movimentação local, e mesmo regional, no caso do único filho homem. Todos vivem em constante circulação entre Dias e as cidades vizinhas, exemplificando o que quero dizer com essa movimentação acentuada que é característica do distrito. Outros jovens fazem o mesmo percurso no que se refere aos estudos, indo e vindo todos os dias para as escolas de nível primário e secundário de Brasópolis. Alguns poucos fazem faculdade em Itajubá, à noite, pois a prefeitura cede um ônibus que sai de Brasópolis e vai para Itajubá regularmente, no período noturno. Assim, os jovens já vão se socializando nessa vida de estrada, ônibus e movimentação, como parte habitual do dia e da vida cotidiana. A concepção do lugar inclui mesmo esses outros lugares por onde passam habitualmente, tornando o lugar em que vivem maior que as próprias dimensões da vila, como veremos mais detalhadamente no capítulo a seguir.

Seguindo a trajetória dessas pessoas espero ter demonstrado a importância dessa movimentação para a análise de Dias, mesmo que a maioria, composta mesmo por agricultores, não o façam. Porém, devo ressaltar que esse discurso de exclusão é construído a partir da experiência dessa movimentação, que será decisiva para entendermos a organização da vida política local, da formação de grupos de interesse e da participação de certos indivíduos nesse cenário político. Assim, é preciso ressaltar que para o entendimento das relações políticas locais e dos confrontos entre grupos, torna-se necessário partir da análise dessa característica de intensa movimentação local, como farei no capítulo seguinte. Vimos também que é necessário entender essa característica a partir do contexto histórico, compreendendo como ela se formou a partir da criação da vila em função da estação de trem.

A história de Dias sempre esteve ligada a idéia de movimentação, primeiramente com o trem e, depois, com a rodovia. Esta movimentação viveu ritmos diferentes e tendeu a diminuir,

quando o distrito foi capaz de gerar as próprias riquezas, através do café. No entanto, ela nunca deixou de estar presente, de uma forma ou de outra. O importante é ressaltar que essa movimentação aumentou consideravelmente a partir dos anos oitenta, devido à crise econômica: alternativas tiveram que ser buscadas fora de Dias, acentuando a necessidade de movimentação. Muitos deixaram Dias, outros fazem dela uma "comunidade-dormitório". Essa situação em muito alterou a rotina das pessoas da vila, levadas a se acostumar com outro ritmo de vida; além disso, a própria concepção de poder mudou drasticamente: não existia mais o coronel Antônio Gomes de Oliveira, nem sua base político-econômica; não havia mesmo condições para que fosse substituído por algum parente. As condições mudaram, a situação transformou-se, influenciando também uma mudança na forma de buscar o poder. Esse será uma das preocupações centrais dessa dissertação; mas para melhor compreendê-la é preciso definir algumas escolhas teóricas e construir alguns conceitos básicos. Assim, passemos ao capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2

A) A construção de referenciais teóricos originais a partir da obra de Sahlins

Pretendo, nessa primeira parte, delinear alguns conceitos fundamentais para o desenvolvimento do trabalho recorrerendo principalmente a Sahlins, construindo uma base sólida para a análise etnográfica dos capítulos seguintes. O conceito de cultura de Sahlins, com os respectivos desdobramentos, será o balizador dessa análise; no entanto, tomei a liberdade de "ajustá-lo", tornando-o mais adequado ao estudo das características de um pequeno distrito no interior de nossa sociedade.

Essa dissertação pode ser entendida como um esforço para desenvolver uma análise própria a uma "antropologia do evento"[14]. Trata-se de uma tentativa de tomar um fato da nossa sociedade e examiná-lo como um evento, buscando as várias e complexas redes de relações que o envolvem. Esse trabalho utilizará alguns conceitos tomados à Sahlins — reconhecendo as dificuldades de sua terminologia[15] — para entendermos como se dá um processo de mudança na história política de Dias. Modificarei um pouco seus preceitos teóricos, além de desenvolver um conceito de "princípio estrutural localizado", derivado de sua noção de estrutura. Procurarei, então, demonstrar a validade dessa abordagem "alternativa" para o entendimento de situações sociais em nossa sociedade.

Inicialmente, tomo como exemplo a análise de Sahlins em *Ilhas de História*. Considero sua noção de estrutura prescritiva e de conjuntura[16] bem funcionais no contexto da nossa

---

[14]O título de antropologia do evento foi dado ao trabalho de alguns autores, como Gluckmann, Sahlins, Turner, por tratarem de *situações* históricas nas quais agentes e estruturas ficam expostos; e nas quais a análise pode ficar mais completa. Entre explicações estruturais ou baseadas na ação, esses autores preferam os eventos, que só são passíveis de análise tendo essas duas dimensões em relação.

[15]Como Sahlins está debatendo com vários antropólogos, principalmente Levi-Strauss, toma uma terminologia própria a esse autor e a linguagem corrente à antropologia. O termo "estrutura", por exemplo, tem conotações especiais na forma em que Sahlins a utiliza, como veremos.

[16] Sahlins considera que a "estrutura , que são as relações simbólicas de ordem cultural, são objetos históricos. Isso é dizer que há uma interação entre a ordem cultural (que é a mesma coisa que estrutura para o autor) enquanto constituída na sociedade e enquanto vivenciada pelas pessoas. A historização da estrutura se baseia na opção pelo

sociedade. Mas antes, cabe esclarecer que o conceito de estrutura de Sahlins é muito semelhante à própria definição de Cultura. A Cultura é vista por ele como um *código de ordenação* da realidade e seu conceito de estrutura é muito semelhante. Por exemplo, em certo momento ele define assim o que entende por estrutura: *"o que os antropólogos chamam de 'estrutura'- as relações simbólicas de ordem cultural - é um objeto histórico"(1990:8)*. Outra citação nos mostra uma integração entre esses dois conceitos: *"ao meu ver a questão principal destes ensaios reside na existência e na interação dual entre a ordem cultural enquanto constituída na sociedade e enquanto vivenciada pelas pessoas; a estrutura na convenção e na ação, enquanto virtualidade e enquanto realidade"(idem:9)*. Aqui estrutura e ordem cultural são utilizados com o mesmo sentido. Mas em certos momentos, Sahlins parece fazer da ordem cultural um macro-conceito: *"Essa é uma discussão ideal típica sobre como as estruturas se realizam no interior da ordem cultural e acima do curso histórico"(idem:11)*. Em outra ocasião, chega a separar estrutura e cultura: *"O que quero dizer com "estrutura da conjuntura" é a realização prática das categorias culturais em um contexto histórico específico, assim como se expressa nas ações motivadas dos agentes históricos..."(idem:15)*

A estrutura seria a realização prática de categorias culturais, constituindo-se, portanto, em dois conceitos diferentes. Essa é a confusão dos conceitos a que me refiro: Cultura permanece como um macro-conceito que dissolve o de estrutura. Isso em nada dificultou o trabalho de Sahlins para análisar as sociedades que estudou. Mas para estudar um distrito de um município, parte de um Estado-Nação, será preciso separar mais claramente esses conceitos e definir como serão utilizados.

---

enfoque na ação dos atores - "os significados são colocados em risco na ação"(Sahlins,1990:9). Sahlins faz uma distinção entre estrutura prescritiva e performativa: a primeira tende a assimilar as circunstâncias a ela mesma, enquanto a segunda tende a assimilar-se as circunstâncias. As duas são tipos ideais, não se encontram em "estado puro"; portanto toda sociedade tem um pouco das duas: algumas mais uma delas, outras menos. No sentido do meu texto, aplica-se mais a noção de estrutura de conjuntura, pois é a que age mais acentuadamente através da mudança: "O que quero dizer com "estrutura de conjuntura" é a realização prática das categorias culturais em um contexto histórico específico, assim como expressa nas ações motivadas dos agentes históricos (...) esta noção de *praxix*, enquanto uma sociologia situacional do significado, pode ser aplicada à compreensão geral de mudança social."(idem:15) O que é importante reter é a concepção de uma estrutura diacrônica, que muda através da ação dos agentes e através de situações inusitadas: no caso de sua explicação, a chegada de Cook ao Havaí.

Seguindo a análise de Sahlins, onde é dada essa indiferenciação entre cultura e estrutura, poderíamos ver nossa sociedade como sendo composta de vários grupos com estruturas próprias, as vezes bem demarcadas, as vezes em conflito entre estruturas diferentes. A essas estruturas corresponderiam "experiências de vida", guiadas por mapas cognitivos específicos. Poderíamos ver nossa sociedade sendo composta por várias estruturas em convívio. Mas o problema é que, em nossa sociedade, essas "estruturas" compartilham de uma cultura comum (entendida mesmo como um princípio de ordenação, pela definição de Sahlins), complicando sensivelmente a análise. Fica difícil enxergar estruturas conflitantes dentro de uma mesma cultura, pois o que está em conflito não são estruturas nos termos aos quais estamos acostumados a lidar, mas algo diferente, como veremos. A "saída" é separar, teoricamente, cultura e estrutura sem perder essa possibilidade de explicação, ou essa linha hipotética de raciocínio exposta acima, possilbilitada por uma leitura da obra de Sahlins. É nesse momento que o "princípio estrutural localizado" nos ajudará.

Sahlins vê a estrutura como um código de ordenação da realidade, meio indistinta do conceito de cultura, embora a defina também como a realização prática da ordenação cultural. Na minha análise a cultura é, também, um código de ordenação da realidade, seguindo Sahlins. Porém - e aqui acrescento algo de novo - essa ordenação é realizada diferentemente através de princípios estruturais localizados e específicos. Ou seja, o conceito de estrutura de Sahlins é transmutado no conceito de princípio estrutural localizado. Em Estação Dias, por exemplo, pode-se encontrar um "princípio estrutural localizado" que organiza a vida das pessoas do bairro, estabelecendo um padrão. Quero dizer: o princípio estrutural que ordena as vidas das pessoas dessa vila é aquilo que produz um padrão nas suas formas de viver dentro da sociedade brasileira, abarrotada de universos simbólicos conflitantes, submetidas a um Estado-Nação que impõe suas regras e leis, num período de acumulação flexível do capital, vivendo sob sua influência econômica, de um sistema cultural regional e nacional.

Mesmo considerando todas essas influências, comuns a vida de qualquer vila, bairro, cidade ou comunidade no nosso país, é possível ainda achar algo de específico dentro desse micro-universo social, simbólico, econômico, etc. Esse micro-universo compartilha de ideologias comuns à sociedade brasileira, porém tem características que são específicas e que geram códigos e sistemas simbólicos compartilhados (que podem ou não ser encontrados em outros lugares). Esse é o espaço do "princípio estrutural localizado", como vou chamá-lo, utilizado como artifício de explicação. Mas antes, cabe dizer que se esse princípio é localizado, é fundamental para entender a dinâmica da vida de Dias. É o organizador fundamental, que permite entender as necessidades e especificidades locais, individuais ou coletivas, dentro do contexto nacional.

Mas qual a vantagem e a necessidade dessa alteração teórica? É que dentro da nossa sociedade marcada por diferenças regionais significativas, é possível explicar padrões locais de vida, sem ter que definir esses padrões como "estruturas diferentes" dentro da sociedade, como uma leitura obediente de Sahlins, numa transposição de seus argumentos para a nossa sociedade, nos faria ver[17].

---

[17]Esse conceito de princípio estrutural localizado é, obviamente, inspirado em Evans-Pritchard. Inicialmente, esse autor entende a estrutura como uma abstração que se constrói a partir da observação das relações sociais em andamento em uma sociedade. (*"O antropólogo social não se contenta somente em observar e descrever a vida social de um povo primitivo mas procura revelar sua ordem estrutural subjacente, os padrões que, uma vez estabelecidos, lhe permitem vê-la como um todo, um conjunto de abstrações interrelacionadas."* Evans-Pritchard, apud Zaluar, 1975:238 [grifo meu]). Como se vê, essa não é a estrutura de Radcliffe-Brown (nem a de Durkheim), pois é uma abstração construída a partir da observação, que não se encontra na morfologia da sociedade, e não é constituída de órgãos que funcionam para a sua manutenção, mas é uma estrutura organizada segundo um princípio. Esse princípio, no qual me inspiro, entre os Nuer, por exemplo, como ficou eternamente conhecido, é a segmentação estrutural: um processo permanente e contraditório de fissão e fusão. Segundo Pocock, citado por Dumont, "Passando de Radcliffe-Brown à Evans-Pritchard, encontramos então um movimento da função à significação" (apud Dumont, 1986:VI [traduzido do francês por Artionka]). Para esse autor, o princípio estrutural de Evans-Pritchard é uma estrutura mental, pensada em termos de oposições conceituais num sentido depois "tornado" estruturalista por Levi-Strauss. Embora essa seja uma afirmação ousada, não deixa de ter seu charme. Mesmo que estejamos longe de um estruturalismo, nos termos em que ficou conhecido posteriormente, estamos também muito longe da estrutura "Radcliffe-Browniana", que dominou amplamente a antropologia inglesa, mesmo depois de Os Nuer. Ou seja, temos realmente um passo no sentido da significação, pensada como foi pelos teóricos franceses. Meu princípio estrutural localizado seria algo semelhante ao princípio estrutural Evans-Pritchardiano, porém de uma forma inflexionada, pois explica situações locais dentro de um contexto cultural comum, não toda a cultura, como a Nuer.

Bourdieu (1977) pode nos ajudar nessa tarefa de adaptar um "arsenal" teórico às nossas necessidades específicas. O que venho chamando como princípio estrutural, na definição que propus, a partir da leitura de Sahlins, pode ser comparado ao *habitus* de Bourdieu. O interesse de Bourdieu em atentar para o princípio de produção da ordem observada, e construir uma teoria do modo de produção de práticas, levou-o a construção do conceito de habitus: *"The strutures constitutive of a particular type of environment...produce habitus, systems of durable, transposable dispositions, structured structures predisposed to function as structuring structures, this is, as principles of the generation and structuring of practices and representations which can be objectively "regulated" and "regular" without in any way being the product of obedience to rules..."*(Bourdieu, 1977:72)[18].

Um dos efeitos do *habitus* é a produção de um mundo do senso comum, garantido por um consenso em relação ao significado das práticas e do mundo: *"The homogeneity of habitus is what - within the limits of the group of agents possessing the schemes (of production and interpretation) implied in their production - causes practices and works to be immediately intelligible and foreseable, and hence taken for granted."*(idem:80) Assim, o interesse também recai sobre a socialização do indivíduo. O habitus produz um compartilhamento de uma visão de mundo e de ações que façam sentido para os membros dos grupos: *"... the habitus could be considered as a subjetive but not individual system of internalized strutures, schemes of perception, conception, and action common to all members of the same group or class and constituting the precondition for all objectification and perception: and the objective coordination of practices and the sharing of a world-view could be founded on the perfect impersonality and interchangeabily of singulars practices and views."*(idem:86).

---

[18]Seguem algumas outras (das muitas) definições do habitus dadas por Bourdieu: "The habitus is precisely this immanent law, *lex insita*, laid down in each agent by his earliest upbringing, which is the precondition not only for the co-ordination of practices but also practices of co-ordination"(Bourdieu, 1977:81); "In short, the habitus, the product of history, produces individual and collective practices, and hence history, in accordance with the schemes engered by history."(idem:82); ou ainda, "...habitus (...) functions at every moment as a *matrix of perceptions, appreciations, and actions* and makes possible achievement of infinitely diversified tasks..."(idem:83)

O meu princípio estrutural poderia ser semelhante ao *habitus*, na medida em que é produtor de certas práticas, porém não é por acaso que eu coloquei esse conceito ao lado daquele de "estrutura", que é a realização prática da ordenação cultural, ou seja, da cultura através dos princípios estruturais localizados. Em Dias, encontraremos formas diferentes de ver o mundo, sistemas de praxis que embora sejam muito diferentes, são fruto da mesma "matéria-prima", i. e., da msma cultura, e organizados pelo mesmo princípio estrutural. Assim, para certos membros do comitê, algumas atitudes dos participantes da antiga coordenação da Igreja, simplesmente *não fazem sentido*, como veremos. Antecipando um pouco os fatos, como exemplo, quando esses últimos vetaram o uso do salão paroquial para atividades consideradas vitais pelos membros do comitê (como cursos de costura), esses não conseguiam entender por quê. Estou falando, desse modo, de práticas diferenciadas, inclusive em seu *sentido* para membros de uma vila de menos de quatrocentos habitantes; falo do que seriam *habitus* diferentes. Nesse sentido, a explicação da vida política da vila (minha intenção central nesse trabalho) seria impossível através do conceito de habitus apenas, pois mesmo através de uma cultura comum (nos termos que expus acima), as diferenças políticas e visões de mundo divergentes em função de escolhas alternativas tornariam o conceito de *habitus* menos produtivo nessa relação.

Porém, mesmo através de práticas diferenciadas, é possível encontrar algo específico e determinante na vida dessas pessoas. Esse algo, que chamarei de "percepção ampliada de lugar" (e que será, mais adiante, explicada) é o próprio princípio estrutural, e estaria "atrás" desses *habitus* diferenciados. Essa percepção ampliada de lugar não poderia ser chamada de *habitus*, pois apenas ordena a vida de "grupos" com uma linguagem comum, apesar das visões de mundo alternativas, projetos políticos diferentes. Além do mais, Bourdieu estabelece alguns outros critérios para a noção de habitus: "*The habitus is the product of the work of inculcation and appropriation necessary in order for those products of collective history, the objective structures (e.g. of language, economy, etc.) to succeed in reproducing themselves more or less*

completely, in form of durable dispositions, in the organisms (wich one can, if one wishes, call individuals) lastingly subjected to the same conditionings, and hence placed in the same material conditions of existence." [grifo meu (idem:85)]. Portanto, o *habitus* é fruto da ação que produz a reprodução de suas estruturas objetivas através do tempo nas mesmas condições materiais de existência[19].

Entretanto, em Dias, como no resto do país e do mundo, essas condições têm mudado intensamente, e também as próprias condições objetivas. Assim, numa sociedade multifacetada e em constante mudança, a utilização do *habitus* de Bourdieu seria bastante complexa, devido ao excesso de conjuntos de práticas que poderiam ser chamados de habitus: só em Dias, é possível fazer uma clivagem de diferentes conjuntos de práticas dentro de um quadro de disputa política. E no panorama da vida social é possível encontrar outros ainda, se pensarmos em pessoas que nem participam da disputa política, como os "descamisados" sem perspectivas de vida e sem condições materiais para seguer participarem dessas disputas. O conceito de *habitus* trás uma noção de continuidade e estabilidade de práticas e "estruturas objetivas" (na linguagem de Bourdieu) que não são encontradas em Dias. Por isso, minha opção foi uma adaptação a partir da obra de Sahlins. Porém, certas considerações de Bourdieu sobre o uso do tempo na explicação sociológica e do conceito de ação, além de suas críticas a um modo "objetivista" de fazer antropologia, serão aqui fundamentais.

Dessa forma, o nosso princípio estrutural localizado é diferente, no sentido de promover práticas que podem ser contraditórias. Por ser a "linguagem" que codifica as disputas por poder, o leque de práticas que permite analisar é enorme, em contraposição com o habitus de Bourdieu. De fato, o princípio estrutural está (teoricamente) atrás do habitus,

---

[19]Em outra situação, Bourdieu nos dá uma definição de Habitus um pouco diferente, onde as leis costumeiras são "...product of a small batch of schemes enabling agents to generate an infinity of practices adapted to endlessly changing situations. without those schemes ever beeing constituted as explicid principles (...) the schemes of perception and appreciation deposited, in their incorporated state, in every member of the group, i. e. the dispositions of the habitus."(Bourdieu, 1977:16\17). Aqui o habitus se torna mais um esquema de percepção do que conjunto de práticas (estruturas estruturadas que agem como estruturas estruturantes), aproximando-se da minha definição de princípio estrutural; porém a aproximação fica aqui, pois a definição de habitus mais adiante no texto retoma a forma mais conhecida, afastando-de dessa idéias de um "small batch of schemes".

propiciando até mesmo que certas práticas se prolonguem, através de princípios como os da definição de habitus de Bourdieu A vantagem, no entanto, é que pode ser explicativo no entendimento das mudanças de práticas, fermentadas pelas disputas políticas que se inserem em uma comunidade. Práticas novas que são fruto do mesmo princípio estrutural.

Vincent (1986), discutindo abordagens teóricas processuais e sistêmicas na antropologia entre 1974 e 1986, cita uma separação feita por Turner entre seu trabalho e o de Geertz, no que tange ao processo simbólico, e parte da antropologia americana, na qual podemos localizar Sahlins. Vincent nos diz que, segundo Turner, os autores dessa última escola tenderiam a ver a cultura como algo sempre coerente, diferentemente dele e Geertz. Essa crítica faz certo sentido, no que diz respeito ao trabalho de Sahlins, pois mesmo historicizando a cultura/estrutura, ele a vê como algo único que tem sempre uma certa direção, como uma "coisa" que muda aos poucos. Questões de poder e classe, sempre evidentes em situações nos Estados-Nação, como é o caso do distrito que estudo, não são bem examinadas por seu tipo de análise. Porém, considero esse um problema de ênfase, que pode ser resolvido com a separação realizada entre cultura e estrutura.

Na verdade, estou diferenciando cultura e estrutura, coisa que não é feita por Sahlins. Essa separação é muito interessante para o estudo da nossa sociedade, pois tratamos de uma cultura mais abrangente (regional, nacional) e diferentes padrões de vida (princípios estruturais localizados) em seu interior. Assim, renovo o instrumental teórico inspirado em Evans-Pritchard: de um lado, limitando o poder de explicação do seu famoso princípio estrutural, mas considerando ainda, como ele o faz, que esses princípios estruturais estão na mente do indivíduo atuando num contexto estrutural[20]; por outro lado, historicizo esse princípio, como Sahlins historicizou as estruturas, permitindo tratar de processos de manipulação de princípios estruturais diferentes, como nos mostrou, por exemplo, em seu texto "Cosmologias do

[20]Dizer que esses princípios estão nas mentes das pessoas não é dizer que são inatos, como poderia se pensar. Eles estão na mente devido a um processo de socialização e vivência a partir desse princípio estrutural localizado, não por que nasceram com ele, é claro.

Capitalismo: O Setor Trans-pacífico do 'Sistema Mundial'", no qual demonstra os modos pelos quais as culturas "nativas" assimilavam as características do capitalismo segundo suas próprias leis, e vice-versa[21].

Por outro lado, procurarei incorporar questões de disputa política e econômica a esse tipo de análise, demonstrando como os princípios estruturais são diferentemente realizados em disputas entre grupos adversários, numa tentativa de legitimação de uma perspectiva própria de visão de mundo, ou de ideologias. Por exemplo, disputas que envolvem classes sociais, grupos de interesse dos mais variados, em busca de uma ideologia nacionalista hegemônica (Fox, 1990), grupos que questionam essa hegemonia com ideologias alternativas, podem ser iluminadas segundo essa perspectiva teórica.

Vamos, então, recapitular (afinal vocês já começam a ficar confusos): O conceito de Cultura de Sahlins continua valendo na minha explicação. Para definir o que ele tratou como estrutura, indiferenciadamente vista como cultura, crio um conceito de princípio estrutural localizado, que organiza, ao nível local, estruturas específicas e diferentes seguindo o mesmo código de ordenação cultural. Se na análise de Sahlins a estrutura/cultura era historicizada, segundo a minha perspectiva, a cultura é historicizada e também o princípio estrutural localizado, em ritmos próprios que podem ou não coincidir. Em que medida esses ritmos se influenciam e catalisam mudanças em um ou outro é outra questão, a ser analisada especificamente, não sendo objeto da minha pesquisa. Temos assim, dois códigos culturais de ordenação: um mais amplo, e outro mais restrito, o princípio estrutural. O segundo trabalha de acordo com o código do primeiro, estabelecendo diferenças no nível local. Temos ainda, o reconhecimento de que questões de poder são fundamentais para a análise e que grupos

[21]Sahlins descreve, por exemplo, como comerciantes ingleses guiados pelo desejo do chá, amplamente desejado na inglaterra, se submeteram ao desejo de prata dos chineses, para quem essa era a única mercadoria desejável, em troca de suas especiarias. Toda tentativa de comerciar outras manufaturas é frustada. Em seguida nos demonstra como comerciantes americanos trocam sândalo das ilhas do pacífico com o chá chinês: no Havaí, esse comércio de sândalo provocou o acirramento das disputas internas entre chefes locais, através da ostentação de bens ocidentais. A cada cultura corresponde uma historicidade, e o capitalismo é "assimilado" segundo características específicas a essas historicidades.

marcados por diversas características disputam a partir do nosso princípio estrutural. É preciso ver, inclusive, que esses grupos podem ser responsáveis por mudanças graduais nos vários princípios estruturais existentes dentro de uma cultura (como a definimos) e por mudanças, também, na própria cultura.

Estou, assim, de acordo tanto com Sahlins como com Bourdieu, para quem a análise da prática tem que incorporar a dimensão tempo, pois quando esse é anulado a prática é identificada ao modelo. Segundo Bourdieu, a ciência reifica a prática ao eliminar o tempo, pois práticas são constituídas pelas suas estruturas temporais, direção e ritmo, são constantemente "auto-reguladas" pelo agente no decorrer de sua ação, a partir dos dados que lhe são fornecidos. Não há lugar para explicações mecânicas baseadas em modelos, quando as coisas que aconteceram tornam-se as únicas, o futuro único e necessário. O social, segundo o autor, trás uma incerteza que pode mudar a representação e\ou a própria prática.

B) Visões alternativas de cultura e suas relações com os referenciais teóricos propostos

Existem visões diferentes da cultura, como por exemplo a de Fox (1990), que vê a cultura nacional como algo maleável e móvel, um resultado de um constante processo de produção cultural, moldada através de confrontos entre grupos divergentes. Ao afirmar o caráter transitório da cultura nacional, Fox está dando ênfase para uma condição histórica a que está submetida a cultura (ou, nos termos de Sahlins, a estrutura), coisa que Sahlins tanto ressalta em *Ilhas de História*, porém sem a ênfase dada por Fox ao conflito.

Segundo Fox, *"we need to show individual projects and group confrontations in the creation of national culture"* e que *"the outcomes are predetermined neither by a universal form that nationalism must take nor by a weighly and hardened cultural tradiction"*(idem:7). Aqui, começo a discordar de Fox, pois a atenção para o caráter transitório do que chamamos de cultura e olhá-la como um "front" de disputas parece ser interessante, porém vejo um certo exagero na dose. Querer colocar todo o peso das mudanças nos indivíduos representa a perda

de uma dimensão estrutural, que na minha opinião é fundamental para a análise de situações sociais, algo que é colocado no tipo de análise que pretendo fazer.

A cultura, então, é assim definida por Fox: *"Culture... is not a heavy weight of tradiction, a set of configurations, a basic personality constellation that coerces e compels individuals. Culture is a set of understandings and a consciousness under active construction by which individuals interpret the world around them."*(idem:10)[22] Essa definição, em minha opinião, exagera a transitoriedade da cultura, ao perder uma dimensão estrutural, focando basicamente nos indivíduos e seus conflitos. Na verdade, a luta pelo que Fox chama de ideologia nacional se dá num campo já significado, isto é, marcado culturalmente, e os entendimentos se dão a partir de um patamar comum. Não é possivel lutar por qualquer coisa, ou defender qualquer ideologia nacional. Há limites que são impostos por uma cultura dentro da qual os grupos se confrontam: um grupo organizado, no Brasil, não poderia pretender uma hegemonia através de um discurso radical islâmico. A cultura, no modo em que a vejo, está atrás das disputas informando grupos com "dados" comuns, a partir dos quais se constroem diferenças; ou seja, a cultura tem algo de tradição e constrangimento, algo que Fox evita discutir.

A luta por diferentes visões de mundo, a partir de disputas por espaços políticos, é completamente genuína e merece a atenção que Fox exige. Essas diferentes visões podem, inclusive, ser responsáveis por mudanças culturais "a partir de dentro" (e não apenas no contato intercultural como Sahlins sempre enfatizou), porém essas lutas estão sempre limitadas a um refencial comum, que é a própria cultura. Portanto, as mudanças culturais ocorrem sempre num rítmo mais lento do que o defendido por Fox, lembrando que nem sempre visões diferentes de ideologias nacionais significam mudanças culturais: projetos diferentes para uma nação podem nem questionar valores culturais, podem pregar um retorno a velhos costumes perdidos, etc. O repertório cultural é um constrangedor, embora Fox não queira aceitá-lo.

[22]Apesar da crítica estar endereçada à Ruth Benedict, essa citação é interessante para demonstrar, no contraste a essa tradição americana, como Fox se posiciona com relação ao conceito de Cultura.

Geertz, por exemplo, vai muito mais longe ao definir cultura, pois para ele "*A cultura é melhor vista ... como um conjunto de mecanismos de controle - planos, receitas, regras, instruções (o que engenheiros chamam de programas)- para governar o comportamento*" (1989:56). Ele, "o interpretativista", não abre mão dessa perspectiva estrutural na sua análise, nem os autores nos quais baseio minha análise e vários outros. Ao longo do trabalho tentarei mostrar como o meu "princípio estrutural" permite a legitimação de diferentes discursos numa disputa política entre grupos em Estação Dias, reforçando o meu ponto de vista.

Outros autores (Gupta & Ferguson 1992), por outro lado, defendem um cuidado maior na definição do que é uma cultura nacional, devido ao que consideram uma reificação e naturalização da relação entre cultura, lugar e pessoas. Esses autores, baseando-se em Malkki, salientam a necessidade de dois naturalismos serem mudados, o "hábito etnológico" de ligar grupos culturalmente unitários aos seus territórios como naturais; e o hábito de tomar associações de cidadãos de estados e seus territórios como natural (idem:11). Segundo esses dois autores "*anthropologists still talk of 'American culture' with no clear understanding of what that means, because we assume a natural association of a culture ('American culture'), a people ('Americans'), and a place ('the United States of America'). Both the ethnological and the national naturalisms present associations of people and place as solid, commonsensical, and agreedupon, when they are in fact contested, uncertain and in flux.*"(Gupta & Ferguson 1992:12)

Fica claro que concordo plenamente com a noção de "fluxo" da cultura, assumida completamente pelos pressupostos teóricos acima levantados. O uso da definição de cultura de Sahlins me permite, assim, enxergar as culturas nacionais. Ainda acho possível pensar, de algum modo, numa cultura americana ou brasileira, mesmo com todas as variadas formas de vida e visões de mundo conflitantes que essas culturas possam abarcar, mesmo tomando a construção de lugar como um dado fundamental para a análise. É o que pretendo fazer me apoiando num conceito de cultura brasileira ligada, obviamente, ao desenvolvimento do

Estado-nação brasileiro[23] e, portanto, ligada a construção de um lugar específico. A cultura nacional é vista aqui como tendo sido construída num processo de disputas políticas, mas ela de fato existe e é um dado fundamental para entendermos a nossa realidade. Tratá-la assim não é reificá-la, como temem tais autores, mas trabalhar com ela dentro de novos parâmetros, como vimos acima. As diferenças dentro dessa cultura, vinculada a um território, é que são muitas e meu trabalho trata de uma delas, através do princípio estrutural localizado.

A própria Malkki (1992) pretende repensar a questão das raízes (lugar) em relação à identidade e às suas formas de territorialização, questionando noções comuns que vinculam identidade e território. Segundo a autora, a identidade tem se referido cada vez mais a desterritorialização de "terras natais", "culturas", etc; e o meu próprio trabalho procurará demonstrar uma construção alternativa da relação entre identidade e lugar, como se verá adiante, quando tratarei do princípio estrutural localizado. Essa autora, como os demais, demonstra como populações desterritorializadas ao nível internacional reconstroem o território em outro lugar. Meu estudo demonstrará deslocamentos e desterritorializações dentro de um território nacional, acrescentando algo a esses estudos sobre migrações. O que chamarei de "lugar ampliado" nada mais é do que uma forma alternativa de construção de um território próprio, realizada a partir de práticas de movimentação.

Malkki usa o termo de Appadurai, "encarceramento do nativo", para acentuar uma crítica à imobilidade que teoricamente tem se estabelecido entre cultura e território. Gupta & Ferguson enfatizam tal posição, nos dizendo que não devemos ver o mundo como composto por *"... separate and discrete 'peoples and cultures', and see instead a difference - producing set of relations"* e assim nós poderíamos *"turn from a project of juxtaposing preexisting differences to one of exploring construction of historical process"*(1992:16).

---

[23]Em outro trabalho já discuti a formação do conceito de nação brasileira a partir do futebol enquanto a expressão máxima dessa nacionalidade. Nesse trabalho relacionei a formação da cultura brasileira e um processo sócio-histórico que se desenvolveu nos últimos cem anos. Me apoei em considerações de Elisa Reis (1983), que verificava uma dissintonia entre a formação do Estado brasileiro e a Nação brasileira, e onde essa autora procurava dar conta da formação do Estado. Eu, por minha vez, procurei entender um dos aspectos da formação da nação através do desenvolvimento do futebol nacional (Rennó-Machado 1996).

Mas se essas palavras trazem alguma novidade, referem-se principalmente ao questionamento da relação entre lugar e identidade, e não quanto a necessidade de entendimento da cultura como um processo histórico. Sahlins já vinha afirmando essa necessidade em *Ilhas de História*. Temos, também, que tomar cuidado para não desprezar o papel que o Estado-nação continua tendo, mesmo em tempos de reformulação do papel do Estado, da fragmentação do espaço e concentração do capital (Harvey:1992), na explicação sociológica. O próprio Gupta se lembra dessa importância ao afirmar que "... *any effort to understand how identity and location become tied through nationalism must examine those situations where the imagined community does not map out a national terrain*" (1992:74)". Essa é uma ótima passagem para qualificar um dos objetivos do meu trabalho, onde tentarei mostrar uma outra alternativa (além das que Gupta cita, como subnacionalismos, identidades que cruzam fronteiras de nações e transnacionalismos) para vermos a relação entre lugar e identidades, mas dessa vez *dentro* do território nacional.

Indo agora em outra direção, já que a discussão acima será retomada mais adiante, Vincent ilustra, em outra resenha (1978), uma preocupação crescente da antropologia com a teoria da ação, traçando uma "linhagem" que vai desde Leach até Turner, Cohen, entre outros. Segundo a autora, essa preocupação tem como origem a análise de estudos sobre a "local level politics", demonstrando como a teoria da ação focaliza formas de organização de competição política, em contraste com abordagens mais preocupadas em sistemas sociais. As disputas políticas são o palco preferencial dos antropólogos que se interessam pela teoria da ação, sem perder de vista uma perspectiva estrutural (que segue com diferentes ênfases). Vincent demonstra como esses estudos foram gradualmente mudando de uma perspectiva que tinha centro no "indivíduo manipulador", com influências de Malinowski, para o estudo das circunstâncias particulares nas quais esses indivíduos operam. Assim, demonstra como após uma "radicalização" num individualismo metodológico, passamos para um entendimento mais estrutural das situações em que agem indivíduos, em uma perspectiva histórica das disputas

políticas (levantado em conta o papel das famílias nessas disputas, mais que em líderes). Demonstra como isso "*has opened the door to regional, national, and transnational inquiries to supplement those long made into politics at the local level*" (Vincent, 1978:190).

Meu estudo, pelo tema, não deixa de ser mais uma monografia sobre política no nível local, porém com algumas características diferentes das disputas estudadas. Me concentrarei tanto nas lideranças, como no processo de construção de grupos e facções, e também no estudo de determinadas famílias. Na verdade, teremos uma grande combinação desses fatores na organização de grupos diferentes a partir de um princípio estrutural comum, que legitima diferentes formas de concepção de participação política dentro da comunidade, diferentes concepções de política. A escolha teórica que fiz me aproxima dos estudos que têm uma preocupação com o desenvolvimento histórico das situções de disputa, com o papel da ação de indivíduos dentro desses contextos delimitados culturalmente.

Sahlins defende uma posição semelhante. Esse é mesmo um dos objetivos, demarcar como a cultura é historicamente reproduzida na ação. O primeiro parágrafo do *Ilhas De História* já nos diz: "*A história é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com os esquemas de significação das coisas. O contrário também é verdadeiro: esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na prática. A síntese desses contrários desdobra-se nas ações criativas dos sujeitos históricos, ou seja, as pessoas envolvidas.*"(1986:7). O significado é constantemente colocado em risco na ação dos indivíduos, mas a partir de certos limites dados pela própria ordenação cultural. Afinal, as ações tem que fazer sentido mesmo quando mudam a própria cultura. "*É nesses termos que a cultura é alterada historicamente na ação. Poderíamos até falar de 'transformação estrutural', pois a alteração de alguns sentidos muda a relação de posição entre as categorias culturais, havendo assim uma 'mudança sistêmica'*"(ibidem).

Por fim, espero ter demonstrado como o conceito de princípio estrutural localizado e a definição de cultura (devidamente "retocada") de Sahlins podem ser usadas em conjunto através da historicização do primeiro. Passemos agora ao próprio princípio estrutural localizado. Vejamos concretamente ao que estou me referindo no nosso exemplo etnográfico, em Estação Dias.

C) O princípio estrutural localizado é a movimentação

Chegamos, então, ao que chamei de princípio estrutural localizado, que é o elemento importante para o entendimento das relações entre os habitantes de Dias e entre esses e os acontecimentos dentro e fora da vila. Esse princípio baseia-se, antes de tudo, num modo de vida específico que é construído através do tempo; e que pode ser atingido em maior ou menor grau segundo os ritmos específicos de vida de cada um. Podem mesmo não ser cumpridos de forma alguma, porém isso implica num isolamento da vida política do lugar. Quanto mais próximos desse padrão ideal de vida, mais respeitadas se tornam as pessoas dentro desse contexto. Mas, devo salientar que esse princípio é fruto do ação de determinados núcleos de pessoas, que legitimam sua influência a partir de um discurso de inclusão e exclusão, na medida em que vivenciam esse modelo de vida. Assim, quem não participa desse modo específico de vida é o "outro", visto como ignorante, atrasado e incapaz de perceber as qualidades do "nós".

Esse princípio é o que poderíamos chamar de uma "percepção ampliada do lugar", que leva à construção simbólica da vila numa dimensão maior que sua própria localidade física. Dentro de um espaço maior se encontram vários pedaços do 'lugar' que é a vila, mas que não estão nela própria. Em todos os sentidos, os espaços da vila são ampliados. Por exemplo, em termos econômicos, pois a maioria das pessoas tem empregos fora da vila, ou precisam deixá-la para vender a produção em feiras de cidades locais, como vimos. De forma geral, a aquisição do dinheiro é, hoje em dia, sempre ligada às cidades em volta de Dias, as compras são feitas sempre fora, nos mercados dessas cidades. A educação formal das crianças e jovens é feita fora, um processo de socialização no lugar ampliado da vila: a escola da vila tem apenas os quatro primeiros anos do primário. Portanto os quatro anos restantes, o secundário ou técnico e o terceiro grau têm que ser feitos fora da vila.

Grande número das pessoas estudam segundo as opções encontradas em Brasópolis ou Itajubá. Em Brasópolis, encontra-se um curso técnico em eletrônica, que oferece um curso noturno, muito frequentado pelos alunos Dienses. Em Itajubá, encontram-se algumas faculdades, que são, em menor proporção, os caminhos de alguns estudantes que conseguem terminar o segundo grau. Mas mesmos os trabalhadores rurais que tem que vender sua produção nessas cidades, que não conseguem estudar além dos quatro anos primários, tentam se apropriar desse lugar ampliado. A maioria tem na própria história uma tentativa, em geral frustada, de se fixar em alguma cidade. Entre as pessoas que entrevistei, várias tinham uma história de deslocamento para "melhorar a vida". Mas mesmo essa passagem rápida pela cidade é valorizada como uma aproximação ao ideal do princípio estrutural.

O fato é que a vila acaba por ser maior que a sua dimensão territorial, inclui os espaços pelos quais seus membros costumam passar, e inclui também os espaços pelos quais eles ainda vão passar, abrindo portas para as pessoas que ficam e ampliando ainda mais o espaço da cidade. Assim, a passagem por essa ampliação da cidade (pelos seus espaços fora dela mesma) é também uma legitimação do papel desses membros na comunidade. Quando passam pelos lugares habituais da vila em outras cidades (como as escolas, os mercados, trabalhos fixos, etc), tornam-se mais "completos", pois todos deveriam passar por esse papel. Os que o cumprem de maneira mais completa são mais "legítimos", tem mais influência política sobre os membros locais e maiores qualificações para enfrentar as disputas políticas no interior da vila.

O princípio estrutural localizado é a forma de vida baseada na movimentação por esse lugar ampliado. Essa permite, ou leva a, um acúmulo de capital cultural (Bourdieu 1977, 1983, 1989) determinante para a qualificação do capital social (Bourdieu, idem) dos indivíduos. Quem se movimenta mais, adquire mais capital cultural, o que leva a um maior capital social. A movimentação em si trás para os indivíduos que a fazem mais conhecimentos, ou nas palavras nativas, mais *vivência*. Essa *vivência* é um acúmulo de experiências oferecidas pela passagem por diferentes lugares, pelo contato com pessoas diferentes e também por possibilitar um maior

capital econômico. A *vivência* é a base da distinção entre os classificados como *gente pequena* e os demais que se movimentam, legitimando a dominação desses sobre os primeiros. Em contraposição com a agricultura da *gente pequena*, o capital cultural acumulado dos que têm *vivência* está também ligado ao capital econômico que os trabalhos fora de Dias oferecem.

De fato, quem trabalha fora tem mais dinheiro do que quem não o faz. No entanto, a relação entre esse capital cultural e o econômico não é necessária, pois o que importa é o quantum de capital cultural acumulado. O capital econômico permite, sim, um maior quantum de capital cultural, pois com mais dinheiro mais se movimenta, mais se tem *vivência*. Com um emprego fixo em outra cidade, a movimentação é compulsória e constante, e não ocasional, como no caso da *gente pequena*. Permite mais *vivência*, mas não é a única forma de adquirí-la. O caso de Zélia, como veremos no quarto capítulo, mostra-nos como é possível acumular esse importante capital cultural sem nenhuma relação com o capital econômico.

O que vale ressaltar é que esse capital cultural é diferente do princípio estrutural localizado, pois o primeiro é fruto do último. Qualquer relação de dominação inclui um capital cultural, mas o que é visto como capital cultural é explicado pelo princípo estrutural localizado. Assim, o desenvolvimento histórico da movimentação como o princípio estrutural localizado de Dias e o universo simbólico dela resultante, influem na vida de todos, mesmo nas da *gente pequena*. Esse últimos reconhecem nessa movimentação o principal capital cultural da vida local, reconhecem a própria dominação a que são submetidos, pois acreditam que é preciso ter *vivência* para ser alguém. É por isso que tentam viver algum tipo de movimentação, qualquer que seja, para também adquirirem capital cultural e, através desse, capital social. Virtualmente, todos buscam movimentar-se de alguma forma, ou participando de feiras nas cidades vizinhas, ou tentando arranjar trabalho fora de Dias, nunca conformando-se a situação de agricultores. Todos, por exemplo, incentivam a educação dos filhos em Brasópolis, o que já lhes confere um status diferente. As relações de dominação em Dias são mediadas pelo tanto de capital cultural adquirido, mas o porquê da movimentação ser aceita como esse capital por

todos na vila só pode ser entendido através do conceito do princípio estrutural localizado, e da análise desse em seu desenvolvimento histórico gradual[24].

Portanto, para entender as disputas internas por poder, como será visto mais à frente, é preciso ter em mente que nosso princípio estrutural localizado supõe um modelo ideal de cidadão a ser atingido e a disputa política é influenciada por esse modelo, legitimando algumas pessoas mais do que outras. Nesse sentido, estudar as trajetórias das pessoas por entre as cidades e entender seus deslocamentos é fundamental para entendermos Dias. Como demonstrou Joan Vincent (1987), a análise do fluxo das pessoas (no seu caso, das pessoas da sociedade agrária), do papel das mulheres, rapazes e crianças, é fundamental para o entendimento de situações sociais. É possível transferir essa perspectiva para meu trabalho, como se pode perceber. Vincent propõe também que, ao se estudar questões, que no seu caso são ligadas à sociedade agrária, primeiramente se situe o objeto de estudo e se verifique os "dramas sociais" no seu interior.

O modelo ideal de vida, paradoxalmente, é aquele em que o indivíduo sai completamente do cotidiano da vila, perdendo os laços mais íntimos com a "comunidade". Assim, se um indivíduo estuda fora, consegue emprego numa cidade distante, se insere em outras comunidades, e se apenas retorna à vila para visitar seus parentes, cumpriu o modelo ideal e desfruta de um grande prestígio. Mas também está alijado das disputas políticas internas, e essas não fazem mais sentido no seu cotidiano. O que acontece é que a disputa política é realizada por aqueles que não "completaram" ainda o modelo ideal, uma disputa de "imperfeitos", disputando a maior legitimidade de sua posição em função dos adversários. Dessa forma, estamos num terreno marginal onde são construídos discursos de legitimação não necessariamente reais, mais que servem como elementos nas disputas políticas; pessoas tentam aproximar-se do modelo através da construção de argumentos, nem sempre verídicos[25]. O

[24]As idéias dos três últimos parágrafos são desenvolvimento das sugestões do professor Steve Reyna.

[25]A identificação desse padrão foi observada através da análise de trajetórias de vida de várias pessoas da vila, uma amostra significativa em termos estatísticos.

problema é que alguns têm *mais* condições de chegar perto desse modelo, de movimentarem-se mais e de obterem maior capital cultural do que outros. Essa condição estabelece a dominação de uns sobre os demais.

O nosso princípio, é assim, uma opção que depende de vários fatores. Porém, em termos de disputa política, é a única via que se apresenta no momento. Mas lembremos que não foi assim num passado não muito distante, pois antes o poder era executado de forma "coronelista" por Antônio Gomes de Oliveira. O próximo capítulo tratará dessa parte da história política de Dias, tentando demonstrar como o princípio estrutural local já estava presente durante o período "coronelista", mas só passou a ser um *dado* do quadro político após sua morte. No presente, entretanto, a disputa é toda entre pessoas que passaram por essa vivência em maior ou menor grau, ou ainda que a legitimam de alguma forma. Assim, admito que normas e padrões alternativos podem se confrontar na ação dos indivíduos (como pondera Van Velsen 1987). Porém, na disputa política em Dias o princípio estrutural localizado é fundamental e decisivo. A disputa se dá através dos pressupostos do princípio estrutural localizado.

É preciso lembrar que o distrito está envolvido na história política do município, e do estado de Minas Gerais. O que chamei de princípio estrutural localizado pode também ser importante para todo o município, o que infelizmente não posso afirmar. Todas essas construções alternativas de tempo e espaço podem ser características regionais, com a multiplicação desse princípio em outras cidades. Desse modo, não seria tão local, mas mais regional, talvez parte de um processo mais abrangente. Mas tive que me restringir aos dados da pesquisa de campo, realizada apenas no distrito. A alternativa, para tratar dessa relação necessária de Dias com contextos maiores, foi analisar a estrutura de poder no distrito e relacioná-la com a política municipal e estadual, como desenvolvido nos capítulos seguintes. Não analisei a estrutura do poder no município, para tentar encontrar similitudes ou dessemelhanças com a situação no distrito. Lamentavelmente, essa seria uma tarefa muito

abrangente para o curto tempo de execução do trabalho. Veremos apenas como a política formal municipal funciona em Dias, já dentro do contexto do lugar ampliado, da movimentação como fonte de capital cultural. No último capítulo, por exemplo, veremos como políticos locais percebem e se inserem nesse processo.

D) Como a movimentação influencia as noções de tempo e espaço

Como diz Harvey (1994), tempo e espaço não podem ser compreendidos independente da ação social e a hegemonia política e ideológica dependem de um controle do tempo e espaço. "*As práticas temporais e espaciais nunca são neutras nos assuntos sociais, elas sempre exprimem algum tipo de conteúdo de classe ou conteúdo social, sendo muitas vezes o foco de uma intensa luta social*"(idem:218). Porém, as disputas em Dias ocorrem em torno da legitimação de trajetórias pessoais em função de um conceito (não questionado) de espaço e tempo. Com isso não quero dizer que esse princípio estrutural localizado caiu do céu, ou que se manterá assim através dos tempos. Ele é fruto de um situação sócio-histórica peculiar, como procurarei demonstrar mais a frente, e através dele se dão disputas sociais, como veremos. Porém, não é questionado enquanto definição de espaço (e de tempo, por extensão) pelos grupos em disputa, como veremos aqui. Claro, o motivo é que quem disputa compartilha dessa mesma noção de espaço, constituindo uma certa "elite" local. Retornamos ao discurso de exclusão, que diferencia essa suposta "elite" do resto da população de Dias, como vimos no capítulo anterior. O consenso em torno da noção do "lugar ampliado", contituinte do princípio estrutural local impõe-se através da ação política dessas pessoas, e da discriminação que compartilham pelos que não o vivem. Criadora do lugar ampliado, a movimentação passa a ser coletivamente aceita como o capital cultural por excelência, legitimador das diferenças sociais na vila, e aceito por todos enquanto tal, mesmo os dominados.

Porém, se essa noção de espaço não se encontra em questionamento no momento, pode vir a sê-lo em algum outro. Podem mesmo ocorrer transformações no nosso princípio, e isso por vários motivos. Por exemplo, a própria disputa interna entre grupos pode ocasionar um questionamento desse pressuposto. Por outro lado, mudanças no nível regional ou nacional que impliquem em uma percepção modificada de tempos e espaços (como a intensa

compressão do tempo/espaço nas últimas décadas, como defende Harvey), podem também afetar as percepções vigentes.

Harvey nos diz que "*parte da insegurança que assola o capitalismo como formação social vem dessa instabilidade dos princípios espaciais e temporais em torno dos quais a vida social poderia ser organizada (quando não ritualizada à feição das sociedades tradicionais)*"(idem:218). O que o nosso amigo princípio estrutural demonstra, entretanto, é que é possível desenvolverem-se "bolsões temporais" de estabilidade da percepção tempo/espaço, mesmo nessa situação de instabilidade defendida por Harvey. O princípio estrutural localizado que defendo, que é, como vimos acima, uma percepção "ampliada do lugar" inclui, na sua dinâmica, a mudança constante dos espaços no tempo (o espaço de circulação) a partir de um lugar (que é a própria vila) que é demarcado socialmente como qualquer outro lugar.

Assim, se a questão é como representar o tempo diante da fragmentação do espaço (como foi para os modernistas no começo do século), vemos que aqui não temos problemas, pois a abstração do espaço faz parte da vida das pessoas como uma meta a percorrer em busca de legitimação política (claro que não são todas as pessoas que estão interessadas numa disputa política, mas quase todas percorrem esse caminho como o único possível). Se "*as qualidades do lugar passam a ser enfatizadas em meio as crescentes abstrações do espaço*"(Harvey 1994:266), no caso de Dias são essas abstrações do espaço que acabam por ser fundamentais na definição dessa localidade, ou seja, as qualidades do lugar não são enfatizadas através das abstrações, mas definidas por elas!

A transição por vários espaços diferentes, a vivência de diferentes ritmos de tempo, tudo é um modelo ideal para a vida das pessoas da vila (que pode ou não ser executado), e é a peça chave no entendimento das disputas políticas. A fragmentação do espaço faz parte da disputa política na localidade, ritualizando "instabilidades" (como as chama Harvey) na percepção tempo-espaço. Assim, aspectos que marcariam uma instabilidade podem ser

normatizados, passando a ser um modo muito estável de percepção do tempo/espaço. Em outras palavras, a própria percepção fragmentada de tempo-espaço pode ser ritualizada ("à feição das sociedades tradicionais") e tornar-se norma.

Essa situação "especial" da vila está ligada à sua história, muito recente (afinal eu a encaro como algo construído e historicizado, resultado de características específicas do distrito dentro de um contexto histórico abrangente e que pode, inclusive, mudar diante de novas conjunturas). O distrito formou-se, como vimos, gradualmente a partir da instalação da Estação de trem em 1910. A pequena vila foi se construindo ao redor da estação. A região já era razoavelmente habitada, enquanto uma zona rural, e passou a ter um caráter de entreposto numa linha que ia de Itajubá a Brasópolis. Portanto, a vila já nasce em torno de uma idéia de movimentação entre cidades, de deslocamento. O "lugar ampliado" já surge desde a sua criação, e mesmo quando a linha foi desativada, por volta de 1960, a rodovia já estava pronta, e como seguia paralela a linha de trem, também passando pela vila, tem uma posição "prático-simbólica" similar. Portanto, a vila lida com essas questões de fragmentação desde o início, e os seus habitantes lidam com habilidade e normalidade com uma situação de ruptura e instabilidade, na visão de Harvey.

Mas quais são exatamente as noções de tempos para essas pessoas? Acho que ainda não me fiz muito claro. O fato é que as pessoas lidam com vários rítmos de tempo diferentes, de acordo com a movimentação que executam no lugar ampliado: passam os dias alternando os tempos rígidos das cidades vizinhas (como o horário da aulas, do emprego), os tempos do comércio em geral (mercados, lojas), o próprio tempo "morto" dos deslocamentos espaciais (incluindo o tempo de espera dos meios de transporte como Kombis fretadas entre eles, o horário e atraso dos ônibus), o tempo das diversões noturnas nessas cidades (principalmente sexta e sábado para os jovens). E lidam também com o ritmo natural da colheitas e da natureza (o tempo cíclico), e o tempo "natural" de uma vila aos finais de semana (tardes de sábado e domingo), quandos as pessoas sentam-se às sombras das árvores na praça para jogar conversa

fora, como se diz. Ainda vivenciam um tempo desencaixado (Giddens, 1991) da televisão. Assim, é fácil ver que a percepção de tempo está definitivamente ligada aos percursos espaciais executados pelas pessoas, alguns acentuando determinados ritmos temporais, outros acentuando outros. Temos uma percepção de tempo "multifacetada", relacionada diretamente com os vários espaços por que passam as pessoas.

Voltamos agora à relação entre espaços geográficos e identidade, relação que deve ser desnaturalizada e questionada segundo alguns autores já citados (Gupta 1992, Ferguson 1992, Malkki 1992). Esses autores e outros pretendem demonstrar como se foi construindo uma forte relação entre espaços geográficos e identidade através do desenvolvimento recente dos Estados-Nação, e oferecem relações alternativas, considerando a fragmentação do espaço defendida por Harvey. Feldman-Bianco (1993) demonstra bem uma dessas alternativas ao tratar do transnacionalismo português, explorando uma definição de nação que se imagina espalhada pelo mundo nos próprios imigrantes portugueses.

O princípio do "lugar ampliado" é um outro exemplo de alternativas a essa relação entre espaço e identidade. A identidade dos Dienses não está vinculada unicamente ao lugar da vila, mas também aos vários "lugares" espalhados por um "espaço fragmentado" ao redor de Estação Dias. Dias é onde estão passando os dienses, o que envolve uma idéia de movimentação constante entre os vários lugares (ao contrário da relativa rigidez da movimentação que se dá entre os membros "espalhados" de comunidades de imigrantes e suas metrópoles, no caso do transnacionalismo; onde se dá uma separação radical de espaço). Ser diense é estar em movimento pelos seus lugares espalhados e a própria vila.

Deste modo, espero ter demonstrado que, para entender as disputas políticas hoje em dia, em Dias, é preciso recorrer ao que chamei de princípio estrutural local, que nada mais é que uma série de "sugestões" para a vivência de um "modo de vida" específico, construído ao

longo do tempo. Para definir esse princípio, apoiei-me no conceito de cultura de Sahlins. Vimos que esse princípio local é baseado na experiência de um "lugar ampliado", que significa movimentar-se por um circuito que extrapola os próprio limites, mas que acabam por fazer parte de Dias. Vimos como essa movimentação passa a ser a "fornecedora" de capital cultural, a *vivência*, base da construção da dominação de uns poucos sobre a vila. Esse processo acentuou-se principalmente na década de oitenta, após a morte de Antônio Gomes Oliveira, o coronel local, juntamente com a transformação das características econômicas do distrito, que de produtor de café passou a ser um "comunidade-dormitório". Agora passaremos a examinar, no próximo capítulo, as características desse poder "coronelista", exercido por Antônio, acompanhando sua lenta transformação. Posteriormente, nos dois capítulos seguintes, trabalharei com a situação contemporânea, observando a atuação dos "grupos", já sob total influência desse princípio estrutural local.

CAPÍTULO 3- O CORONEL ANTÔNIO E A TRAJETÓRIA DO PODER

A) História de vida

Antônio Gomes Oliveira iniciou sua trajetória marcante num lance de sorte: ganhou na loteria federal uma quantia considerável, que lhe possibilitou um salto definitivo na sua vida. Antes disso, como filho de um modesto funcionário da rede Sul mineira de estradas de ferro, vindo de Jesuânia para Dias por volta de 1920, sustentava-se com empregos de pequena expressão, que se podiam encontrar por ali. Casou-se em 1935, e principiou trabalhando numa venda arrendada. Logo desistiu, para trabalhar na máquina de café de Dias, o único lugar a oferecer alternativa de empregos, além da própria lavoura de café.

Lembremo-nos que o Sul e Zona da Mata Mineiros eram os principais produtores de café em Minas, estado que até 1930 era responsável por metade da produção de café brasileiro. Embora as fronteiras agrícolas tenham se estendido para o sul do país, além de Mato Grosso do Sul e Goiás, devido ao esgotamento do solo e da pouca produtividade do café mineiro, a área de lavouras em Minas Gerais praticamente estagnou entre 1940 e 1970, como atesta Diniz (1986). Assim, na década de 40, quando começava a carreira de Antônio[26], o café era a principal atividade econômica no sul de Minas, embora estivesse numa fase de decadência que se estenderia até os anos 70. Mesmo assim, o café era o centro da vida econômica naquela época, quando o auge da produção, que se deu por volta de 1910, ainda ecoava na lembrança da região.

Em Dias, a vida girava em torno da máquina de café, que funcionava como um centro comercial regional. Todos os pequenos produtores de café vendiam suas produções para os donos da máquina, que arcavam com os custos do transporte, buscavam o café e depois de

[26]A partir de agora passarei a chamar Antônio Gomes de Oliveira apenas de Antônio, em favor de um texto mais agradável.

beneficiá-lo, revendiam no mercado mais amplo. Além dos donos da máquina em Dias, havia em Itajubá outro revendedor de café, que comprava o café beneficiado. Mas mesmo esse café era, geralmente, beneficiado em Dias, que contava com um grande galpão e muitos empregados para executar os serviços. Um desses empregados era Antônio, que logo se destacou entre tantos outros e foi "subindo" na hierarquia de trabalho da máquina de café. Logo passou a ser o responsável pela linha de produção, uma espécie de capataz que controlava o serviço dos empregados. Separava-se o café por tamanho, qualidade e cor, para depois processar-se o beneficiamento. Antônio era o inspetor desses trabalhadores, fiscalizando a rapidez e eficiência do trabalho.

Quando executava essa função, já casado e com os primeiros filhos nascidos, veio o destino entregar-lhe uma pequena fortuna nas mãos, através de um bilhete sorteado. Com esse dinheiro, Antônio comprou outra máquina de café, que foi instalada ali mesmo em Dias. Como capataz da primeira máquina de café, travara conhecimento direto com a maioria dos produtores cafeeiros, e dispunha de um bom relacionamento com a maioria deles. Além dessa sorte "em espécie", Antônio contou com uma circunstância fundamental para seu desenvolvimento econômico: o dono da máquina de café da qual fora empregado já se encontrava em idade avançada e desmotivado para a negociação que outrora era bem mais rentosa, vivia em Itajubá, deixando todos os encargos por conta de Antônio. Quando esse decidiu abrir outra máquina de café, em sociedade com outro comerciante itajubense, o antigo dono decidiu desmontar a máquina e vender seus aparatos, que foram comprados por Antônio e seu sócio.

Assim, a partir de algumas circunstâncias fortuitas, iniciou-se a ascensão econômica de Antônio, que passou a concentrar a maior renda de Dias, como centralizador de todo capital que passava pela região de Brasópolis. Antônio começou sua carreira como um intermediário econômico entre produtores e grandes revendedores de café. Juntamente com essa ascensão econômica, passou a dedicar-se à política local, projetando-se definitivamente nesse cenário.

Essa ascensão econômica e política influenciaram-se mutuamente, uma sendo trampolim da outra, como veremos. O fato é que, como centralizador da vida econômica da região, Antônio travava conhecimento com a maioria das pessoas do lugar, tendo o cuidado de cultivar uma imagem de homem sério, honesto e prestativo. Assim, não foi difícil prever sua primeira eleição para vereador, em 1951. A essa primeira seguiram-se mais cinco mandatos como vereador e mais um como vice-prefeito, sendo que em quatro mandatos, foi o presidente da câmara municipal. Ele participou quase ininterruptamente da vida política de Brasópolis entre 1951 e 1982, não exercendo cargo público apenas no quadriênio 1959/63. Em 1971 foi eleito vice-prefeito e teve o título de *comendador* conferido pelo governo estadual.

Caniello (1990) defende a idéia de que a patronagem possa ser baseada num código ético que permite ser entendida como uma linguagem de uma cultura específica. Seu interesse é *"visualizar a lógica que informa a patronagem - ou seu código performador, o padrão ético"* (Caniello, 1990:47). Assim, através de características básicas, todas levantadas por uma bibliografia clássica sobre patronagem (Nunes Leal 1974; Pereira Queirós 1975), se percebe qual é a forma que toma esses códigos já presentes. Interessa aqui acompanhar as cinco características levantadas como básicas através da leitura que o autor faz desses clássicos, e comparar sistematicamente com a situação de Antônio e de Dias.

A necessária tensão entre centro e periferia, no qual a patronagem ocupa a segunda, leva a práticas alternativas de busca de favorecimentos (Caniello, 1990:49). Obviamente, Antônio faz parte dessas "práticas alternativas", dentro de um código pessoalizante de conduta política, pois como "dono" de um número expressivo de votos, negociava benefícios em seu nome, como vimos. Um outro ponto levantado é a *relação entre desiguais*: não há dúvida que Antônio ocupava uma condição favorável, como dono da máquina de café, não como produtor, frise-se. Numa região marcada por uma grande quantidade de pequenas e médias propriedades, o fato de ser o comerciante pelo qual esses plantadores *tinham* que passar (é impossível vender café sem ser beneficiado, a não ser que se venda para o dono da máquina

que vai executar tal serviço) dava uma grande vantagem a Antônio, tornando-o desigual, nesse sentido. Executava uma função de intermediário quase que compulsória, não havia muitas alternativas aos outros plantadores de café.

Esse tipo de desigualdade levava a uma *reciprocidade desequilibrada*, onde bens dos mais variados tipos são concedidos pelo patrão, em troca de fidelidade, prestígio social, e, claro, votos. Todos os tipos de favores eram prestados por Antônio, desde empréstimos até cuidados médicos, passando por um série de serviços que prestava, como um grande "pai" comunitário. Essa característica leva a outra levantada por Caniello, a partir dos clássicos, o *status social* do qual se investe o chefe, e a figura de patrão, big boss, que lhe é concedida por sua clientela. Antônio, inequivocamente, foi o grande chefe de Dias durante mais de trinta anos. Por fim, a característica mais evidente: *a base pessoal* da patronagem, que leva a relações diretas, sem intermediários, que tem longa duração, baseadas na confiança e na amizade (idem:49\50). Características também presentes na dominação exercida por Antônio, definitivamente pessoais, pois até era regra que ele apelidasse todos aqueles que com ele tinham essa relação de clientela; marcando automaticamente sua proximidade para poder conceder apelidos e sua posição hierarquicamente superior, para poder impô-los[27].

Antônio cumpria uma função já analisada por alguns autores, como intermediário político, pois em Minas, como nos diz Arruda(1990), *"No âmbito local, os chefes são predominantemente fazendeiros, ligados nos planos estadual e federal a alguns representantes desses setores. No passado denominados "coronéis", são peças importantes nos momentos eleitorais. No município, as conexões entre atividades produtivas e a política são claramente visíveis. Esses chefes políticos utilizam-se do controle que exercem sobre os eleitores para auferir vantagens de ordem material, barganhando votos pelo uso privado das*

[27]Dora, filha de Antônio, lembrou de como ele sempre dava apelidos a todos os que trabalhavam para ele. e que esses apelidos eram automaticamente tomados como nome, e os trabalhadores eram sempre, depois de apelidados, chamados apenas pelos apelidos. As pessoas eram, mais ou menos, "rebatizadas" por Antônio, marcando uma afinidade e uma relação hierárquica de pertença ao seu círculo mais restrito. Compradores de café mais conhecidos eram também apelidados. embora esses apelidos não "pegassem" necessariamente, ao contrário daqueles dados aos empregados.

instituições públicas"(231/232). Antônio era conhecido exatamente como o "coronelzão" de Dias, que exercia sua autoridade implacavelmente. Porém, a diferença básica em relação ao perfil dos coronéis mais antigos, do começo do século, é que não fazia parte de uma oligarquia baseada em laços de parentesco. Para entendermos seu papel político, mais à frente exporei um panorama da política mineira na República Velha, para ver qual era o importância de um coronel naquele tempo e, depois, nas décadas seguintes, na figura de Antônio. Mas, como já se entrevê, a ligação a uma oligarquia política se fazia mais pela influência econômica e política, criada por vários mecanismos do que exclusivamente pela herança familiar.

Segundo Hagopian, "*In Brazil, Traditional elites dominated the state during the Old Republic, qua agrarian elites. By the change of regime in 1964, however, they had, in many parts of Brazil, become state elites. This transformation occurred much sooner in Minas Gerais than elsewhere. Their defining characteristic was political; the most material resources were becoming ever more heterogeneous, but their manipulation of public resources. Through their control of the state apparatus traditional elites developed their most important power base, acquiring the allegiance of local political bosses - the coroneis - in exchange for dispensation of the public resources at their command. The more secure their state power base, the more prominently they figure in political power*"(Hagopian 1986:33).

Antônio fazia esse papel de sustentação de uma elite de estado, antes elite agrária, através dessa simbiose política comum em Minas: votos por recursos públicos. O interessante é notar como esse papel de Antônio se baseia no apoio de elites tradicionais, em conivência com a ascensão de novas lideranças que se encaixem nesse modelo de simbiose política, sem pretensões a cargos mais altos, ou a vôos políticos mais acentuados: Antônio insere-se no jogo político local através dessa relação com a elite de estado, sem manter relações de parentesco com essa oligarquia.

O coronel é visto por Cintra (1979:128) como intermediador desse sistema vertical, uma interseção entre o privado e o público, local e estado. Comprovando esse papel de

intermediador político, Antônio era ligado, no plano estadual, a Euclides Pereira Cintra, deputado estadual brasopolense, que foi eleito consecutivamente entre 1951 e 1986. Podemos ver em Antônio um *mediador* (Silverman:1977), porém em menor escala, pois a sua inserção numa política mais abrangente se fazia através do apadrinhamento de outro *mediador*, Euclides Pereira Cintra, que articulava essas dimensões (periferia e centro) através do apoio de "semi-mediadores" como Antônio, numa espécie de simbiose política. Euclides, exercendo mandatos legislativos, distanciou-se de sua base política. Embora sem as relações pessoais com o eleitorado, sua base era mantida através da influência de coronéis locais, como Antônio. Portanto, suas sucessivas reeleições estavam devidamente vinculadas ao apoio de homens como Antônio, que controlavam no "cabresto" uma quantidade razoável de votos. Euclides, durante sua vida política, passou por vários cargos executivos no governo de Minas, o que pode dar uma idéia da ligação efetiva entre política local e estadual executada por Antônio, que transformava em votos o apoio recebido de Euclides, conseguindo se perpetuar no poder.

Antônio foi, durante mais de 40 anos, o homem mais poderoso de Dias e um dos mais influentes da região, obtendo, através da sua atividade econômica, um número muito grande de eleitores. Basta ver que essa influência fez dele o vereador mais votado em quatro de seus seis mandatos para vereança. A influência sobre esse eleitorado fazia dele um mediador político de grande prestígio na política mineira regional, tendo colocado a sua base política local a serviço de vários figurões da política estadual, como vimos acima. Entre outros nomes, Juscelino e Tancredo são dois renomados políticos constantemente citados pelas pessoas de Dias, que mantiveram esse relacionamento clientelístico com Antônio. Uma de suas filhas, por exemplo, descreveu-me um encontro de seu pai com Tancredo, ocorrido quando ela ainda era pequena: o famoso político viera manifestar sua "amizade e apreço", nas vésperas de uma eleição para o governo de Minas.

Assim, controlando uma parcela significativa de votos na região, Antônio dispunha de certas facilidades econômicas; que se constituíam basicamente em um crédito irrestrito nos

bancos estaduais e federais da região. Com esses créditos, concedidos com ou sem as devidas precauções, nossa personagem central foi tratando de ampliar seu patrimônio e sua influência política na região. Além de ser negociador de café, ele começou a investir na produção de café, comprando fazendas e plantando em grandes quantidades. Seu filho mais velho também o acompanhava nesses passos e começou a administrar as fazendas da família, juntamente com seu pai.

Antônio iniciou sua história política junto com o final do Estado Novo, executando essa função de chefe local, aliado às elites de estado: Na verdade, a oligarquia mineira passou pela ditadura de Vargas relativamente intocada, especialmente se compararmos com a oligarquia paulista. Afinal, por ter apoiado seu golpe e depois ajudado a desmantelar a revolução de 1932, Minas manteve o governador eleito Olegário Maciel, até sua morte em 1933 (Hagopian 1986:97). "*The apparent permanent effect of the Vargas interregnum was to split the Minas oligarchy into two camps, polarized along a pro and anti-Vargas axis of conflict. These factions correspond only to political alliances, not to economic interests. In the post-war period, these factions would find expression in political parties competing for control of the state. These oligarchical factions were forced to dispute each other for government, but they merely converted their monopoly over politics and the state into an oligopoly*". (Hagopian 1986:100). Assim, as oligarquias mantiveram-se no poder, dando continuidade à política dos coronéis, mantendo a dependência dos chefes locais do governo estadual. A diferença é que a disputa ficava entre os partidos do PSD (pró-Vargas) e da UDN (anti-Vargas). Como afirma a autora: "*Coronelismo may have been more important after 1945 than before, despite the fact we might expect its importance to decline commensurate with urbanization.*"(105). Com o aumento do eleitorado após 45, a importância de quem controlasse muitos votos era ainda maior, como no caso de Antônio.

A trajetória política de Antônio, em certo momento, teve proeminência sobre sua carreira como comerciante bem sucedido, já que sua atividade econômica era baseada no café,

que vinha constantemente perdendo a rentabilidade necessária. De fato, desde o século passado, o café apresentava uma *"tendência ao baixo nível de acumulação, como resultado, principalmente do esgotamento das terra sem a possibilidade correlata de abertura de novas fazendas, por causa das limitações da fronteira agrícola. A economia cafeeira em Minas não conseguira desenvolver um complexo econômico, capaz de gestar um dinamismo auto-sustentado"* (Arruda, 1990:186). Se considerarmos que a parte sul do estado era a maior produtora de café na República Velha, é fácil imaginar o grande desgaste das terras e o baixo nível de produtividade. Nesse período, nas décadas de 50 e 60, o perfil do estado de Minas mudava, e a participação da agricultura no PIB estadual decrescia vertiginosamente. O estado se industrializava, com grande concentração de capital e poder na área metropolitana de Belo Horizonte (Paiva, 1986). A agricultura passou, nos anos 60, por uma crise marcada pela dispersão espacial da produção, retração da área plantada e diminuição do valor real da produção agrícola (Lemos e Nabuco, 1986:184). Os negócios de Antônio passaram por uma inflexão paralela, e só foi possível sua manutenção na posição de "coronel" devido aos empréstimos concedidos sucessivamente pelos bancos estadual (BEMGE) e do Brasil. Mas mesmo sua influência política teve uma inflexão, pois foi justo no período de 59 a 63 o único em que Antônio não manteve um cargo na vida pública de Brasópolis.

Porém, a partir dos anos 70, com apoio dos governos militares, iniciou-se um programa de recuperação da cultura cafeeira de Minas. Foi o PRRC, plano de renovação e revigoramento dos cafezais. *"Assim, tanto a política do governo federal direcionada para o café, como a política estadual de investimentos, favoreciam a capitalização do setor: infra-estrutura básica de apoio (como transporte e sistema de seleção e armazenamento), crédito para investimento, custeio e comercialização, assistência técnica, etc. O café vai liderar a arrancada da estagnação, saltando a taxa anual média de crescimento do PIB agrícola, de 1,6% no quinquênio 1962/67, para 5,9% no seguinte (1967/73), e para 6,6% no período 1973/80 (Lemos e Nabuco, 1986:185)*. Minas passou a ser, então, o maior produtor de café do

Brasil, conforme atesta Diniz (1986). Essa ajuda federal deu uma injeção de capital aos desgastados cafezais sul mineiros, e dessa situação Antônio tirou todo o proveito possível: começou a investir na própria plantação de café, ao invés de apenas negociá-lo. Com esse salto da economia local, sustentada pelo financiamento do governo, o chefe local teve sua posição revigorada, formando o que considerarei o auge de sua vida econômica e política. Basta ver que no quadriênio 1971/75, Antônio foi eleito vice-prefeito do município, adquiriu o título de comendador e foi, nos dois mandatos seguintes, presidente da câmara municipal, como vereador mais votado. Mas essa ascensão teve o preço dos sucessivos empréstimos bancários realizados, que depois se mostraram responsáveis por sua derrocada financeira.

Com a ascensão do poder militar, no chamado "autoritarismo-burocrático"(O'Donnell 1973) e a mudança de poder para as "elites-técnicas", Hagopian considera que a oligarquia patronal encontra-se num momento crucial (Hagopian 1986:36). A autora demonstra como a elite tradicional se transforma numa elite de Estado, acentuando esse processo após 64[28] "*a modern, state-based political clientelism became the dominant form of political organization and representation for a growing segment of the population left behind in the 'miracle'. These state clients looked to the public economy and the elites who controlled the distributional arm of the state to deliver the state benefits upon which came to depend. Traditional elites employed this resource base as a source of dominance and power.*"(idem:38). Antônio tem a continuidade de seu poder local acentuado nesse período, quando o clientelismo de Estado se acirrou, e de cujo esquema era peça integrante, como um intermediador local de relativa importância.

As bases desse poder das elites tradicionais é mesmo essa rede de oligarquias municipais baseadas no coronelismo, numa simbiose política da qual participava Antônio, que troca votos por favores de estado através de toda uma região, como no caso de Minas Gerais. No entanto, "*politicians who could make the patronage system work and deliver votes to the*

[28] "The Minas elite took refuge in the state, and made use of clientelistic political parties to integrate politically participating and non-participating citizens" (Hagopian 1986:115)

regime were as critically important, indeed, more so for the stability of the state capitalist regime as these same elites, or theirs fathers, had been to the Old Republic and populist coalition government." (Hagopian 1986:48). Antônio teve, assim, sua função ainda mais destacada como intermediador local, durante o regime militar.

Entre 1960 e 1977, Minas industrializou-se brutalmente, com a maior taxa de crescimento do Brasil, fortemente apoiado pelo regime militar. Se durante esse regime acreditou-se que as elites tradicionais estariam fora do poder, e que militares e burocratas e técnicos civis tomaram conta do aparato do Estado, em Minas a situação não foi tão abrupta: "*In Minas, in the early to mid 1970, traditional political elites and technocrats "shared" the state.*"(Hagopian 1986:192) ou "*By the late 1970s, political criteria once again determined carrier advancement. The political elite, moreover, was led by its most traditional elements.*" (Hagopian 1986:193)[29]. Assim, não há contradição que essa seja justamente a época em que Antônio mais se destacou em sua carreira política. Continuava servindo aos interesses da elite tradicional, ainda encastelada no Estado. Os seus votos continuavam a dar-lhe crédito suficiente para se manter como chefe local não questionado. Tanto é que a carreira de Antônio nos anos setenta coincide com um aumento do sistema de patronagem de estado, num período em que "*The state in Minas Gerais in the 1970s expanded traditional patronage programs and developed new ones.*"(Hagopian 1986:244)

"*Traditional local bosses easily dominated local politics and resisted any incipient challenges to their rule, helped elect and reelect federal and state deputies, and contributed to the durability of state elite factions*" (Hagopian 1986:291) - Aqui temos um resumo do tipo de inserção de Antônio na política mineira durante o período militar. Como um chefe local, apenas *acentuou* a influência que já dispunha desde o fim do Estado Novo. O clientelismo de Estado acirrou-se nesse período e desse acirramento saíram fortalecidos chefes locais como

[29] A autora procura demonstrar como a elite não perdeu espaço durante os governos militares, pois na seqüência desses, os governadores e postos de alto escalão eram ocupados por membros dessa elite. "*(T)ecnocratic presence in government did not long divorce traditional elites from their sources of clientelism.*"(Hagopian 1986:217).

Antônio e Euclides. Assim, podemos entender também como Euclides se reelegeu deputado por oito vezes consecutivas e Antônio tenha ficado no poder, em Dias e Brasópolis, por mais de 40 anos.

Dessa forma, ele passou durante mais de quatro décadas como o virtual "prefeito" de Dias, sendo responsável por tudo que acontecia no Distrito. Era respeitado e temido por todos, que inevitavelmente viam nele a única autoridade local. Porém, a sua grande vontade de ascensão econômica também foi a principal causa de sua falência, pouco antes de sua morte. Com grandes empréstimos para financiar a produção de café em 1980, no qual estavam envolvidas suas fazendas e sua saúde financeira, viu toda safra ser comprometida por uma grande geada, que simplesmente arrasou todo o café da região. Quem não tinha lastro para quitar as dívidas com os bancos, faliu e perdeu o patrimônio para pagá-las. Antônio tinha realizado, nessa época, vários empréstimos para financiar a produção e a compra de outra fazenda, e quando se viu privado da colheita, não teve como pagá-los. Seguiu-se a liquidação do seu patrimônio, que teve como conseqüência a venda de suas terras e da máquina de café. Antônio faleceu dois anos depois, e seus herdeiros ainda tiveram que liquidar algumas dívidas, no que foram liderados por José Carlos, um dos seus quatorze filhos.

Embora não descenda de uma família estabelecida, e se enquadre muito mais no modelo do self made man, não é possível ver em sua vida algo diferente da atitude mais comum dos coronéis da região. Com sua ascensão e sua influência política, veio também à tona sua família, que passava a atuar unida, em busca da consolidação da sua posição econômica, tentando estendê-la ao seus membros. Antes, vamos "passar os olhos" rapidamente pelos membros da família Gomes de Oliveira e tentar ver um projeto familiar dentro dessa conjuntura de ascensão social. Antônio teve cinco irmãos, quatro homens e duas mulheres. Desses irmãos apenas um se casou, Mário Gomes de Oliveira; dois morreram ainda jovens e outros faleceram em idade avançada. Vemos, como é comum em Minas, um forte tendência de ajuda aos irmãos casados, como se apenas esses fossem os parceiros no projeto familiar. Os tios solteiros

simplesmente não constam na memória dos filhos de Antônio. Há um certo vazio na memória. Porém, Mário teve sua parcela nesse projeto de ascensão familiar, ajudando-o em todas as fases de sua vida, uma espécie de braço direito, que também participava dos negócios em conjunto.

Dos quatorze filhos de Antônio, seis são homens e, portanto, oito mulheres. A educação das mulheres era muito rígida e conservadora, e Antônio queria evitar a todo custo que as filhas estudassem mais que o necessário, que era o magistério em Brasópolis. Apenas Dora conseguiu estudar e fazer o curso de pedagogia, com muita resistência do pai e muita vontade própria. As mulheres não deveriam participar da vida econômica principal, mantendo-se fora dos negócios, e apenas cuidando de afazeres ligados a casa e, no máximo, ao magistério. Mas mesmo o magistério deveria ser executado ali mesmo em Dias. De fato, Dora e Quinha foram professoras no grupo escolar de Dias[30], cumprindo assim um papel dentro do distrito e fazendo parte da "administração" informal que Antônio exercia na localidades. Aos homens, então, cumpria trabalhar nos negócios do pais, como fizeram os dois filhos mais velhos, e também estudar, como os filhos mais jovens. Desses seis filhos homens, apenas o terceiro formou-se no terceiro grau. O quarto desistiu dos estudos para ser comerciante em Brasópolis, e o quinto faleceu ainda muito novo e o mais jovem, em decorrência de um parto muito difícil, tem graves problemas mentais. Assim, a parte da família destinada a estudar ou ajudar o pai nas tarefas econômicas ficou reduzida aos quatro homens mais velhos.

Os dois filhos mais velhos seguiram o mesmo caminho do pai: a falência após a geada de 1980, tendo todos os bens levados por essa desgraça meteorológica. José Jonas, em seguida também adoeceu e veio a falecer, enquanto José Benedito mudou-se para Itajubá, onde passou a trabalhar na fábrica da Imbel. José Luís tornou-se comerciante em Brasópolis. O único a se formar foi José Carlos que, como veremos, será bastante citado nos capítulos seguintes. José Carlos, mesmo trabalhando fora, no Guarujá, foi o responsável pelo saneamento das dívidas

[30]Segue anexo a genealogia da família.

deixadas pelo pai, em conjunto com Dora, sua irmã. Esses dois filhos são os mais importantes para o nosso trabalho, pois são os que tentarão ocupar, de formas bastante diferentes, o lugar deixado pelo pai após sua morte. Veremos a seguir qual era exatamente esse lugar dentro da história de Dias, e dentro da história política da região.

B) Contexto político-econômico

Nessa parte, acompanharemos um pouco da história política em Minas, para entender a importância de uma forma específica de organização do poder, que se originou na República Velha, com a reorganização da economia mineira através da dissolução das riquezas trazidas com a mineração. No final do séc. XVIII, com a decadência da atividade mineradora, o estado passa a ter uma feição agrícola e dos centros mineradores buscava-se o sertão. Assim, passa a ser padrão um tipo de fazenda auto-suficiente, bastante diversificada, composta por pequenos engenhos, lavouras, produzindo farinha. Essa produção era vendida localmente, num lento processo de ampliação da economia mineira, que no séc. XIX passa a suprir o mercado interno, através de bens como gado, milho, feijão, queijo, banha, aves, açúcar, algodão, cachaça, fumo, arroz, etc.. Dessa forma, *"O núcleo vital e definidor da economia mineira (...) é a fazenda"* (Arruda, 1990: 151).

Sem perder essa dimensão da fazenda auto suficiente, as coisas mudam em Minas, nas regiões Sul e Zona da Mata, com o avanço da café, que em 1890 era responsável por 90% da exportação mineira (idem:147). Paul Singer (1973) fala do café em Minas como o "ouro verde"[31]. Em Minas *"as sub-regiões mais desenvolvidas ao sul do paralelo 19, ou seja Zona da Mata, Sul e triângulo, estavam mais ligadas historicamente aos pólos de crescimento do Rio e São Paulo. (...) O café financiou a ascensão das Zona da Mata e do Sul em meados do séc. XIX. (...) O sul também desenvolveu uma agricultura calcada no café (...). Durante a República Velha, estas duas Zonas lideraram as outras em termos de riqueza, população e poder político"*(Wirth, 1982: 42,43). O centro perdeu terreno para o sul no decorrer do XIX e lá as elites que migraram do centro se juntaram a migrantes do vale do Paraíba para formar uma nova elite. A partir da década de 20, o declínio do centro cessou, com o começo da

[31]Num trabalho anterior (1994), demonstrei como era o cotidiano de uma família que vivia numa típica fazenda mineira desse período, com uma produção diversificada de lavouras, pecuárias para subsistência e comércio, ao lado de concentrarem seus esforços na produção de café.

industrialização. Como também afirma Dulci, *"Eram os chefes políticos do sul e da mata, as regiões do café, que detinham o controle da máquina estadual"* (Dulci, 1984:19).

"Usando técnicas predatórias de corte-e-queima, aprendidas com os aborígenes, muitas famílias realmente fizeram fortunas explorando os solos lacterícios e ricos em humus das zonas da mata e do Sul para plantação de café. Os resultados, porém - erosão, lixiviação e exaustão do solo -, em todas as zonas agrícolas do sul provocaram um ambiente arruinado" (Wirth, 1982:45). Sempre seguindo os passos de Wirth, vemos que *"As velhas áreas de café (...) mudaram gradativamente para laticínios, fumo e alguma cana-de-açucar, isso sem contar a agricultura de subsistência (...) Em 1900, com o café em declínio, o futuro agrícola dessas áreas foi salvo pelos mercados urbanos em rápida expansão - em São Paulo e Distrito federal - e sua crescente demanda por cereais, produtos avícolas, manteiga, leite e queijo."* (ibdem). Essas afirmações são apenas em parte verdadeiras, já que o café continuou, embora com muito menos retorno, sendo o principal produto em algumas partes do sul de Minas, por exemplo, onde as fronteiras agrícolas ainda não estavam todas delimitadas, e continuavam a adentrar cada vez mais nas matas nativas da região. Esse é o caso da fazenda da família Rennó, por exemplo, como descrevi num trabalho anterior (Machado: 1994), que fez sua fazenda numa área de mata virgem, até aquele momento, inexplorada. E é o mesmo café que vai possibilitar as bases de atuação política e econômica de Antônio, em meados do séc. XX.

No entanto, convém lembrar que desde 1940, anota Wirth, o sul de Minas era a região do estado com maior número de pequenas propriedades. O gado que vinha do norte mudou a economia local, e *"com a construção de estradas de ferro no sul, as rotas incluiam uma pastagem intermediária, seguida de engorda nas invernadas perto das vias férreas que serviam às feiras de gado no Sul de Minas"* (idem:48). Porém, essas fazendas de engorda de gado, ou mesmo de gado leiteiro, não deixavam de ser fazendas de café. O fato do número de pequenas propriedades ser elevado favoreceu em muito a futura hegemonia de Antônio que, como maior atravessador local, através de sua máquina de café, podia negociar em melhores

condições com proprietários de pequenas produções. Ao mesmo tempo em que lidava com um número muito maior de proprietários, aumentava razoavelmente sua área de influência política.

Essa grande produção de café, durante a República Velha, refletiu-se na política nacional, pois Minas liderou o congresso nacional na maior parte desse período político, retendo a presidência da república por três vezes. A sua coesão interna era o segredo dessa influência nacional. *"Na maior parte do período, a máquina do PRM obteve grande sucesso de adaptação ao coronelismo, a política de patrão cliente usada pelos chefes rurais e regida da câmara estadual."*(Wirth, 1982:154) Veremos como essa "máquina" forneceu os parâmetros para a política local até a década de setenta, através do exemplo de Antônio. Mas, continuando no PRM, vemos que *"em termos de nação, Minas apoiava o presidente; em casa, o funcionamento ordenado do governo estadual e a transferência de poder de um governador a outro não eram pertubados (por) 'minorias efêmeras'."* (idem: 155).

Num rápido histórico, baseado nas pesquisas de Wirth, vemos que o poder das regiões sul e mata mineiras começou com a derrocada de Cesário Alvim, governador em 1890, estreitamente ligado a Deodoro da Fonseca. Mas após o golpe de Floriano Peixoto, a influência do mineiro do centro, e da área da capital diminuiu, seguindo-se um reorganização de forças com influência de Floriano. Após algumas revoltas no sul do estado, Alvin renunciou, enquanto a influência de Silviano Brandão - um supercoronel que reuniu colegas contra o levante de Campanha em troca da Secretaria do Interior - começava a despontar. Em 1894, ganhou a eleição para governador Bias Fortes, com apoio de Silviano. Ele, como presidente do senado estadual continuou organizando um grupo de influência todo sulista, sendo que os principais nomes eram de seu cunhado Júlio Bueno Brandão, líder da maioria na câmara, Wenceslau Brás Pereira Gomes, Francisco Bressana de Azevedo, que passaram a dominar o PRC. *"Assim, o poder mudou para as zonas cafeeiras sem a intervenção federal ou colapso institucional e as receitas sem precedentes do café facilitaram a transição. (...) Entre 1894 e 1899, por exemplo, o Sul recebeu mais da metade de todos os subsídios estaduais em*

empréstimos para construção de ferrovias e subsídios do estado. (...) A política do estado centrou-se num colegiado de fato de chefes regionais análogo a um mini-sistema federal"(idem:159).

Em 1897, o PRC (partido republicano cristão) entrou numa crise pela sucessão nacional, da qual emergiu o PRM (partido republicano mineiro). Em seu clássico estudo do coronelismo, Nunes Leal (1976) demonstrou como a constituição de 1891 acarretou um sério problema econômico aos governos municipais, que ficaram sem verbas. Assim, os coronéis locais tornaram-se economicamente dependentes do governo estadual para apadrinhamento e serviços públicos. Em troca de favores econômicos, os coronéis soltavam os votos. Dessa forma e com esse tipo de apoio, Silviano projetou Minas no cenário nacional, com a ajuda de Campos Sales. O PRM se firmava e agia unificadamente, e na câmara, os 37 membros mineiros votavam em bloco.

As características dessa elite Mineira, são assim demarcadas por Hagopian: "*The Minas political elite which emerged from the imperial period was a cross between a modern, economic elite and a traditional, family-based elite: a set of agrarian elites dominated local and regional politics through a network of traditional families. ... These parentela ties were even more frequent at the higher echelons of this elite.*"(Hagopian 1986:63). E a grande coesão era marcada pela capacidade de votar em bloco, através de seu partido único. "*The Minas oligarchy consolidated its rule within the state first through its control of single political party*" (Idem:76).

O PRM foi dominado pela parte sulista de Minas até 1918, quando Arthur Bernardes assumiu o controle da comissão executiva. O partido viveu tensões internas até 1930, quando o sul voltou a ter alguma representatividade com Olegário Maciel no governo do Estado. Maciel foi íntimo colaborador de Vargas, embora o apoio de Minas fosse relutante. Assim, a "*tradicional habilidade dos mineiros de unirem-se em prol de seu governador novamente assegurou-lhes a influência nacional, mas em condições que fizeram de Minas um cliente*

político de Vargas..."(idem: 154\55) Com o centralismo imposto com a revolução de trinta, as oligarquias mineiras perderam a influência do período anterior, já que uma das conseqüências desse movimento revolucionário foi o enfraquecimento do poder que tiveram os estados na República Velha (Dulci, 1984). Assim, "*o complexo processo político dos anos 30 (...) evidencia o eixo central de atuação das elites mineiras: afirmação do federalismo, isto é, reiteração do peso político estadual, ao lado de uma articulação ativa com o governo central fortalecido...*"(Dulci: 1984:23). Com a morte de Maciel em 1933, no entanto, reverteu-se o quadro político e Vargas, não querendo candidatos representativos em Minas, nomeou governador o desconhecido Benedito Valadares, do oeste do estado. Em 1945, Valadares "*formou o Partido Social Democrático, que em Minas era uma típica coalizão de coronéis inserida na nova base político-administrativa criada na década de trinta*"(Wirth: 172).

No entanto, afirma Dulci, o pessedismo constituiu uma reorganização daqueles clãs oligárquicos, num momento de transição entre a oligarquia de base rural e a burguesia ascendente; mesmo por que "*o empresariado mineiro surgiu como vertente da própria oligarquia tradicional, vinculando-se a esta por laços de família ou de clientela*" (Dulci 1984:25). Porém, no sul de Minas, essa afirmação não é tão verdadeira, pois a oligarquia que ali tinha suas raízes ficou alienada das decisões estaduais, e suas grandes figuras não mais voltaram ao papel de destaque estadual. Na região, a disputa política manteve as características da política coronelista, apesar das mudanças econômicas por que passava o estado, seguindo um lento processo de industrialização, pois o processo político era marcado por uma "*falta de substância das campanhas eleitorais (...) até período recente*"(ibidem). A forma da política era favorável, nos pequenos municípios, a influência coronelista, da qual não se furtou Brasópolis e região, que agora passavam a ter quase nenhuma influência na política mineira, além da votação que representava, material sobre o qual se debruçavam os coronéis locais, em busca de vantagens e favores do governo central.

É nesse panorama que se insere o início da atuação de Antônio, que em 1947 começava sua ascensão econômica, e passaria em breve a fazer parte dessa "coalizão de coronéis", embora não tivesse, como de costume, as origens e relações de parentesco da maioria desses. Mas, como os demais líderes, controlaria sua "área de domínio" num sistema de patrão-cliente, de direitos e deveres recíprocos, marcados pela lealdade pessoal e laços de parentesco. A sua relação com seus "subordinados" era praticamente a mesma de um coronel de décadas anteriores, com a diferença que era, antes de tudo, o negociador de café, e não produtor, como antigamente.

O fato de não ser de uma família tradicional (o "Gomes" de seu nome não é da mesma origem do de Wenceslau Brás Pereira Gomes), não parece ter influído em sua carreira. Segundo o meu argumento, sua trajetória tem sua razão de ser na grande tradição de mudança e migração mineira, que sempre atingiu as "tradicionais famílias mineiras" que, como vimos no capítulo anterior, tinham grande número de seus membros "exportados" para o Rio e São Paulo. Nesse contexto, o surgimento de líderes a partir de outros padrões que não apenas o familiar não é incomum.

Retomando o trabalho clássico de Nunes Leal (1976), vemos que o coronelismo é fruto de uma conjunção entre o poder público e privado, baseado numa estrutura agrária marcada pelos grandes latifúndios. O principal instrumento de pressão do coronel era o voto de curral, através do qual se firmavam os acordos entre os chefes locais e os governos estaduais. Assim, "*A política dos "coronéis" consistia precisamente nesta reciprocidade: carta branca, no município, ao chefe local, em troca do seu apoio eleitoral aos candidatos bafejados pelo governo do Estado.*"(idem: 88). Essa é a situação em que se encontrava Antônio, no papel de chefe local, com pouca influência fora de sua área, mas com uma influência quase militar em Dias. Essa influência era acentuada pelos favores econômicos concedidos, que transformavam em "endividados" a maioria daqueles que estavam sob seu mando. Esses favores econômicos consistiam em empréstimos aos pequenos agricultores que não tinham condições de fazê-lo em

bancos, ajudas em momentos críticos, como casos de doenças, acidentes, dívidas. Formava-se um grande espectro de relações clientelistas, que fazia dessa população, em sua maioria rural, o "curral" de Antônio. Uma relação de troca assimétrica era a base dessa dominação, semelhante a situação narrada por Lanna (1995).

Além disso, as sucessivas eleições para vereador e seu papel fundamental para a decisão de qualquer eleição em Brasópolis, fizeram dele um "grande pai" em Dias, com uma imagem bastante sóbria e respeitável. Um grande chefe conservador que zelava pela segurança e pelos bons-costumes na localidade. Essa posição era um reflexo do seu papel como o vitalício "prefeito virtual" de Dias, pois tendo sido vereador por vários mandatos, esforçava-se sempre para conseguir benefícios para o distrito. Assim, ele conseguiu verbas para quase tudo que existe em Dias, desde a quadra de esportes, até a escola pública de 1º grau. Era, dessa forma, o principal benfeitor de Dias, sempre se esforçando para melhorar o bairro e reforçar a dependência que a população tinha da sua pessoa.

Analisando Matriz, na grande São Paulo, Feldman-Bianco(1981) demonstra a disputa de dois chefes para assumir o posto de cliente das elites tradicionais. Importava a quantidade de votos, não as pessoas, como demonstra Hagopian. Feldman-Bianco demonstra como, no entanto, esses chefes locais se mantém periféricos ao sistema político e econômico mais abrangente, como Antônio. A diferença é que Antônio não foi desafiado por nenhum chefe emergente, podendo cuidar tranqüilamente de sua base eleitoral. A autora expõe, também, como esses chefes locais também funcionavam como mediadores (Silverman 1967:279-293). Piscitelli (1990) também demonstra a transição do poder local de uma família (de uma pequena cidade do sul de Minas) para outra no começo do século, e como essa última, uma vez ligada à elite estadual (através do PRM) não perde mais sua influência.

Porém, temos que reconhecer em Antônio apenas uma versão menor dos antigos coronéis dessa mesma região, que em muito extrapolaram a definição de Nunes Leal, como intermediadores entre poder local, estadual e federal. Na Primeira República, com o café, os

coronéis da parte sul de Minas, mais que intermediadores eram o *próprio* poder estadual e até federal. Não só controlavam sua área de influência, como também a política estadual e federal, através de uma bancada extremamente disciplinada no congresso. Diretamente ligado à região de Dias, o grande nome foi, sem dúvida, Wenceslau Brás, nascido em Brasópolis e erradicado em Itajubá; Wenceslau foi deputado, governador de Minas e Presidente da República entre 1914 e 1918. O tipo de influência que exercia na região era quase religiosa, não havendo adversários políticos, apenas apadrinhados. Outros nomes da região foram, como já se viu, Bias Fortes, Silviano e Bueno Brandão, Olegário Maciel. Quase todos foram governadores de Minas e tiveram bastante destaque na vida pública nacional.

No entanto, essa elite centrada no sul de Minas parece ter perdido espaço, com a crise do café do final da República Velha e com a volta do centro político e econômico de Minas para a área central. Martins afirma, de fato que "*the landowners and the politicians born in the coffee regions were in fact less 'successful' in their careers (and presumably has less political power) than the other members of the elite*" (apud Hagopian 1986:66) Assim, o terreno trilhado por Antônio já era bem conhecido das pessoas da região, e o tipo de relação clientelista, e o poder personalista e paternalista executado por essas grandes figuras permaneceu na memória da população local. Essa herança foi depois apropriada, em menor escala, por vários "pseudo-coronéis" da região, como Antônio. Essa "menor escala" está, obviamente, ligada à decadência econômica da região e ao retorno do poder estadual para a região metropolitana de BH. O aparato de poder montado por esses coronéis foi sendo sucessivamente desmontado, primeiro pelos adversários dentro do próprio estado como Arthur Bernardes. Depois, pelos governadores nomeados por Getúlio, que tinham como um dos objetivos, eliminar a influência desses coronéis. No entanto, a "herança social" desse poder exercido ficou através da constante revigoração do conhecido "coronelismo", que embora fosse retomado em condições mais limitadas, seguia os mesmos caminhos clientelistas e da política de favores. Antônio foi "coronel" até sua morte, na década de oitenta. Somente então,

o coronelismo em Dias começou a ser substituído por outras formas de exercício do poder, como veremos nos capítulos seguintes.

Mas, para dar uma exata medida da atuação política do coronel Antônio, nada melhor que um exemplo etnográfico, como será feito nessa próxima parte.

C) O Comitê e a política em Dias

O "comitê", como vou chamá-lo daqui em diante, surgiu a partir da "Comissão Pró Construção do Mini-Posto de Saúde de Vila Dias". Essa comissão se formou através do interesse de Antônio em construir um posto de saúde no bairro e da convergência de interesses de membros da escola de enfermagem Wenscelau Brás, de Itajubá. Entre os motivos aludidos na ata estão o auto índice de verminose e outras doenças causadas por subnutrição. A primeira reunião do grupo foi feita no dia 7 de agosto de 1973. O presidente da comissão era, claro, Antônio; um de seus filhos, Mário Lúcio de Oliveira, era o secretário. Além desses, participaram mais seis membros da comunidade de Dias, entre os quais outra filha, Maria Auxiliadora (Dora). Além de mais quatro membros da escola de enfermagem, interessados em desenvolver esse tipo de trabalho.

Entre essa primeira reunião e 26 de abril de 1976 ocorreram mais dez reuniões da comissão pró-construção do posto. Nas primeiras reuniões havia um aparato institucional, com representantes da escola, de assistentes sociais da LBA de Itajubá. Já na segunda reunião, Dora aparece como 2ª secretária. Assim, temos uma cúpula familiar dirigindo a comissão, demonstrando o jeito de Antônio lidar com as situações. Já na terceira reunião, a escola de enfermagem se afasta da comissão, que passa a contar com o apoio exclusivo da ACAR (órgão federal, depois substituído pela Emater), através de um membro que esteve presente em todas as reuniões. Nesse período, o prefeito da cidade compareceu a algumas reuniões, comprovando a influência de Antônio. Logo após iniciada, a construção do posto foi interrompida por falta de verbas. Com o consentimento do prefeito, o posto seria doado à prefeitura, que seria responsável pelo termino de sua construção. Isso não aconteceu, por intervenção de Antônio, que argumentou contra, devido a falta de recursos da prefeitura.

A partir da sétima reunião, Ida Maria Gomes, outra filha de Antônio, passa a freqüentar a comissão. Nesse meio tempo, o mini-posto começou a funcionar precariamente. Depois, com

ajuda da comunidade, através da realização de festas, o mini-posto foi finalmente concluído. Durante todo esse periodo o presidente foi Antônio. Mas a décima segunda reunião do grupo já aconteceu sob o nome "Comissão do mini-posto de Dias", na qual se decidiu fazer uma eleição para uma nova diretoria, para que fosse possível a sua legalização. Nessa eleição, Antônio foi "eleito" novamente presidente da comissão, e sua filha Dora, 1ª secretária.

Nessa segunda fase, a ACAR se retirou e, em seu lugar a Emater passou a ajudar nas reuniões. No dia 13 de agosto de 1977, na 16ª reunião da comissão se fez a eleição para o que seria chamado "Conselho Comunitário da Comunidade de Dias", depois registrado em cartório, no dias 5 de setembro de 1977 como "Comitê Comunitário de Ação Social de Dias". Nessa reunião se fizeram presentes todos os membros da comissão, e "*De acordo com a votação ficou estabelecida a Diretoria acima mais a comissão auxiliar com o objetivo de executar trabalhos para o desenvolvimento da comunidade sem remuneração.*" (Ata Comitê; 13/08/1977, pág. 18). Assim, Antônio se tornava presidente do Comitê, e da comissão do mini-posto. Na verdade, as duas coisas se confundiram, e em breve apenas se falaria no comitê. Mas o esquema era o mesmo: o comitê seria dominado completamente por Antônio e por seus familiares mais próximos. A última reunião se fez acontecer, ainda sob o nome de "Comissão de mini-posto", em 29 de agosto de 1977, onde se discutiu o estatuto do futuro conselho comunitário/comitê.

Durante todo esse tempo, Antônio foi o presidente, e foi através de sua influência na prefeitura e na comunidade que conseguiu construir o mini-posto. Além disso, ia expondo seus filhos ao mundo político dessas comissões, controlando qualquer votação. Aliás, as reuniões só aconteciam com sua presença, quando julgava necessário. Na única reunião em que não pôde comparecer, por algum motivo, a mesma foi cancelada e transferida para outra data, em que poderia estar presente. Não apenas esses fatos, mas a presença constante do prefeito e de membros de instituições públicas, como ACAR e depois EMATER, comprovam o prestígio de Antônio.

A próxima reunião do conselho aconteceu apenas em março de 1985, um lapso de oito anos. Vejamos o motivo: "*Ao primeiro dia do mês de março de um mil novecentos e oitenta e cinco, na sala da Escola Estadual "Francisco de Paula Pinto", às nove horas da manhã teve início uma reunião comunitária com a participação dos técnicos da EMATER/MG, Eduardo dos Santos e Elsa Luchessi. O objetivo da reunião é a apresentação da nova equipe da Emater e colocar o Conselho Comunitário de Dias em condições de funcionamento, uma vez que, com o falecimento do presidente, suas ações estiveram paralisadas até a data.*" (Ata Comitê; 01/03/1985; pág.19b) Como podemos ver, a presença de Antônio era *fundamental* para o funcionamento do Comitê, pode-se dizer que ele *era* o Comitê, que se reunia por sua vontade, que se criou por sua vontade e que servia de legitimador de sua posição de "prefeito virtual" de Dias. Assim, não é de se espantar que a sua morte simplesmente tenha interrompido o funcionamento do Comitê. Se Antônio não mais estava presente, o comitê não existia, e assim foi durante oito anos após sua morte. A influência era tão determinante que apenas depois de oito anos, através da ação da EMATER, é que o comitê tentou ser ressuscitado; e a motivação nem veio da população local, que não via o comitê como uma coisa independente da pessoa de Antônio; para eles essas coisas estavam vinculadas, e custou muito esforço para reativar o comitê; mas isso já é o assunto do próximo capítulo.

O que vale ressaltar aqui é como o poder exercido por Antônio era um tanto personalista, nos moldes do coronelismo tradicional. O comitê era a própria extensão desse seu poder econômico e político. Através dele reivindicava da prefeitura melhorias para o bairro, além de já o fazer como vereador, agindo assim, em duas "frentes" distintas. Com o comitê, transformava a sua voz na voz da comunidade. Basta constatar que as falas descritas nas atas são, em sua maioria, do próprio Antônio. Pouquíssimas vezes algum outro membro da comissão/comitê se manifestou. Nestas circunstâncias, o falecimento de Antônio não podia resultar em outra coisa senão a paralisação total do Comitê. O que se seguiu à sua morte foi

algo semelhante ao que aconteceu com o Comitê: um esvaziamento da vida política, que perdeu o seu único ponto de referência concreto, o próprio Antônio.

No período de sua falência e a de seus filhos que o acompanhavam nas plantações de café, faliu toda a economia de Dias, pois os outros plantadores de café também sofreram a mesma geada. Até a máquina de beneficiamento foi vendida e passou a funcionar muito pouco. Vários perderam, nesse processo, seus empregos. O dinheiro parou de passar por Dias e viveu-se, por lá, uma grande crise, que refletiu-se no plano político. O distrito deixou de ser, a partir de então, produtor de riqueza, procurando alternativas econômicas que implicaram num novo perfil "dormitório" para o Dias. Como vimos no capítulo anterior, muitas pessoas passaram a trabalhar fora. Antônio sobreviveu dois anos à sua falência e, num panorama de caos, era ainda uma referência para as pessoas. Porém, após sua morte, o espaço político ficou realmente vazio durante algum tempo. Apenas lentamente veio se reconstituindo, e esse processo se estende até os dias de hoje e será analisado nos dois capítulos seguintes.

Para situar Antônio nesse panorama das elites tradicionais, Hagopian nos diz que "*Traditional political elites perpetuate 'traditional politics', that is, a pattern of politics in which power is narrowly concetraded, access to decision-making restricted, channels of political representation hierarchically organized, and levels of political representation strictly regulated. In political systems in with traditional elites figure prominently, political parties are more likely to be vehicles of oligarchical control than to genuine transmission belts of non-elite interests, and the prevalent form of political representation is apt to be a variant of the processes which could transform political institutions and arrangements in democratic direction.*" (Hagopian 1986:24).

A forma de poder executada por Antônio era semelhante, mas em menor escala, a essa definida como sendo das elites políticas tradicionais, com a conseqüente centralização política em torno da sua figura. Porém, ao vermos Antônio como criador de um pequena elite local emergente, vemos que a forma de transmissão desse poder mudou de figura, em parte também

devido à sua falência econômica e a incapacidade de manter um "curral" eleitoral eficiente. Pois não foi apenas a falência de Antônio que resultou nessa decadência de sua "elite emergente", mas a falência do café na região, que lhe roubou a sua base de sustentação política diretamente vinculada às relações clientelistas. A continuidade de sua influência, de fato, não pôde ser verificada, devido a sua morte logo após sua falência econômica.

Porém, como não fazia parte de uma elite já estabelecida, a continuidade de seu poder se viu comprometida com sua morte, já que não se faziam claras as formas de continuidade desse processo. Não houve tempo de reforçar essa estrutura de dominação, embora fosse gradualmente se solidificando. No entanto, o preenchimento do poder em Dias, a partir da desestruturação das bases político-econômicas de Antônio, revelam uma certa continuidade familiar no seu desenvolvimento. Dessa forma, a "elite" se mantém no poder, embora ressurja de uma forma bastante diferente, através de outras características básicas. Como vimos no segundo capítulo, a reorganização do poder se faz a partir do princípio estrutural localizado, onde a vivência de um lugar ampliado e de ritmos alternados de temporalidades cria uma elite local a partir de um discurso de exclusão, .

Assim, o princípio estrutural que fornece "sugestões" de formas de vida específicas, a partir desse lugar ampliado, surge como uma novidade no mundo político de Dias, mas sem romper com as heranças do poder de Antônio. Na verdade, essas duas ordens de poder não se contradizem, pois os filhos de Antônio foram socializados também sob influência desse princípio estrutural local, ao mesmo tempo em que usufruíam do poder de Antônio e alguns terem se introduzido na vida política através de seu pai. Assim, a herança da influência não deixou de se transmitir, mas não da forma como as elites tradicionais o fazem, segundo Hagopian. O novo cenário político foi diluído por essa nova "elite da movimentação", na qual alguns filhos de Antônio encontram-se em destaque. No entanto, dividem esse cenário político com novos integrantes, antes sem voz política. Através do princípio estrutural local, a política se reestruturou em outras bases, onde o poder não é tão concentrado, onde o acesso às

tomadas de decisão estão mais próximas e onde a competição política não está claramente regulada. O cenário político é mais democrático, embora restrito a uma certa elite, bastante numerosa, porém mais democrática que a forma exercida por Antônio.

D) Antônio e o princípio estrutural localizado

Agora, depois de analisarmos a história de Antônio, é hora de relacioná-la com a construção do nosso princípio estrutural localizado. Veremos de que forma se relaciona sua trajetória com a construção de uma situação onde a disputa política é permeada pela vivência de um espaço ampliado; onde a legitimação da própria disputa pelo poder se dá a partir de uma diferença (construída) entre os que ficam e os que saem para viver esse espaço. Obviamente, a primeira dedução que salta aos olhos é que a vida de um grande comerciante, político ligado a uma localidade, é bastante movimentada. A sua vida é a própria vivência do princípio estrutural localizado, pois tudo o que realizou deveu-se a sua movimentação no espaço (já naquela época) ampliado de Dias. Comerciava café com compradores de toda região, deslocando-se para todos os cantos, negociando e cuidando de sua base política. Além disso, a câmara municipal se situa em Brasópolis e o exercício de seu poder lá se efetivou, implicando novamente um "sair" de Dias para realizar-se plenamente. Ou seja, mesmo com sua máquina de café instalada em Dias, fornecendo empregos para uma parte da população, a sua movimentação era intensa, principalmente dentro de sua área de influência.

Porém, ele desempenha um papel dúbio em relação ao que chamei de princípio estrutural local, pois apenas após a sua morte esse último passou a ser, definitivamente, o codificador das disputas políticas. Antônio viveu nos moldes do que hoje constato ser um "modo de vida" importante para os Dienses e, muito provavelmente, foi quem o fez de forma mais radical nas décadas de 60 e 70, sendo um propulsor dessa forma de viver. Mas ao mesmo tempo, o fato de trazer para Dias uma grande quantidade de capital, através da máquina de café, fazia com que um número razoável de pessoas não se preocupasse em sair de Dias, o que veio a acontecer acentuadamente após sua morte. Porém, não devemos ver nessa ligação entre Antônio e o princípio estrutural localizado mais do que ela na verdade representa: Dias também vivia um processo comum à região do Sul de Minas, a de ser uma exportadora de

mão-de-obra desqualificada para áreas em industrialização de São Paulo, como São José dos Campos e Diadema, como vimos no capítulo passado. Essa migração regional também influenciou e ajudou a construir esse nosso princípio, independente da ação de Antônio.

Dessa maneira, mesmo retendo parte da população em Dias através de seus negócios e atuando como um fator de "imobilidade" para a população, sua forma de viver, apropriando-se de um espaço maior que Dias, obtendo sucesso, aliado àquela migração local, já citada, atuou num sentido de ser o principal modelo do que a vivência do princípio estrutural localizado poderia proporcionar. Seu sucesso político e econômico acentuou o papel dessa vivência no imaginário da comunidade, consolidando-o um pouco mais ao longo do tempo. É preciso ressaltar que mesmo essa influência contrária a movimentação característica do princípio, através da máquina de café, pode ser relativizada, pois o tipo de emprego relacionado ao manejo do café, em várias circunstâncias proporcionava uma certa movimentação aos empregados. Muitos trabalhavam no transporte do café, como caminhoneiros, o que é a mais pura movimentação. Outros, como negociadores, negociavam café nas redondezas.

Mas as mulheres, que trabalhavam na escolha do café, essas ficavam mesmo em Dias, sem viver esse espaço ampliado. Essa parece ser uma circunstância importante e que me permite afirmar que, no seu processo de construção, o princípio estrutural local "avançou" de forma diferenciada, no que tange à questão do gênero. Para os homens, de fato, esse princípio passou a ser imperioso antes do que para as mulheres. Afinal, em Minas, a política e a economia eram coisas de homem até há pouco tempo. Nesse sentido, a vida de Antônio inclina-se claramente num sentido contrário ao do princípio estrutural localizado atual. Para ele, as mulheres deveriam ficar em casa e em Dias, ponto. Foi assim que agiu, por exemplo, com suas filhas, que forçou a ficar em Dias após terem concluído o magistério. Dora contou-me como seu pai lutou para que ela não fosse fazer um curso em Belo Horizonte, e como só venceu essa disputa com muita insistência. A posição da mulher seria, assim, muito semelhante à posição da mulheres em comunidades rurais tradicionais já estudadas por outros autores

(Cândido 1982, Brandão 1993, Woortman 1995), que devem ficar em casa e executar as tarefas domésticas. O círculo de ação da mulher era bem mais reduzido que o dos homens. Mesmo a migração local, pelas mulheres, só era executada após o casamento, pois dificilmente uma mulher sairia do lugar antes de casar. Assim, para as mulheres, o princípio estrutural passou a influenciar suas decisões mais tarde, e representou uma conquista, pois a partir do momento em que passaram a vivenciá-lo, começaram a deixar para trás uma condição de submissão. Mas essas questões serão melhor examinadas no próximo capítulo.

Por outro lado, no que se refere ao exercício do poder em Dias, a relação entre o princípio estrutural local e a história de Antônio é bem complexa. Para entrar nessa discussão, antes é preciso voltar a alguns conceitos consagrados por DaMatta: a casa e a rua. O lugar do público e privado no cenário da vida brasileira foi bastante debatido por DaMatta. De tão conhecidos, tomo a liberdade de não explicá-los, em favor da fluência do texto. O fato é que a casa e a rua em Dias são mais complexos: a "casa" acaba sendo toda a vila, pois sendo pequena e composta por basicamente quatro ou cinco famílias, temos uma situação onde todos são aparentados de alguma forma e a utilização do conceito *casa* se aplicaria para todo o ambiente de Dias. Assim o privado é a própria vila, e o público é o "fora" da vila, onde se dão as relações de impessoalidade, características desse conceito forjado por DaMatta. Claro, não estou afirmando que *não há* diferenciação entre público e privado em Dias. Essa diferenciação existe, porém, não da forma em que seria facilmente reconhecível nas cidades maiores, e não de forma decisiva, possibilitando afirmar que o público é realmente o "fora" de Dias.

O próprio DaMatta pretende oferecer essa perspectiva relacional à sua conceituação, pois "*a casa define tanto um espaço íntimo e privativo de uma pessoa (por exemplo: seu quarto de dormir), quanto um espaço máximo e absolutamente público, como ocorre quando nos referimos ao Brasil como nossa casa. Tudo, obviamente, depende de outro termo que está sendo implicitamente contrastado*"(DaMatta, 1985:13). Ou, em outro momento; "*É uma oposição* (a casa e a rua) *que nada tem de estática e de absoluta. Ao contrário, ela é dinâmica*

e relativa porquê na gramaticalidade dos espaços brasileiros, rua e casa se reproduzem mutuamente (...)"(idem:43) A oposição serve como parâmetro explicativo, e os casos etnográficos é que nos darão a medida em que esta oposição se faz. Assim, as idéias de Dumont sobre hierarquia e englobamento do contrário, são encaixadas aos conceitos de casa e rua. No caso de Dias, é fragrante que a *casa* é o termo hegemônico (ou englobante) para todo o espaço físico da Vila.

Na verdade, as pessoas não se relacionam todas entre si em Dias. São feitas algumas escolhas e alguns grupos se freqüentam mais que outros, embora todos se conheçam. Existem, assim, certos *trajetos* (Magnani 1996), executados por pessoas mais próximas, certo números de residências que se visitam mais, em certa ordem, certas rodas de conversa mais freqüentes, etc.. Esses trajetos marcam grupos dentro de uma comunidade que se reconhece como tal, acentuada por fortes laços de parentesco. No entanto, as pessoas continuam sendo todas conhecidas uma das outras e ocasionalmente se freqüentam por imposições sociais, como as novenas, por exemplo. Outra diferenciação se deu, em certo momento histórico (e por isso a posição de Antônio é antagônica no que se refere ao princípio estrutural localizado) através do exercício de seu poder, pois sua autoridade dentro de Dias fazia, em certas ocasiões, da rua a "*rua*" de DaMatta. Ele inspirava medo, e como tal construía em torno de si uma "área de cuidado", onde as pessoas se retiravam, paravam de conversar, de beber, etc.

Antônio exercia uma autoridade quase policial, interrompendo "algazarras", como muitos lembram; resolvendo disputas; etc. Essa autoridade é impessoal e pessoal ao mesmo tempo. As pessoas ora o encaram como o indivíduo Antônio, ora como a "entidade" que encarna todas as dimensões do poder no local; executivo, legislativo e judiciário na sua pessoa, que procurava dar uma conotação "justa" e imparcial para suas decisões, reforçando também uma (contraditória) impessoalidade burocrática. Assim, por mais paradoxal que pareça, ao lado de exercer um tipo de poder personalista, como já foi demonstrado, criava uma "esfera pública" ao seu redor.

Devemos aqui lembrar as idéias de Sennet (1988), sobre o declínio da esfera pública, sobre o desenvolvimento, a partir do século passado, da noção de pessoa atual, da perversidade da busca narcisista de questões relacionadas com o EU, enquanto a participação com estranhos para finalidades sociais diminui. A questão psicológica perverteu a esfera pública (vista não apenas como uma região em separado do âmbito da família e dos amigos íntimos, mas também uma região onde esse domínio público dos conhecimentos e dos estranhos inclua uma diversidade relativamente grande de pessoas). Segundo Senett, a vontade de controlar e de moldar a ordem pública foi se desgastando, e passou-se a enfatizar o aspecto de defesa contra a mesma. Assim, a família vai se tornando refúgio contra os terrores e parâmetro moral para se medir o domínio público das cidades mais importantes.

Exponho rapidamente seus argumentos para demonstrar como, em Dias, a esfera privada é todo o seu espaço físico, além de comprovar que o meio de articulação do poder de Antônio tem relação com a privatização da vida pública, sendo que sua base de influência foi exercida através do contato pessoal, da exploração de relações assimétricas de poder dentro da esfera privada, dos relacionamentos entre "amigos", parentes, aparentados e compadres. Essa forma de poder pode ser analisada segundo a argumentação de Sennet, segundo o qual a credibilidade política, com o passar do tempo, é resultado da superposição gradual do imaginário privado sobre o público. Mas o dado interessante que traz a minha pesquisa é que a execução desse poder pessoal, privado, convencionado como coronelista, implica também na construção de uma "bolha" pública ao redor de Antônio, que passa simultaneamente a ser o parente, amigo, compadre a quem recorrer, a quem se deve favores. Mas, ao mesmo tempo, também o próprio poder impessoal, a autoridade distante e moralista, que cria em sua volta um espaço de "defesa" da sua esfera realmente privada, composta pelos seus familiares mais próximos.

Essa situação dúbia e esse espaço de "defesa" é o que chamei de "bolha pública" dentro de um espaço coletivamente privado de Dias. Esse argumento não é, como parece ser,

contraditório. Afinal, DaMatta mesmo afirmou que, no Brasil, convivem noções de indivíduo (domínio do impessoal, burocrático e igual) e pessoa (domínio da diferença pessoal, da hierarquia), público e privado. No seu *Carnavais, Malandros e Heróis* (1978), ele demonstra como, por exemplo, o rito do "*você sabe com quem está falando*?" revela a possibilidade de passar de um pólo ao outro, do indivíduo à pessoa; assim vivemos uma relação complexa entre essas duas noções básicas, e não é de espantar que o exercício do poder personalista de Antônio trouxesse também características da esfera pública para dentro da vila, mesmo acentuando a hierarquia. Segundo DaMatta, podemos exprimir a realidade social por meio de um código duplo, possibilitando essa situação acima descrita.

Mas, de qualquer forma, o "público" (acompanhando o argumento de Sennet) é acentuadamente o "fora" de Estação Dias, o que é muito conveniente para o nosso amigo princípio estrutural localizado, como já perceberam os astutos leitores. Poderia dizer que o espaço público é pensado através do mesmo ou que, ao contrário, o princípio se estrutura a partir dessa característica: a de fazer de toda vila um espaço privado e relevar o público às cidades ao redor. No entanto, isso seria um erro. O princípio estrutural localizado, como "entidade" histórica que é, não deve a essa ou aquela circunstância o seu papel tão importante de hoje em dia, em Dias (perdoem a brincadeira). É, antes, um resultado de certas condições que venho enumerando até aqui, e essa última é uma delas. Posso, entretanto, afirmar que na estrutura da vila (na coloração Radcliffe-Browniana do termo) se encontra mais uma situação que possibilitou o desenvolvimento do princípio estrutural localizado.

Porém, esse fato é algo que acentuou bastante a sua importância nas disputas políticas do presente, pois no decorrer do tempo, o poder passou a ser legitimado através da vivência na Rua, do público, ou seja, fora de Dias. Isto só pôde acontecer após a morte de Antônio, pois enquanto vivo, no exercício de seu poder, acentuava a construção do público em Dias, ao mesmo tempo em que conferia à esfera política um caráter privado. Após a sua morte, os membros de Dias foram procurar referências fora, foram trabalhar fora, já que a falência

econômica também significou desemprego. Desta maneira, o princípio estrutural localizado foi se acentuando ainda mais. Depois de um vazio político, que se seguiu à sua queda e morte, o lugar da disputa política voltou a ser preenchido, mas dessa vez por pessoas que estimulavam um discurso de exclusão, a partir da vivência da movimentação sugerida pelo princípio estrutural, para legitimarem seu novo papel político. Assim, os novos ocupantes da cena política, passam a fazê-lo acentuando uma vivência do espaço público. Porém, isso não significa que laços pessoais não mais influenciam as disputas políticas, ou que o poder deixou completamente de ser "privatizado". Essas situações se misturam e formam uma ordem diferente, a ser estudada nos capítulos seguintes.

DaMatta afirma que "*(...) qualquer evento pode ser sempre "lido" (ou interpretado) por meio do código da casa e da família (que é avesso à mudança e à história, a economia, ao individualismo e ao progresso), pelo código da rua (que está aberto ao legalismo jurídico, ao mercado, à história linear e ao progresso individualista) (...).*" (DaMatta, 1985:41). No entanto, como demonstra para o caso das camadas populares, englobadas pela Casa, um deles pode ser hegemônico. Podemos fazer, dessa forma, uma relação semelhante para Dias, pois essa certa elite que disputa o poder procura legitimar-se por meio de um discurso de exclusão, que é baseado na movimentação por um espaço ampliado, e que engloba a Rua. Seu discurso e atuação são construidos em oposição ao restante da população de Dias, que não participa tão ativamente desse intenso circuito de movimentação, englobados pela Casa.

Assim (para construir uma dessas frases de impacto), se a vida de Antônio impulsionou o princípio estrutural localizado, sua morte o sacramentou. Representou o fim de um poder personalista e coronelístico nos Dias de hoje e a emergência de uma nova forma de disputa política, que passará a ser executada e legitimada na esfera pública, através do princípio estrutural localizado. Assim, terminamos esse capítulo, depois de acompanhar a trajetória de Antônio, que corresponde a uma parte da história política, econômica e social de Dias - tão importante que, no presente, a luta política disputa também a apropriação da sua

memória, explorando o imaginário criado pela sua passagem pela história local. Agora passaremos a ver como se deu essa mudança da vida política local, acompanhando os momentos que se seguiram à sua morte e chegam até os dias de hoje, demonstrando como o princípio estrutural localizado sacralizou-se na vida cotidiana da vila, e como é fundamental para se entender o que acontece nesse novo cenário político.

CAPÍTULO 4 - POLÍTICA É COISA DE MULHER

Acompanhando a história política de Dias, esse capítulo trata do período que se inicia com o falecimento de Antônio e se estende até pouco antes do início do meu trabalho de campo, no segundo semestre de 1996. Tratarei, seqüencialmente, do grupo da igreja antiga, do "grupo" das mulheres e, posteriormente, da disputa entre ambos em torno dos cargos da diretoria da igreja. Veremos como essas mulheres iniciam sua ação política através do comitê e, como, depois, passam a disputar também os cargos da igreja. Uma vez narrada essa história, veremos as conseqüências dessa ação feminina para a vida local, a partir dos pressupostos teóricos elaborados no capítulo dois. Tentarei, ainda, qualificar, a partir de uma discussão sobre movimentos sociais, como define-se a ação dessas mulheres, tendo em vista a análise de suas conseqüências, feita na seção anterior.

Esse capítulo precisa de um rápido roteiro, antes de ser lido, para que o leitor não se perca entre suas partes. Escolhi, desde o início do trabalho, adotar uma disposição da explicação que acompanhasse, cronologicamente, as mudanças na história política de Dias. Também decidi seguir essa cronologia nesse capítulo, em nome de uma coerência de estilo. Porém, para que esse capítulo faça sentido, essa introdução é fundamental, já que essa "parte" da história tem idas e voltas complexas. Os leitores devem ter em mente que trato do período que se inicia logo após a morte de Antônio, quando as mulheres ainda não atuavam politicamente da forma tão acentuada, como passaram a agir em seguida. Nesse período, o único grupo organizado existente era o da "igreja antiga"[32]. Por isso, inicio o capítulo descrevendo esse grupo.

Foi em oposição à "igreja antiga" que as mulheres começaram a se mobilizar, reorganizando o comitê. Por isso, o capítulo segue com a descrição de como as mulheres

[32]"Grupo" é a palavra nativa com que se denominam, e a que uso no começo desse capítulo, a seguir, definirei esses "grupos" conforme a bibliografia antropológica melhor sugere, dentro das características do caso estudado.

ressuscitaram o comitê e de como, através do mesmo, ocuparam o cenário político local. As duas seções seguintes tratam da forma de ação dessas mulheres e suas conseqüências. Veremos que, após ocuparem o espaço do comitê durante cerca de seis anos, passaram novamente a confrontar diretamente o grupo da igreja antiga que, ao longo do tempo, desintegrava-se a medida em que as mulheres consolidavam sua influência. De fato, elas passam a ocupar esses cargos da igreja, desalojando o grupo da igreja antiga[33], modificando um pouco o discurso, como veremos.

No entanto, o comitê não deixa de ser importante na estratégia de ação feminina, pois essas sempre mantêm um representante de destaque no mesmo. Por isso a seqüência escolhida na organização do capítulo: começo pela igreja antiga, depois mais três seções sobre a ação das mulheres no comitê, seguidas de uma seção sobre a ocupação feminina da igreja e, por fim, a última parte, onde procuro definir melhor como se deu a "dominação" feminina.

[33] Foi por esse motivo que escolhi o nome "igreja antiga", já que a diretoria atual da é formada por essas mulheres.

A) Ação do grupo da "igreja antiga" no período de transição entre a morte de Antônio e a "reconstrução" do comitê

Durante a "época de Antônio", o único grupo mais ou menos organizado que existia sem a sua direção explícita era o da igreja, responsável pela administração da igreja local, que recebia o padre do município uma vez por mês. Após a sua morte, esse grupo (que chamarei de "Igreja antiga") ocupou a cena local. Nessa parte inicial explicarei rapidamente suas características, sua constituição e forma de ação.

Esse grupo girava em torno de José Miguel, presidente da diretoria da igreja católica no Distrito, e era marcado por rituais de entrada, envolvendo cursos e o domínio de saberes específicos. Existe há vinte anos, desde quando se formou uma diretoria para cuidar da "fé" dos habitantes de Dias, além de controlar a arrecadação de fundos para o único fim necessário: reformas na igreja e na Casa Paroquial do Distrito. José Miguel foi, desde a fundação, o único presidente da diretoria[34] e tinha um bom relacionamento com Antônio, tendo sido indicado por esse para ocupar tal cargo.

Como se sabe, a ligação do poder personalista dos coronéis com a igreja católica é bastante acentuada e, no distrito de Dias, não se fez menos importante. Por influência de Antônio, eram celebradas missas na igreja de Dias com uma constância bastante freqüente, bem maior que hoje em dia. Era do seu interesse que um grupo se formasse e se tornasse responsável pela "educação espiritual" da vila; o que também era muito conveniente para a sua própria imagem sóbria e moralista. Antônio não era formalmente um integrante desse grupo. Porém, a diretoria executava suas obrigações sem entrar em atrito com ele, já que, tendo seu apoio, não poderia fazê-lo. Antônio, entretanto, não abria mão da própria influência, em

[34]Essa diretoria, na época de José Miguel, sempre foi algo muito difusa, sem definição; ninguém sabia quem era membro ou não. Apenas José Miguel era visto como chefe, pois além de tudo era ele quem estava com a chave da igreja e da casa paroquial.

qualquer aspecto da vida em Dias. Por isso mesmo, Zé Miguel[35] foi o seu "escolhido" para a função, pois não tinha grande importância econômica nem política na região, estando diretamente submetido à autoridade de Antônio.

Embora esse grupo contasse com cerca de dez membros, é inegável que só se mantinha como tal devido à presença de Zé Miguel. Como presidente, centralizava todas as atividades em sua pessoa, como se fosse uma "versão amarelada" de Antônio. Exercia sobre seus colegas uma autoridade reforçada pelo seu jeito ríspido. Na verdade, o "grupo da igreja" era centrado na sua pessoa e era mais ou menos usual associá-lo a igreja. Assim, não se pode deixar de considerá-lo como uma liderança, projetada a partir de sua posição na esfera religiosa do distrito. Após a morte de Antônio, Zé Miguel tentou seus vôos mais altos, buscando influenciar a vida política de Dias. Porém não conseguiu ir muito longe, despertando ainda mais a oposição de seus adversários.

De qualquer forma, esse "vôos" esbarraram nos princípio de organização grupal. Como um grupo fechado e marcado por atividades fixas, os seus membros não se destacavam por um grande contato social com as pessoas do bairro, já que a participação sempre dependia de um certo *conhecimento* acumulado. Era um grupo bem fechado, na verdade. Era aberto apenas a quem estivesse interessado em passar por um processo de iniciação que exigia cursos especiais em Aparecida do Norte, participação de grupos de oração constante (que também exigem uma preparação específica) e assim por diante. Após a morte de Antônio, aquela rede centralizada em seu redor dissolveu-se e a diretoria da igreja restou como único grupo organizado. Assim, é compreensível que tenha, por algum tempo, sido a única referência de organização em Dias. Porém, esse grupo, se tentou assumir a frente da vida política, esbarrava em grandes contradições internas. Não era organizado para agir politicamente, mas sim para aquilo que se esperava de uma diretoria de uma igreja: fazer as missas serem rezadas pelo padre local, fazer com que as pessoas comparecessem a essas missas, organizar novenas, fazer cultos aos fins de

[35]Já acompanhamos a história de vida de Zé Miguel no capítulo 1.

semana em que o padre não pudesse comparecer, etc. Assim, esse grupo simplesmente não sabia agir como um representante de Dias em outras situações que não tivessem estrita relação com religião ou festas religiosas. O problema era que esse grupo tinha sua ação limitada ao espiritual, não sabendo articular-se nos demais campos sociais.

Mas, mesmo assim, esse grupo da igreja foi o único da cena política local por cerca de quatro anos após a morte de Antônio. Esse período foi marcado pela inflexão das atividades sociais e coletivas de qualquer espécie, além das próprias festas realizadas pela diretoria. Como a ação era exclusivamente ligada a eventos religiosos, logo um pequeno número de mulheres começou a perceber a falta de atividades mais politicamente dirigidas, a sentir que o distrito estava sem voz política atuante. Porém, as reações giravam em torno de um saudosismo da autoridade e influência política de Antônio. O momento era de grande passividade, ao qual se acomodou esse grupo religioso que, não tendo adversários políticos, não se preocupou em questionar os próprios princípios de ação e, talvez, transformá-los em ação política. A ação continuou sendo religiosa, seguindo parâmetros da parte conservadora da igreja católica, pretendendo cuidar do alimento espiritual do distrito.

A sua marca nessa transição foi o não questionamento da forma de exercer o poder. Os membros da "igreja antiga" não discursavam como quem pretendia ser influente em "questões materiais", apesar de não esconderem a satisfação de serem o único ponto de referência política, de um jeito ou de outro. Na verdade, a "cara" do grupo só se revelou quando passou a ser sistematicamente questionado pelo futuro "grupo" das mulheres, que cobrava uma postura mais "social", com atividades que ajudassem diretamente as pessoas do bairro. Assim, se criou um conflito mais ou menos velado entre esses grupos. Ao ser questionado frontalmente, o grupo da igreja antiga passou a assumir a oposição e exigir para si prerrogativas que o novo grupo começaria a requisitar. A vontade de permanecer no "poder" surge, nesse momento, como aquela que faz esse grupo se assumir como "em disputa" com o novo adversário, mesmo que nunca tenham deixado de ter um discurso essencialmente religioso.

Zé Miguel tentou impor sua vontade, resistindo à pressão das mulheres, principalmente controlando o espaço da casa Paroquial, único espaço que poderia ser usado como comunitário no distrito. Mas o grupo da igreja antiga não conseguiu deixar de ser essencialmente religioso, não sendo capaz de satisfazer as novas necessidades e demandas "sociais" que o "grupo" das mulheres começava a exigir. A oposição de Zé Miguel durou algum tempo, até ser formalmente derrotado, ao ser excluído pelo novo padre da direção da igreja, como veremos adiante. Passo agora a explicar como se deu o processo de organização e "ascensão" do grupo de mulheres.

B) A reconstrução do comitê pelas mulheres

Seguindo na cronologia política de Dias, nessa seção procurarei demonstrar como as mulheres atuaram através do comitê, a partir do final dos anos oitenta, além de oferecer alguns dados sobre o desenvolvimento desse comitê como o órgão representativo oficialmente reconhecido. Veremos também um exemplo concreto da ação dessas mulheres através do comitê.

O "grupo de mulheres", que venho citando, foi organizado por basicamente duas mulheres muito amigas entre si e que têm posturas de ação políticas muito semelhantes. São elas: Dora e Zélia. Em torno delas "flutuam" um grupo de cerca de cinco mulheres (Francisca, Ida, Ana Lúcia, Quinha, Alice) também muito amigas. Várias outras estão ligadas a esse núcleo principal. As duas líderes consideram-se as responsáveis pela Vila, pois tudo que acontece passa por elas, desde os problemas pessoais de alguém até problemas estruturais como o da água. Estão no centro de uma rede de relacionamentos que envolvem parentesco, tradição e amizade. Várias são as pessoas que participam, como as irmãs de Dora, os parentes, os maridos de Ana Lúcia e Zélia, etc. Elas foram responsáveis pela ressurreição do Comitê e mesmo depois de terem como objetivo ocupar o espaço da igreja, mantém Ana Lúcia atuando nesse espaço político. Foram também elas, em certa medida, as responsáveis pela "queda" de Zé Miguel da igreja, como veremos.

Como definir o grupo de mulheres? A saída pode ser encontrada na antropologia inglesa da escola de Manchester, que se preocupou com a caracterização de grupos efêmeros na sociedade "contemporânea". Conceitos como *grupo*, *quase-grupo*, *redes sociais*, *conjuntos de ação*, desenvolvidos por autores como Mayer (1987) e Barnes (1987) podem ser interessantes nessa discussão. O conceito de redes sociais de Barnes define "*um conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos*" (Barnes 1987:167). Esse conceito detecta um conjunto de relações interpessoais, baseadas em

afinidades variadas, em relações consangüíneas de parentesco, etc.. Esse conceito trabalha com certas noções vagas como "contato" entre indivíduos, que definem apenas relações diáticas. No caso da mulheres de Dias estou trabalhando com um tipo específico de relação entre alguns membros dessa rede mais geral. Em Dias, a construção abstrata de uma rede incluiria, com base nessas definições de relações diáticas, virtualmente todos os membros da vila. Afinal, estamos tratando de um local com apenas três ruas paralelas, onde todos se conhecem e quase todos se relacionam por parentesco. Assim, nessa rede social total me interessa um adensamento de indivíduos que compartilham comportamentos e posturas políticas comuns. Esse adensamento corresponderia a uma "rede parcial" que, para Barnes, seria uma parte dessa rede social total: as mulheres de Dias, em geral, formam uma rede parcial, num processo de feminilização da esfera pública. No entanto, para definir essa pequena rede social, formada por um número limitado de mulheres, que articulam essa rede parcial feminina, é mais funcional a utilização de outro conceito, de Mayer.

O conceito de quase-grupo interativo, cunhado por esse autor pode ser elucidativo: são aqueles que têm "*certo grau de organização* (...) (e) *estão baseados em um conjunto de indivíduos em interação*"(Mayer 1987:128). Estes quase grupos estão centrados em um ou mais egos (Dora e Zélia, no caso), e sua existência depende deles como organizadores centrais; as ações dos membros são importantes na medida em que são interações com os próprio egos. Essa é uma boa exemplificação do que acontece em Dias, já que o grupo de mulheres (na verdade, um quase-grupo) existe em função de suas líderes. A vantagem dessa terminologia é colocar o quase-grupo das mulheres na sua devida proporção; que é local num contexto abrangente, embora fundamental. Assim, daqui em diante, falo de quase-grupo para referir-me ao pequeno número de mulheres líderes. Essas são as articuladoras de uma rede parcial feminina, abrangendo as demais mulheres do distrito, situada dentro da rede social total que corresponde à própria vila de Dias. Serve também para evidenciar a falta de um compromisso ideológico qualquer (além de posturas vagas de "ajuda" à comunidade, máscaras de um projeto

de dominação), possibilitando uma flexibilidade na ação, como o fato de criticar a igreja nas mãos de Zé Miguel, e depois "ocupá-la", deixando de priorizar o comitê.

Esse rede parcial nasceu a partir das conversas das amigas Dora e Zélia, a primeira, filha de Antônio e a segunda uma gaúcha que, por mistérios da vida, acabou parando em Dias, onde se casou com Pedro Mendonça, participando mais ativamente da vida local. A elas juntaram-se Alice e Ana Lúcia, cunhadas entre si e cunhadas de Zélia e amigas de Dora e suas irmãs Ida e Quinha. Essas pessoas são o centro do que venho chamando de "grupo" das mulheres (como são chamadas em Dias), e definidas acima como quase-grupo de mulheres; a elas juntaram-se vários membros da comunidade local, envolvidos no projeto de ação política defendido por elas.

Voltando à história política local, após qualificar o quase-grupo das mulheres, vimos que em 1986 começava a renascer o Comitê, através de um impulso externo: um grupo de engenheiros da Emater tentou organizar a sua restruturação, percebendo que a falta de alguma atividade política prejudicava em muito o distrito. Esses engenheiros tentaram jogar uma semente, que não cresceu, pois o primeiro presidente eleito do comitê foi "Polaco" (Antônio Gonçalves). Polaco apenas assumiu a presidência de um comitê que nunca funcionou. Nesse meio tempo, nos finais da década de oitenta, esse quase-grupo de mulheres começou a se organizar, e a questionar a posição de José Miguel e a desejar que a situação mudasse radicalmente.

Assim, a partir dessa necessidade, se organizou lentamente o "grupo das mulheres", atuando politicamente de forma uniforme. Primeiro através da "ressurreição" do Comitê, que serviu de instrumento para execução de uma série de princípios que norteiam a sua conduta, a partir mesmo de uma outra noção de ação política. O "grupo" começa a agir através do comitê, inicialmente por intermédio de Zélia, que participou do comitê entre 1989 e 1990, como me disse Alice: "*no começo era muito devagar, depois entrou a Zélia e a coisa acelerou um pouco, depois a Dora entrou com presidente e andou mais um pouco*". Zélia foi eleita após

a desistência de Polaco que havia sido eleito no dia onze de novembro de 1986[36]. Este último havia organizado apenas quatro reuniões do comitê, nas quais se limitaram a elencar os principais problemas da coletividade, além de observar a importância da regulamentarização do comitê.

Esses problemas foram assim enumerados: "*Prestar ajuda à escola: manutenção, reparos, confecção de cercas; - reparos no prédio do posto de saúde; - redes de esgoto a serem feitas e reparos em trechos da mesma que estão em estado precário podendo causar sérios danos a saúde do povo; - árvores de eucalipto em áreas inadequadas pondo em risco vidas humanas; - legalização da escritura do posto de saúde; - modificação do jardim, - veneno para combater formigas, - tesouras para podar árvores e outros.*" (ata comitê, 15/06/1988, pág. 22a). Sob pressão dos funcionários da Emater, essa diretoria desistiu do cargo, passando o comitê para uma nova diretoria. No dia seis de março de 1989, Zélia assumiu como presidente, tendo como nova secretária a própria Alice Mendonça, duas das principais integrantes da rede parcial que começava ali a se organizar.

Zélia começou a mudar aquele panorama de inatividade, ao ser eleita como presidente. Apoiada por Dora e Alice, começou a incentivar reuniões entre os moradores de Dias, para discutir os principais problemas do Distrito. Nessas reuniões, a maioria absoluta era composta por mulheres, que através dessa série de relações de amizade e parentesco, cobravam-se mutuamente para participarem. A primeira ação do comitê, já no mês de estréia de Zélia, foi promover a recuperação da escola da Varginha (um dos bairros do Distrito) através de doações comunitárias e festas para juntar fundos. A principal marca da passagem de Zélia pelo comitê foi essa organização da base feminina, através de reuniões constantes e de conversas "familiares". Na ata do comitê, nota-se que a maioria dos membros das reuniões executadas após a posse de Zélia é constituída por mulheres. Durante a gestão, que durou até dezessete de maio de 1991, realizaram-se nove reuniões, e em todas o número de mulheres superou o de

[36]Esses dados de datas e constituição das diretorias constam todos na ata do comitê.

homens.

Nessa época o comitê passou a ter o seu papel, como representante oficial do distrito, reconhecido. Mas foi apenas em maio de 1991, quando Dora foi eleita vice-presidente, e Gilberto Raimundo[37] presidente, que tentaram realmente fazê-lo funcionar como representante do distrito. Nessa nova diretoria estava, além de Dora, Alice, como segunda secretária. Em doze de abril de 1992, fez-se outra reunião para trocar a diretoria, ficando estipulado que o mandato duraria três anos e que durante um ano poderiam ser substituídos até um terço dos membros. Nessa nova diretoria, Dora foi eleita presidente e Alice vice. Nessa gestão, algumas das reuniões com reivindicações de melhorias para o distrito contaram com a participação do prefeito. Desde essa época, as "líderes" do grupo começaram a se preocupar com os problemas econômicos do Distrito e a pensar alternativas sociais para esse problema. Em março de 1993, realizou-se outra eleição da diretoria através de uma modificação no estatuto, e a diretoria eleita teria duração até abril de 1994. A nova diretoria tinha Dora ainda como presidente e Zélia como vice, enquanto Alice passava a ser fiscal. Em novembro de 1993, essa mesma diretoria, com outra alteração de estatuto, prolongou seu mandato até abril de 1995. Nesse momento, o comitê já era considerado realmente representativo. Isso se deu definitivamente com a luta para resolver o abastecimento de água, um problema de quarenta anos. Essas mulheres conseguiram construir uma nova caixa d'água com ajuda do prefeito Josias, através de uma longa e tensa relação política. Note-se que, ao se formar e legitimar, o comitê passa a entrar em atrito com o "grupo da igreja", inclusive com desavenças pessoais entre Dora e Zé Miguel.

Vejamos como atuou esse "grupo" de mulheres, através desse exemplo da caixa d'água. Antes, o abastecimento de água para o município contava com uma caixa muito pequena, sendo insuficiente para o consumo do bairro. A falta de água era um dilema e, segundo alguns entrevistados, fazia do bairro um refém da política local. Políticos eram constantemente eleitos

[37]Logo após a sua eleição como presidente, Gilberto mudou-se para São José dos Campos, ficando Dora na presidência o resto do tempo.

para realizar a obra e, não a realizando, eram reeleitos para o fazerem no outro mandato e, assim, sucessivamente. Para desgosto desses políticos tradicionais, o comitê assumiu, juntamente com o prefeito, a responsabilidade de construir uma nova caixa em regime de parceria: o prefeito doaria a mão de obra e o comitê os materiais. Para realizar essa tarefa, o comitê se desdobrou em festas e atividades que arrecadariam dinheiro, e de fato conseguiu. Assim, construíram a caixa d'água, contra a vontade do vereador de Dias na época, que afirmava poder fazer tudo sozinho.

Em abril de 1995 assumiu outra diretoria, presidida por Luís Gomes e com Ana Lúcia como primeira secretária, e Alice como fiscal. Vimos, dessa maneira, que Dora foi presidente durante quatro anos, reforçando a base daquilo que chamei de rede parcial de mulheres, agindo em conjunto. A principal atividade do grupo, que não aparece nas atas das reuniões, mas é realçada nas história de vida realizadas[38], foi a vontade de proporcionar meios para que as famílias pobres locais (a *gente pequena*[39]) ampliassem sua renda. E como veremos adiante, acabou por dirigir a ação às mulheres do bairro.

Vale ressaltar que quando o quase-grupo age "socialmente", escolhendo um alvo preferencial para sua ação, não atua apenas através do comitê. Este foi, no princípio, o principal meio de expressão dessa ação. Mas depois de legitimada, passou a ser executada através de outros meios preferenciais, além de continuarem, embora tangencialmente, na diretoria do comitê. Os campos sociais se ampliaram sensivelmente, a ponto de não ser mais necessário agir através do comitê. O embate que se travou entre a diretoria antiga da igreja e esse "grupo de mulheres", serviu para legitimar um outro campo de ação dessas mulheres que acabaram por assumir também as funções religiosas de Dias, constituindo a nova diretoria da igreja, que estava há mais de vinte anos sob controle daquele grupo fechado. Por um momento, as mulheres consolidaram sua liderança, sem deixar de projetar planos para o

[38]Todas as principais "líderes" (Dora, Zélia, Alice e Ana Lúcia) desse grupos foram entrevistadas sistematicamente, através da elaboração de histórias de vida. Além dessas mulheres, outros doze membros da vila foram entrevistados para a construção de histórias de vida; vários outros foram entrevistados menos sistematicamente.
[39]Cf capítulo I.

prolongamento de seus princípios, organizando um grupo de jovens ligado à igreja. Assim, esse quase-grupo reorganizou o comitê, que passou a ter uma função realmente política e representativa dentro do distrito, encarregando-se de tentar resolver os principais problemas estruturais, como a falta de água, e problemas localizados em relação à população de Dias, como promover assistência médica a alguns necessitados, etc..

C) As mulheres "feminilizam" a esfera pública

Nessa parte, procurarei evidenciar o tipo de ação dessa rede, determinante para a modificação da estrutura política local. Uma ação marcada por ser direcionada às mulheres, e que resultou numa reformulação dos papéis de gênero tradicionalmente estabelecidos[40].

Continuando na análise da atuação das mulheres através do comitê, percebi que um dos principais problemas enfrentados pelas mulheres foi o alcoolismo. Muitos dos homens do bairro sofrem com o "alcoolismo", segundo a definição de várias mulheres que entrevistei: muitos bebem muito e ficam muito tempo nos (dois) bares da vila. O comitê chegou a

---

[40]Antes, para que o leitor saiba o que defino como "gênero" nesse capítulo, resumirei as perspectivas de Kofes (1993), que bem resumem um ponto de vista com o qual compartilho. Segundo a autora, temos duas linhas de teorização sobre gênero, baseadas basicamente no trabalho de duas autoras, respectivamente: Johan Scott e Strathern. Para a primeira, "gênero é uma categoria analítica. Gênero seria o conhecimento sobre a diferença sexual. Conhecimento entendido como: sempre relativo; produzido por meios complexos, isto é, por amplos e complexos quadros epistêmicos e referindo-se não apenas às idéias mas também às instituições e estruturas, práticas cotidianas, rituais, enfim tudo aquilo que constituiria as relações sociais. Para Scott, gênero é a organização social da diferença sexual. Não refletindo ou implementando diferenças físicas e naturais entre homens e mulheres, gênero seria o conhecimento que estabelece significações para diferenças corpóreas."(1993:20/21)A autora continua resumindo o argumento de Scott: as diferenças entre sexos constituem um aspecto primário da organização social, e que estas diferenças são fundamentalmente culturais (...) (entendidas como) significações, múltiplos e contraditórios sentidos, e aspectos normativos."(Kofes 1993:21).

Já para a segunda, o "gênero é entendido como um nome, - "unqualified" -, que se refere a um tipo de categorias de diferenciações (...) Por gênero, ela entende as categorizações de pessoas, artefatos, eventos, seqüências e tudo o que tenha a imagem sexual, indicando os meios pelos quais as idéias das pessoas sobre a natureza das relações sociais. (...) Gênero não é afirmado como categoria analítica, em Strathern. Gênero refere-se a categorias de diferenciação (...) Essas categorias sendo referência para as pessoas nas suas idéias sobre relações sociais e nas suas ações. Gênero não teria em si mesmo qualidade definicionais (...) atuando como um operador de reconhecimento de um campo específico entre as categorias de diferenciação"(1993:22). Continua a autora: "recupera-se aqui uma certa dimensão do caráter classificatório embutido na noção de gênero e, ao mesmo tempo (...), coloca-se em cena a dimensão das relações sociais e dos atores sociais.(Kofes 1993:22).

A distinção está entre tratar de Gênero ou mulher, ou se essas categorias seriam equivalentes e substituíveis, ou se existem diferenciações que permitam o uso distinto dos termos. Entre uma e outra posição a autora encontra um paralelo com origens nas obras de Margareth Mead e Simone de Beauvoir, trazendo para a discussão central dos trabalhos sobre gênero e os sobre mulher: campos epistemológicos diferentes, não buscando uma conexão. A proposta da autora, inicial nas intenções, é de que "Não seria um tanto óbvio, quando se fala em gênero, considerar que mulher é uma categoria, entre outras, que a distinção de gênero formula? Quando se fala em gênero há um alargamento do campo categórico e de sentidos. As categorias "mulher" ou "homem" recobrem, no meu entender, um campo de referências mais restrito que as categorias masculino e feminino, e as primeiras poderiam ser consideradas como partes das segundas, desta forma, não haveria oposição, exclusão ou substituição (mulher e/ou gênero, Gênero por mulher) mas gênero seria um instrumento que mapeia um campo específico de distinções, aquele cujos referentes falam da distinção sexual."(Kofes 1993:28/29). Desta forma, a autora propõe, ainda que provisoriamente, uma alternativa ao se trabalhar com gênero, que dê conta daquela incapacidade inicial; forma essa que pretendo aqui utilizar, quando trato de gênero em Dias.

organizar um palestra com um médico, para tratar exclusivamente desses problemas. Assim, já estamos delimitando o tipo de ação que realiza esse grupo, e em que sentido se estendem suas preocupações. Pode-se definir a sua ação como interessada nos problemas sociais de Dias, buscando formas coletivas de resolvê-los. Entre os problemas sociais encontram-se desde os mais estruturais, como a falta de água e uma canalização de esgoto mais moderna, até os mais conjunturais. Os problemas conjunturais, em geral, estão relacionados com a situação econômica precária de várias famílias dienses; e para resolvê-los essas mulheres buscam alternativas coletivas, porém marcadas por um viés de gênero bem claro: para aumentar a renda das famílias, passam a organizar cursos de artesanato para as mulheres, para que essas possam vender seus produtos em feiras locais.

A ação é direcionada para outras mulheres, vistas como as pessoas capazes de reestruturar as bases familiares, já que contra os homens pesa a discriminação do alcoolismo, vinculada sempre à noção de pobreza. Os homens que não conseguem ganhar dinheiro suficiente são considerados fracassados, a quem resta beber, e para quem o que se pode fazer é apenas oferecer paliativos como reuniões para discussão do alcoolismo. O alvo da ação que busca resolver problemas "conjunturais" são as próprias mulheres do distrito, vendo-as como os atores sociais efetivos na mudança da qualidade de vida de Dias. Temos uma orientação clara na ação social do quase-grupo de mulheres, escolhendo e considerando demais, as mulheres como as responsáveis pela mudança social.

A intenção desse quase-grupo é integrar as demais no lugar ampliado, através da circulação dos bens artesanais, e das próprias mulheres. Através dos cursos de artesanato, as mulheres produziam seus artefatos (em geral bonecas e cerâmicas) em casa, mas os vendiam em feiras diversas pela região, movimentando-se bastante. Esse incentivo à movimentação era dado principalmente através da organização do deslocamento para as feiras de artesanato nas cidades vizinhas, ou na montagem de bancas em feiras maiores, ou ainda em eventos festivos. Colocam em circulação, ou em movimento, as próprias mulheres, levando-as a participarem do

lugar ampliado e a melhorarem sua posição na escala social de Dias. Assim, o quase-grupo de mulheres faz das mulheres da *gente pequena* atrizes na esfera pública. Elas são estimuladas a sustentar economicamente a própria casa, já que os homens não o fazem. Como esses últimos não participam do lugar ampliado e pertencem à *gente pequena* de Dias, permanecem dentro dos limites da Casa que é Dias, sem participar da esfera pública, que é vinculada ao lugar ampliado. Retomo DaMatta, para afirmar que, como vimos no capítulo anterior, permanecer no espaço da casa é humilhante para os homens. No caso de Dias, a esfera da casa passa a ser a própria vila, e por permanecerem nela, sem produzirem o suficiente, esses homens são bastante discriminados. O valor da movimentação predomina como o princípio estrutural local e já é o centro do universo simbólico de Dias. Dessa forma, quem não participa desse lugar ampliado e não se movimenta, é discriminado.

Como vimos no capítulo anterior, ao ficarem na esfera privada, escondidos com sua bebedeira, ficam delimitados a uma certa exclusão social: não só não são capazes de sair de Dias e participar desse lugar maior, como são incapazes de ficarem sóbrios, privados da própria consciência e consciência do mundo. Esses homens são duplamente relegados à esfera privada, economicamente e depois socialmente, através da exclusão como personagens sociais alvo da ação do quase-grupos das mulheres. Por outro lado, suas mulheres são eleitas como o alvo dessa "ressocialização" dentro de um lugar ampliado, da esfera pública, donde se espera que obtenham vantagens econômicas e sociais, melhorando a renda familiar. Assim, o princípio estrutural local passaria a influenciar mais vidas dentro da comunidade, reeducando quem ainda não passa por ele, através de um recorte dado pelo gênero. É como se os homens já tivessem tido a chance de vencer no mundo da esfera pública, mas não tendo conseguido, é vez de cederem o espaço às esposas, mais "capazes" do que eles. É importante ressaltar que a discriminação dos "que bebem" e não produzem contamina, simbolicamente, toda a gama de pessoas envolvidas basicamente na agricultura, já que muitos desses "bêbados" são

agricultores. A agricultura passa por uma desqualificação simbólica, hierarquicamente inferior à movimentação; acentua-se a discriminação contra a *gente pequena*.

Assim, são alguns homens que ficam relegados à esfera privada, diferentemente de várias situações estudadas. Woortmann (1990), por exemplo demonstra como havia *uma "superioridade ideológica do homem, expressa na auto-representação do grupo"*(Woortmann 1990:44), embora houvesse uma complementaridade entre os domínios masculino e feminino: em Dias, através da ação das mulheres, vai-se invertendo o termo englobante (Dumont 1985), que da ação masculina como termo referenciador, passa a ser feminina, através da ampliação da esfera de ação das mulheres e através da "reeducação" na esfera pública, a partir do princípio estrutural localizado, das mulheres da vila, em oposição aos homens. Percebe-se uma disputa em torno da definição dos papéis dos homens e mulheres, que vem depois a ser questionada por outros homens "bem-sucedidos" nessa movimentação instantânea de Dias, como veremos no capítulo seguinte.

Segundo Carson (1995), para o movimento feminista, o "privado" "*adquire uma excepcional relevância enquanto uma esfera específica que também está sujeita a transformações. As novas preocupações críticas se voltam para a família, a organização doméstica, os vínculos afetivos, a sexualidade*"(Carson, 1995:193). O que leva à célebre frase de que o pessoal é político. Vemos em Dias que esse grupo de mulheres, por não se articular como um movimento feminista, não chega a pensar essas temáticas, não questionando as relações na esfera privada, que é, em certo nível, a própria vila de Dias, como vimos anteriormente. Porém, mesmo sem questionar diretamente a questão das relações entre gênero, tentando agir para a Vila como um todo, acabam por fazê-lo por outra via: o incentivo da participação da mulher na esfera pública de Dias (que vimos ser o lugar ampliado, simbolicamente construído pela movimentação) e, em certo sentido, a feminilização dessa esfera. O que chamo de feminilização dessa esfera pública nada mais é do que uma progressiva relação dessa com a ação das mulheres, através da influência por elas conquistada. Ao

relacionarem essa esfera pública, que está ligada, como já vimos, com relações de poder, ao gênero feminino, as mulheres conseguem realizar uma simbólica inversão hierárquica na diferenciação de gênero. Em Dias, a política passa a ser coisa de mulher.

Segundo Corrêa (1995), "*analisando (a trajetória de algumas mulheres esposas de antropólogos) no contexto da época de cada uma, começam a emergir definições de feminino e de masculino explicitadas em disputas pelo poder, pelo prestígio ou por privilégios de vários tipos...*"(Corrêa, 1995:126). Assim como no meu caso, a partir da disputa pelo poder, essas mulheres tornam-se novas atrizes sociais em Dias, lutando pela redefinição[41] do gênero feminino. Constróem um novo discurso em relação às mulheres, que passa mesmo pela exclusão política de uma parcela dos homens. Essa exclusão é marcada pela forma como agem "socialmente", escolhendo uma ação que traga para o lugar ampliado e, portanto, para a participação política, apenas as mulheres do distrito. É uma ação que resulta na demarcação, dentro da vila, de uma nova posição feminina, capaz de reorganizar economicamente a vida familiar. Na prática, tais cursos e opções tiveram vida muito efêmera, mais tiveram como conseqüência jogar algumas dessas mulheres no espaço ampliado da vila; os retornos econômicos não se fizeram sentir tão acentuadamente. Outro efeito é óbvio: cria-se uma identidade e legitima-se a ação do quase-grupo de mulheres através dessa ação direcionada especialmente para mulheres. A ação, para os homens, ao contrário, é apenas de "ajuda psicológica" e não se pensou, em nenhum momento, em possíveis saídas econômicas.

Chartier (1995), referindo-se aos séculos XVI; XVII e XVIII, demonstra-nos que a diferença entre os sexos pode "*encontrar sua razão de ser num código de comportamento partilhado entre os dois sexos*" (Chartier 1995:39), e, baseado em Bourdieu, salienta que a violência simbólica que sofreram as mulheres (tendo interiorizado normas do discurso masculino) só funciona se quem a sofre contribui para sua eficácia, através de um aprendizado anterior que predisponha a reconhecê-lo. Em Dias, temos uma relação diferente, nesse

[41]Essa redefinição refere-se principalmente ao fato das mulheres conquistarem o direito a movimentar-se pela esfera pública, o que antes era improvável.

momento de sua história, quando são os homens da *gente pequena* o alvo dessa "violência simbólica", por sua suposta inaptidão para vivenciar o lugar ampliado, em comparação às suas mulheres; sendo, dessa maneira, discriminados e relegados a um segundo plano. Mas essa discriminação é acentuada pela aceitação da "superioridade" das pessoas que vivenciam o princípio estrutural local. Essa aceitação tem origem no período relativamente longo de estruturação do lugar ampliado. A aceitação do discurso de exclusão dos que participam desse espaço vê-se na vergonha com que tratam a própria origem camponesa. Muitos se desculpam por não terem estudado, relutavam em conversar comigo, pois eu deveria conversar com os mais "espertos". Aceitando esse discurso de exclusão, acabam por também aceitar o status superior de suas esposas que começaram a participar desse processo, legitimando uma redefinição do gênero feminino a partir do princípio estrutural local.

Vemos que a participação nesse lugar ampliado significa maior status, maior capital cultural. E se são as mulheres da *gente pequena* que começam a fazê-lo, então são elas que terão um status maior, invertendo a ordem dos sinais nas relações de gênero nesse momento. Chartier nos diz que "*Inscrita nas práticas e nos fatos, organizando a realidade e o quotidiano, a diferença sexual (que é sujeição de umas e dominação de outros), é sempre construída pelo discurso que a funda e legitima*"(Chartier 1995:43). Assim, numa situação original, em Dias, a diferença sexual, antes baseada em pressupostos parecidos com os definidos para o gênero feminino nos trabalhos que tratam do campesinato[42], passam a ser redefinidos (a mulher buscando a renda familiar) e vão se legitimando através da ação do quase-grupo de mulheres. Assim, a legitimação dessa redefinição é baseada no discurso de exclusão realizado a partir do lugar ampliado, ao qual essas mulheres tiveram acesso. Elas executam uma leitura "de gênero" dessa participação num lugar ampliado; as mulheres "ajudam-se" a discriminar os homens mais pobres. Mas essa possibilidade de inversão de

[42] Cf, entre outros, Almeida (1986); Antuniassi (1986). Woortmann, Ellen (1983). Woortmann, Klaas (1967, 1982, 1984, 1985).

papéis inicia-se no contexto do "vácuo" de poder, causado pela morte de Antônio e lentamente preenchido por propostas alternativas, como essas do quase-grupo de mulheres.

No entanto, essa ajuda que parte do quase-grupo das mulheres da *gente pequena* em Dias não é desinteressada. Existe uma diferença fundamental entre essas mulheres e as demais da *gente pequena*: as últimas movimentam-se menos que as primeiras, ficam mais em Dias (i. e., na esfera privada) que as primeiras. Estabelece-se uma relação hierárquica, pois as mulheres do quase-grupo ou trabalham fora, ou percorrem intensamente o lugar ampliado, enquanto as da *gente pequena* mesmo circulando mais que os maridos, continuam a trabalhar em casa, fazendo artesanato. Assim, a redefinição de gênero, como venho chamando, pode ser melhor vista como uma transformação diferenciada, envolvendo basicamente a movimentação. Essa transformação diferenciada é acompanhada também por uma hierarquização entre as mulheres do quase-grupo e a rede parcial que organizam. Veremos adiante como isso constitui um projeto dominação.

E como fica essa transformação em relação aos homens que participam do espaço ampliado? Temos que considerar (eu e os leitores) que são duas "matrizes" funcionando na "classificação" dos membros de Dias: uma delas é a que marca a diferença entre a *gente pequena*, que não participa do espaço ampliado e os que o fazem, em prejuízo dos primeiros, como se viu. Outra divisão é a de gênero, que passa a ser transformada pelas mulheres, como vimos acima. Esse questionamento resulta na transformação dos papéis, na medida em que algumas mulheres que eram "gente pequena" começam a deixar de sê-lo. Como essas "matrizes" estão intimamente ligadas, esse fato acaba por questionar o papel feminino em Dias. Porém, a inversão não é absoluta, pois há homens que também participam do lugar ampliado: mas o quase-grupo de mulheres consegue, ao menos, reverter a "sobrecarga" de status que tinham os homens, na divisão sexual tradicional, possibilitando um lugar especial para as mulheres, através da feminilização do espaço público.

No entanto, as relações sociais são muito dinâmicas: os homens[43] (que se movimentam) vão reagir a esse "império" feminino em Dias, e essa reação é incentivada e explorada por José Carlos, irmão de Dora, outro herdeiro de Antônio. Ele, espertamente, percebendo um clima de desagrado entre os homens "pobres", em relação a essas mulheres, promove como candidato a vereador Bentão, um homem da vila, que pode ser visto como um "participante menor" do lugar ampliado, pois é o funcionário público da prefeitura no Distrito, encarregado da limpeza das ruas e de consertos gerais; um dos poucos que tem um emprego na própria vila, mas não como agricultor e, respondendo à prefeitura, acaba tendo que dirigir-se a mesma, em Brasópolis, constantemente. Assim, "Bentão", pode ser considerado um exemplo de posição liminar, dentro do quadro do discurso de exclusão e, por esse motivo, sua candidatura teve apoio dessa parte masculina da população de Dias. Acabou por se eleger, como veremos no capítulo seguinte.

Vimos assim, como essas mulheres líderes tem a intenção clara de dirigir a ação para benefício e transformação do papel feminino: levar as mulheres da "gente pequena" para o lugar ampliado, mesmo que na escala limitada que é a possível, traz para as mesmas atribuições antes ligadas exclusivamente à esfera masculina, e questiona alguns antigos "deveres", principalmente aquele que limitava a mulher ao espaço da casa, entendida como lugar do privado. Ao se lançarem na vida pública e trazerem outras mulheres para essa esfera, os papéis de gênero feminino começam a ser remodelados.

[43]Quando digo homens aqui, não quero dizer que exista uma rede organizada, parecida com o quase-grupo das mulheres, mas digo de suas reações a manobras políticas, que podem ser vistas sob esse ponto de vista, executadas por José Carlos (filho de Antônio).

D) Papéis de gênero e relações de poder

Alguns autores, dentre os quais Carson (1995)[44] e Azeredo (1994), discutem a "*complexidade da categoria gênero vis-a-vis outras relações de dominação*" (1994:205), criticando a análise de autores que não consideram as especificidades de classe e gênero, não percebendo níveis de dominação que se intercruzam. O exemplo de Dias demonstra o quanto esses níveis são imbricados. A mudança na forma geral de poder local, determinada mais pela movimentação pelo lugar ampliado, cria uma "classe" privilegiada, em oposição à *gente pequena*, porém essa distinção social não passa necessariamente pelo nexo monetário[45]. Assim, antes, na vigência do poder coronelista de Antônio, tínhamos um corte principal de divisão social, entre os que detinham capital econômico e os pequenos agricultores e trabalhadores em cidades vizinhas constituindo um estrato intermediário: todos em relações de dependência com Antônio. Ao lado desse corte, uma divisão sexual do trabalho, marcando diferenças tradicionais na construção de gênero: mulheres em casa, no mundo privado, homens na rua (que passou a ser o "fora" de Dias, como vimos acima), e toda opressão já analisada e criticada pelos movimentos feministas. Assim, esses dois níveis de dominação se intercruzam, constituindo-se mutuamente: ao funcionamento de uma situação coronelista e apropriação privada do poder através de relações clientelistas (que se dão em ambas as esferas), corresponde essa divisão entre público e privado nas relações de gênero.

---

[44]Carson afirma que "*as mulheres, apesar de compartilharem uma única opressão de gênero, não podem compartilhar a mesma experiência de opressão, uma vez que a classe à qual pertencem determina essa vivência tanto no nível material quanto no imaginário. Trata-se de uma lógica opressiva, mas seu modo de realização se ajusta as matizes das formas materiais, discursivas e simbólicas, variando de acordo com a participação de cada grupo na reprodução social e na reprodução dos grandes paradigmas culturais da sociedade*" (Carson. 1995:202)

[45]Um exemplo é a própria trajetória de Zélia, que é a principal liderança desse movimento, depois de Dora: Ela é casada com um deficiente físico que recebe uma aposentadoria por invalidez e ajuda na renda familiar fazendo crochê. Ela participa intensamente do espaço ampliado, pois foi escolhida com auxiliar do juizado de menores de Brasópolis (devido a sua influência em Dias), responsável pelo acompanhamento de crianças em situações "desajustadas", indo constantemente à Brasópolis, acompanhar esses casos. No entanto, a renda familiar (ela tem uma filha adotada, mãe solteira de dois filhos) não ultrapassa dois salários mínimos.

Com a alteração do substrato do poder local, que deixa de ser a mediação entre uma elite estadual e os votos locais, e passa a ser entendida a partir do princípio estrutural local, torna-se possível uma alteração na relação de dominação contida na relação de gênero. Essa mudança está colocada na possibilidade de mulheres circularem pelo espaço público (o próprio espaço ampliado, em certo sentido). Ou seja, uma mudança na forma de dominação possibilitou uma transformação diferenciada na definição de papéis de gênero e na conseqüente relação de dominação.

Heiborn (1993) sugere que a hierarquia seria o fundante da assimetria nas relações de gênero, a partir da obra de Dumont, "*que vê a hierarquia como princípio universal de ordenação social*"(Azeredo 1994:209). Heiborn afirma que "*a teoria da hierarquia e seus corolários, tal como pode ser depreendida da obra de Louis Dumont, é um modelo de grande alcance heurístico e que pode sistematizar as razões pelas quais há uma constante estrutural de assimetria na montagem das relações entre gêneros.*"(1993: 53). Ora, o que nosso exemplo demonstra é compatível com essa argumentação pois, se ocorreu uma inversão hierárquica, ao menos em algum momento histórico em Dias, ela não equalizou a diferença de dominação de gênero, mas tendeu a invertê-la. Claro, a essa tentativa que se estende até os dias de hoje, surge uma contra-resposta, tentando reverter essa inversão, como veremos no capítulo seguinte.

A crítica dessas autoras é que, surgindo na sociedade ocidental, os movimentos feministas e teorizações a respeito incorporam, sem perceber, pressupostos individualistas, solidários com a idéia de igualdade e direitos iguais. E a alternativa é a própria hierarquia "*que a classificação do gênero necessariamente comporta*" Heiborn 1993:53), e a demonstração do meu trabalho é que, se de fato é necessária, não tem um só sentido, como demonstra essa inversão em Dias. O interessante é que esse movimento de mulheres não nasce como um movimento feminista, buscando a emancipação da mulher, mas na sua ação acaba por

reconstruir a diferença entre papéis de gênero, invertendo a hierarquia antes instituída[46]. Assim, em Dias, política é coisa de mulher, mas não a política formal, mas uma política vista como participação social na transformação local, como apropriação do poder, colocando-o na esfera pública, já que antes, nas relações clientelistas de Antônio, era privado. Porém, a ação para a "localidade" viu-se restrita ao gênero feminino, resultando numa transformação do papel feminino.

Segundo a autora, Dumont afirma que a hierarquia é uma necessidade lógica do ordenamento social, e que, portanto, no individualismo *"estar-se-ia em presença de um sistema um tanto quanto obtruso (sic), uma vez que nele vê-se operar não só a supremacia da parte sobre o todo como a negação da diferença instituinte característica do universo hierárquico."* (Heiborn 1993:58) e para tal colocação Dumont se defende dizendo que "*em um sentido bastante geral, igualdade e hierarquia são necessariamente combinadas em todo sistema social*" (Dumont apud Heiborn, 1993:58). Aproveitando-se dessa "deixa" de Dumont, a autora explora a análise que fez o autor do racismo numa sociedade igualitária e individualista, onde a hierarquia "*permaneceria como um insidioso substrato que despontaria em certas áreas da vida social (...) o mesmo sucede com o sexismo*"(idem:58). Assim, e se também levarmos em conta o argumento de DaMatta (1978), segundo o qual no Brasil convivem valores (no sentido Dumontiano[47]) individualistas e holistas, passando-se quotidianamente de um pólo a outro, não é estranho falar em "hierarquia" e em "termos englobantes" numa sociedade como a brasileira, muito menos nas relações de gênero.

Se utilizarmo-nos das noções de holismo de Dumont, e seguindo a interpretação de DaMatta para o caso brasileiro, vemos que na forma de poder exercida através do

[46]É preciso ver que essa inversão não é completa em termos etnográficos: algumas das mulheres que começaram a participar do espaço ampliado já não mais o fazem, outras não chegaram a fazê-lo, outras, em geral as mais velhas, nunca o farão. O que importa, e o que eu chamo de inversão é a possibilidade desse espaço ampliado ter uma caráter feminino, através de sua apropriação por esse grupo de mulheres, e de sua ação no sentido de fazê-lo ser ocupado por mulheres e se, como vimos, a circulação por esse espaço é poder, torná-lo feminino é inverter a relação de dominação.

[47]O valor, para Dumont, é o que opera a diferença dentro de uma relação hierárquica, é o que permite que um termo seja a expressão do sentido da totalidade e também do que o diferencia do outro termo. (cf. Dumont, 1985)

coronelismo, temos uma relação hierárquica (embora atravessada por "individualismos" que vão gradualmente se consolidando), na qual o valor de referência, o próprio todo hierárquico é a figura de Antônio, que abarca a totalidade da vila e de seu controle político, estabelecendo níveis hierárquicos a partir de sua posição no extremo elevado. A esse todo corresponde uma apropriação privada do poder público e uma assimetria entre os gêneros, como já se viu. Com a mudança da substância do poder depois de sua morte, que passa a ser disputado na esfera pública, e legitimado pela circulação no lugar ampliado, a totalidade passa a ser dada pela própria circulação nesse espaço (que é simbolicamente construído a partir do fenômeno da movimentação, visto aqui como um princípio estrutural local), que define a vila em si e abarca seu contrário, a *gente pequena*. Essa circulação passa a ser o valor definidor da diferença no interior da relação hierárquica. A mudança na forma de poder não implica necessariamente numa maior individualização da vida local, num caminho a uma "americanização" da sociedade local, mas mantém o uso simultâneo de códigos pessoais hierárquicos e impessoais da sociedade brasileira, confirmando o argumento de DaMatta. Mas também possibilita, como vimos, uma reformulação da assimetria entre gêneros, através da feminilização do espaço público, nessa ação do quase-grupo de mulheres.

Agora é necessário pensar em outro dado etnográfico, e tentar relacioná-lo com essa mudança no papel do gênero feminino em sua relação ao próprio princípio estrutural, e sua lenta formação. Como vimos, a possibilidade da movimentação pelo espaço ampliado como fundamento para disputas políticas já existia antes da morte de Antônio, já estava dada "potencialmente", para se realizar apenas depois que essa se consumasse. Como também vimos, outro fato que ajudou a consumar o princípio estrutural local foi o deslocamento de algumas poucas mulheres que foram estudar fora de Dias ainda quando Antônio era vivo: Dora e sua irmã, Ida, são duas dessas poucas, que foram estudar fora. Além disso, outra situação "potencializou" o papel dessas mulheres como catalisadoras da mudança do papel do gênero feminino: mantiveram-se solteiras. Aparentemente, esse fato era tratado como uma fonte de

discriminação dentro do distrito, pois mulheres solteiras eram vistas como "incompletas", na antiga percepção dos papéis de gênero; ademais elas se viram na necessidade de participar da esfera pública da vida, para garantir o próprio sustento. Não tendo se casado, perdiam o referencial de gênero, que era basicamente a maternidade (elas não têm filhos) e o trabalho de "dona de casa", tornando-se discriminadas, principalmente por fazer da vida pública seu "locus" de ação, aproximando-se dos homens. O que acentuou-se ainda mais com o desenvolvimento do que chamei de lugar ampliado.

Porém, essa condição transformou-se em vantagem "politica", a partir do momento em que passaram a agir politicamente em Dias, pois já participavam, mais do que qualquer outra mulher, do lugar ampliado que foi se formando. A dedicação a essa ação também não sofria empecilhos de "maridos", como foi o caso de outras mulheres que depois vieram a participar do movimento. Elas estavam na posição de legitimar a ação política em função da posição que ocupavam, antes marginalmente, agora orgulhosamente, no espaço ampliado e na esfera pública: constituíram um novo papel para o gênero feminino, e sua influência política foi determinante nessa reconstrução, já que após entrarem no comitê, passaram a trazer mulheres para movimentarem-se, contribuindo para a transformação diferenciada do gênero feminino em Dias. A possibilidade dessa transformação estava dada em função do desenvolvimento do princípio estrutural local, que constituindo o lugar ampliado como locus da disputa política, abriu a porta para as mulheres dele participarem. Dessa forma se entende também porque agiram setorialmente, no sentido de trazerem para a esfera pública as mulheres que não participavam ainda desse espaço.

Outra característica da ação desse quase-grupo de mulheres é o comprometimento interno em não deixar sua ação social e política ser levada para o terreno da política convencional, ou seja, dizem ter pavor da "política", e não pretendem candidatarem-se para vereança, ou outro cargo político qualquer. Elas pretendem distinguir a própria ação de ações efetivadas por aqueles que procuram se eleger durante o período de eleições. Teriam, dessa

forma, a própria ação como legítima, já que não buscam resultados práticos eleitorais. Isso não quer dizer que não estejam completamente envolvidas na política formal, de um jeito ou de outro, pois não deixam de ter seus candidatos, a quem dispensam sua atenção durante o período das eleições.

Outra autora procura entender porque as mulheres estão ausentes do poder político (Doaré, 1994), afirmando que pesquisas multidisciplinares demonstram que, se as condições de trabalho de homens e mulheres mudam segundo contextos históricos e culturais, não se transformam no que tange a divisão dos espaços feminino e masculino (1994:65). O problema é analisado através da divisão sexual do trabalhado, e embora um tanto especulativo, leva a uma comparação interessante, em relação à Dias. Doaré parte do pressuposto que a "mixagem" (superação dessa divisão sexual do trabalho) e a conseqüente inclusão da mulher na esfera política levaria a mudança (para melhor) na qualidade deste[48]. O que nosso exemplo em Dias mostra é que a participação política da mulher, mesmo quando direcionada para a reconstrução de gênero feminino, não passa por uma exclusão da divisão sexual do trabalho, apenas a recoloca em outro nível. No entanto, esse outro nível representa a exclusão e quase marginalização de uma parte da comunidade local, como vimos acima. Em suma, a feminilização da ação política não deve, necessariamente, corresponder a uma mudança no caráter do poder. Os discursos de exclusão e mesmo de opressão também se fazem presentes.

No que tange à política formal, essa rede parcial de mulheres teve uma participação ativa na eleição de um vereador do bairro na penúltima eleição da cidade. Escolheram um candidato e saíram em campanha, tentando convencer os eleitores como era fundamental um representante do bairro na câmara municipal. Elegeram o vereador, que se revelou, segundo suas palavras, uma "decepção". Primeiro, ele era um desafeto do prefeito eleito, ligado a outro partido, dificultando muito a sua ação. Mediante a clara incapacidade desse vereador, às

[48]"... pode-se logicamente pensar que as mulheres, em razão de sua posição central na reprodução da vida e na gestão do cotidiano, com suas características temporais, relacionais, são portadoras de valores individuais e coletivos que lhe são específicos, socialmente. Injetadas (em que dose?) no poder, elas conseguiram mudar a natureza desse, influir em seus objetivos." (Doaré 1994:72)

mulheres, então alojadas no comitê, restou o caminho que já trilhavam: a negociação direta com o prefeito. No princípio, Josias, o prefeito eleito, relutou em ouvir as reivindicações do comitê, devido ao apoio dado a um vereador "inimigo". No entanto, aos poucos Josias e o comitê começaram a negociar diretamente entre si, colocando aquele vereador na "geladeira", sem sustentação política, pois a função para a qual ele fora eleito foi executada pelo próprio comitê (que teve suas vontades atendidas na medida do possível).

Assim pode-se ver o papel dessas mulheres, capazes de eleger um vereador e ao mesmo tempo executar a função para a qual ele fora eleito. Esse papel é muito bem notado pelas lideranças políticas locais, que procuram convencê-las a participarem das eleições como candidatas de seus respectivos partidos. Zélia e Dora relataram que em cada eleição aparecem candidatos a prefeito convidando-as para se candidatarem. Dora conta que, em junho de 1996, o ex-prefeito e agora candidato à reeleição tentou convencê-la a se filiar ao seu partido (PL), para disputar as eleições. Dora despachou-o revelando-se filiada ao PT. Porém, ela e Zélia tem uma postura muito semelhante quanto à política formal: dizem-se "enojadas" desse meio e sem a mínima vontade de participar, que nunca concorrerão a nenhum cargo por nenhum partido, embora sejam simpatizantes do PT. O motivo alegado é sempre a "sujeira do meio político" e a falta de "vocação pessoal para assumir" esse tipo de tarefa. Porém, me parece que a recusa em participar desse jogo político formal (já que informalmente e indiretamente elas estão bastante envolvidas), marca uma identidade diferenciada, marca uma distância conscientemente assumida quanto ao que se faz como "política", procurando mostrar uma forma alternativa de exercê-la.

O fato de não se manifestarem em prol de uma participação da política formal não quer dizer que não tenham uma participação ativamente política na vida da vila, é bom que se ressalte. Essa intensa participação na vida política não-institucional, melhor dizendo, é que marca uma das facetas desse quase-grupo, já que assim elas também se diferenciam do tipo de política executada por Antônio, sempre baseado na eleição para cargos políticos. Essa

transformação da vida política, que de assunto privado passa a ser uma questão pública, marca também a transformação das definições dos papéis de gênero, na medida em que possibilita uma "feminilização" da esfera pública. Porém, essa postura de não participação da política institucional tem algumas conseqüências negativas: o perigo é que quem se eleger pode ser um "adversário" desse tipo de política do quase-grupo de mulheres, ameaçando a sua posição de influência. Esse é o caso de José Carlos, que tentará resgatar, em outros padrões, o tipo de autoridade que Antônio executava. José Carlos, mesmo legitimando sua influência a partir da esfera pública, como não poderia deixar de ser, tenta explorar mais a memória do pai, esperando assumir o lugar por ele deixado, tentando reverter essa descontinuidade da história política, como veremos no capítulo seguinte.

Assim, vemos em Dias que existem, na história política, continuidades e descontinuidades: a continuidade mais evidente é a consangüínea, já que os principais líderes políticos de Dias na atualidade (Dora e José Carlos) são filhos de Antônio, e foram por ele socializados na política. Essa continuidade se baseia em fatores que não os econômicos, pois a falência econômica de Antônio proporciona uma vida longe de ser opulenta para seus filhos. Porém, a memória de Antônio, e seu grande valor simbólico são moedas suficientemente fortes para garantir prestígio para seus filhos, além da própria vida familiar, onde problemas cotidianos de jogos políticos eram transformados em problemas particulares, num ambiente bastante politizado. Porém, como temos visto, existem descontinuidades, principalmente na forma de exercer o poder, agora centrado na esfera pública, legitimado pela circulação num lugar ampliado, em oposição àquela forma tradicionalmente privada de exercer o poder em relações clientelistas típicas do coronelismo. A nova forma de poder é centrada num novo movimento que gira em torno de algumas mulheres, principalmente Dora. Esse movimento tenta trazer as mulheres para o lugar ampliado, para a vida pública de Dias.

E) As mulheres assumem a igreja

No desenvolvimento da disputa entre o grupo das mulheres e o grupo de Zé Miguel, este último foi afastado tacitamente, com a ajuda do novo padre que assumiu suas funções a partir de março de 1995. "Zé Miguel" era o presidente do grupo há mais de vinte anos, e junto com mais duas pessoas era o responsável pela manutenção da igreja e pelas responsabilidades do grupo. As discussões e acusações das líderes mulheres giraram em torno da forma de conduta política desse grupo da igreja. Criticavam a falta de ação "política" e a falta de compromisso social, não buscando ajudar a "comunidade". Além de tudo, ainda impediam que algumas dessas ações se realizassem, não cedendo o espaço da igreja para atividades com interesses sociais. Os espaços da igreja consistem no próprio prédio da igreja e na casa paroquial, objeto de disputa dessas mulheres. Defendiam que a casa paroquial deveria ser usada para fins coletivos, para reuniões do comitê, para os cursos que estavam promovendo, para local das festas religiosas e não-religiosas, etc. O grupo antigo da igreja passou a ser considerado defasado em relação aos anseios da "comunidade", atrasado e inútil, pois as pessoas "ficariam apenas rezando feito bobos", como ouvi várias vezes.

O grupo da igreja, por sua vez, alegava que a igreja estava ali para cuidar da saúde espiritual de Dias, e não da saúde material; portanto, estavam agindo coletivamente, só que num nível espiritual. Defendiam seu espírito religioso a partir do apoio que o pároco local lhes conferia, e na proibição que esse impunha ao uso irrestrito da casa paroquial. No entanto, sob o bombardeio dessas mulheres, acabaram por ceder algumas vezes a casa paroquial para uso do comitê. A intenção das mulheres era fazer da casa paroquial a sede social do distrito, uma espécie de prefeitura, em princípio. Mas esbarravam sempre na oposição do padre. Porém, em 1996, o quase-grupo das mulheres contou com o destino: o padre morreu, sendo substituído

por um outro mais jovem e de perfil mais progressista. Esse padre começou a entrar em conflito com Zé Miguel logo após sua posse, principalmente devido à questão do dízimo.

O primeiro sinal da desavença entre o novo padre e Zé Miguel foi a formação de um novo grupo de batismo, nos primeiros meses de 1996. Esse grupo foi formado com o apoio decisivo das mulheres, que passou a fazer cursos e ensinar as pessoas os deveres e obrigações dos padrinhos, a necessidade do batismo e etc. Antes, quem tomava conta do grupo de Batismo era o mesmo Zé Miguel, junto com Raimundo (que fazia parte do grupo da igreja) e Fia. Com o desentendimento de Zé Miguel e novo Padre, o novo grupo de batismo foi formado pela mesma Fia, Raimundo e ainda Francisca[49] e Ida (irmã de Dora). Assim, o papel de Zé Miguel acabou por ser anulado.

O novo padre insistiu em inserir o dízimo na comunidade, que possibilitaria uma ajuda mais consistente e um comprometimento maior da comunidade. Também se queixava-se da falta de participação nas missas, do isolamento das pessoas que coordenavam a igreja. Zé Miguel, por motivos que não ficaram claros, era contra o dízimo e começou um atrito direto com o padre, que culminou na sua abdicação do seu cargo na igreja, provocando uma reformulação de sua diretoria, em março de 1996. Uma nova diretoria foi formada, agora claramente organizada: Francisca (Chica) tornou-se presidente, Carlos (marido de Ana Lúcia) e Lúcia secretários e Ida, tesoureira. Dois membros do antigo grupo de batismo batismo vieram para o grupo da igreja, enquanto o primeiro renovou-se com ingresso de novos membros, ao lado dos mesmos Raimundo e Ida (que acumula duas funções). Note-se: Ida é a nova tesoureira da igreja, o que significa que o dinheiro agora passa pelas mãos da irmã de Dora, estando sob controle do quase-grupo de mulheres.

Antes, o modo para arrecadar dinheiro era através da realização de festas, que aconteciam freqüentemente. O dinheiro arrecadado era depositado numa caderneta de poupança e usado exclusivamente para fins "religiosos", como a reforma da igreja, por

[49]Fia e Francisca também estavam ligadas ao grupo de mulheres, atuando junto com Dora, Zélia e as demais.

exemplo. O quase-grupo das mulheres, através do comitê, questionava o uso que se fazia desse dinheiro, e um exemplo pode ser dado através da questão da água. Quando conseguiram levantar a construção da caixa d'água, precisaram de dinheiro para cumprir o acordo com a prefeitura. As mulheres queriam que "grupo da igreja" contribuísse, entretanto não foram atendidas, sob a alegação de que os recursos da igreja não eram destinados a esse tipo de atividade. Temos assim um confronto entre modos diferentes de encarar o uso do dinheiro da igreja. Afinal, essas mulheres, dentro do comitê, achavam que era dever da igreja ajudar nos problemas materiais da "comunidade".

Como se vê, as mulheres passaram a ocupar a igreja, dando uma máscara religiosa ao próprio movimento. Zélia e Dora atuavam através da igreja, no momento da pesquisa, tentando rearranjar o grupo de jovens que vinham tentando formar[50]. Essas mulheres líderes, com Dora como personagem central, têm uma ação política permanente, passando por todos os aspectos da vida da vila: desde a política formal até a Igreja, passando pela "educação" da juventude. Vimos como, por exemplo, conseguiram impor o seu modo de pensar à função da igreja que, com a inserção do dízimo, passa a ter também uma função social (de ajuda financeira aos necessitados e assistência a alguns problemas socio-econômicos da vila). Posição contrária à postura de assistência espiritual defendida pelos "antigos" membros da igreja. Assim, elas conseguiram passar a imagem de que aquele grupo da igreja antiga estava defasado, distante das necessidade reais da "comunidade". Essas "necessidades reais" foram o alvo dos esforços dessas mulheres, que esperavam tornar hegemônico o seu ponto de vista, em oposição, por exemplo, às necessidades espirituais deste outro grupo.

Elas conseguiram, desse modo, ampliar seus campos sociais em todas as direções possíveis. Primeiro dominaram a cena política local, através da ação dentro do comitê, que lideraram de 1988 até 1995. Nesse meio tempo fizeram uma oposição sistemática ao antigo grupo da igreja. Em seguida ocupam esse espaço da igreja, adentrando noutro campo social,

[50]Cf capítulo 5.

legitimando de outra forma a influência antes conseguida exclusivamente através do comitê. Porém, não desistiram de participar do comitê, mesmo que não concentrassem mais todos os esforços nesse espaço. Elas continuam a dominar a esfera "material" de Dias, enquanto investem na esfera "espiritual", aumentando ainda mais a própria influência.

F) As características da dominação feminina

Segundo Sader (1987), uma das principais características dos movimentos sociais é colocar o "cotidiano" como lugar de resistência, uma valorização das experiências da classes sociais desprivilegiadas. Tentarei entender, através da análise desse autor, se as práticas dessa rede parcial de mulheres podem ser vistas como um movimento social, se fazem ou não uso daquilo que Sader chamou de "matrizes discursivas" dos movimentos sociais, "*que expressam práticas de resistência e ruptura*" (Sader 1987:136). A essas matrizes discursivas correspondem modos de abordagem da realidade. Sader distingue três agencias de "elaboração discursiva", "*que visam o cotidiano popular e o reelaboram da ótica de uma luta contra condições dadas*" (idem: 137). Lembremos que sua análise se refere aos anos 70, mas pode ser ilustrativa para o nosso caso. Essas três agências são a igreja católica, a partir da teologia da libertação, o "marxismo de uma esquerda dispersa" e a emergência de um novo sindicalismo.

Para a análise aqui cabe principalmente uma comparação com a primeira dessas "agências", a igreja católica, justamente porque as mulheres acabam por ocupar esses espaços na vila. O discurso de esquerda, baseado no marxismo não teve nenhum tipo de influência na ação das mulheres, visto que nunca participaram declaradamente da vida política formal[51]. A matriz sindical também não participa, em nenhum momento, da constituição do discurso desse grupo de mulheres. Portanto, nos resta comparar com um discurso da igreja progressista.

[51]Na verdade, Dora, em caráter sigiloso, me "confessou" ser petista. Mas ela via nisso mais uma forma de manter distante os políticos tradicionais, que a assediam constantemente nos períodos de eleição que para definir uma postura política. Na eleição municipal de 1996, que acompanhei "em campo", ela apoiava uma candidata do PDT, de um outro bairro rural de Dias, com quem tinha ligações afetivas. O discurso de partidos políticos, ou de uma transformação da realidade a partir de uma visão "marxista" dos problemas sociais nunca fizeram parte do discurso dessas mulheres.

Para Sader "*os movimentos sociais se constituem recorrendo a tais matrizes, que são adaptadas a cada situação e mescladas também entre si na produção das falas*"(idem: 139), e a matriz "religiosa" busca a conscientização dos trabalhadores a partir de suas condições de existência, principalmente através da alfabetização pelo método Paulo Freire. Essa matriz exacerbava posturas de contestação política: "*A crítica as injustiças existentes em nome da doutrina católica do direito natural era agora engajar seus membros no estímulo aos dominados para que se organizem, reconhecendo e reclamando sua própria dignidade*"(idem: 145). Outra característica dessa matriz é o que Sader chama de "populismo teórico", com a valorização do saber popular: "*As relações primárias de solidariedade e as referências cristãs induziram a reelaboração idealizada de uma vida comunitária do passado rural.*"(idem: 155).

Nessas citações, fica evidente a distância do quase-grupo de mulheres desses objetivos que tiveram início nas comunidades eclesiais de base, pois elas nunca se preocuparam em valorizar o conhecimento popular, nem o passado. Na verdade, elas agem como portadoras de um "conhecimento", dado pela movimentação num lugar ampliado, que deve ser distribuído, mas *só* às mulheres. A partir de certo momento, esse conhecimento vai ser passado à comunidade através de uma "leitura religiosa", quando assumem a diretoria da igreja. Porém, essa nova roupagem para uma ação que já estava em curso, e que tem a vantagem, em contraposição ao comitê, de ser mais prolongada, difere muito da linguagem dessa igreja progressista, pois em nenhum momento chega a questionar as relações de poder local. No fundo, a atividade delas não é tão diferente das de Zé Miguel: elas cuidam do lado "espiritual" da vila e legitimam a continuidade da própria influência. Através dessa nova legitimação moral oferecida pela igreja, assumem a imagem de "guardiãs morais" da vila e, detendo essa imagem, podem continuar um processo de dominação, através dessa ação localizada.

É bom lembrar que, através da igreja, controlam o salão paroquial, já que suas chaves estão com Zélia. Elas podem controlar a realização de eventos em geral, pois em geral, as festas e reuniões são feitas nesse espaço. Veremos, no capítulo seguinte, que elas exercem esse

"poder moderador" segundo seus interesses, e as outras pessoas envolvidas nesses processos buscam espaços alternativos para executarem seus objetivos. Controlando o salão paroquial, elas podem planejar os seus cursos "para mulheres" sem nenhum empecilho; mesmo a organização do grupo de jovens passou por uma justificativa religiosa para ser formado pelo empenho dessas mulheres.

O fato do conhecimento popular não ser valorizado no discurso dessas mulheres é sintomático. Fazendo parte da "elite" delimitada pela movimentação, vista como um princípio estrutural localizado, não têm intenção de questionar a própria suposta "superioridade", consequência de uma tal valorização. O projeto é trazer para o lugar ampliado um número maior de mulheres: uma transformação "de cima". Talvez possamos vê-lo como um projeto de dominação de "gênero". Mesmo que não seja consciente, a ação dessas mulheres leva a uma inversão hierárquica das relações de gênero, como vimos, ao feminilizarem o espaço público. Porém, como demonstrei no primeiro capítulo, a disputa entre os que circulam nesse lugar ampliado é baseada num modelo "ideal" de conduta, impossível de ser atingido. Mas do qual alguns se aproximam mais do que outros. Mesmo trazendo outras mulheres para esse lugar ampliado, Dora e Zélia sempre estarão mais próximas desse modelo ideal do que qualquer outra dessas mulheres. Ao inverter a hierarquia do gênero, tornam-se duplamente influentes: por serem as mulheres que coordenaram esse processo e por serem, entre as mulheres, quem mais próximas estão do ideal de conduta evidenciado pelo princípio estrutural.

Por isso também o fato de não questionarem os pressupostos da dominação através de um discurso progressista da igreja. Não é possível dizer se esse projeto foi pensado, ou decorreu de ações sobre as quais não se previu os resultados; e isso também não importa, pois de qualquer forma, consciente ou não, ele pode ser analisado nas suas conseqüências. Se isso é verdade, temos a grande contradição na ação desse quase-grupo: um projeto de poder não-personalista, legitimado pela disputa em e relacionada com a feminilização da esfera pública, acaba por ser personalizado na dominação dessas mulheres. O poder torna-se personalista,

através de uma tortuosa trajetória pela esfera pública. Afirmar isso não contradiz a importância do lugar ampliado, apenas nos lembra que o tipo de poder a que ele conduz pode ter resultados não muito diferentes da forma "antiga de exercer o poder". Seguindo essa argumentação, é possível entender porque o quase-grupo procura uma novo "discurso" para se legitimar, e para continuarem a exercer a influência que já detinham. Não se tentou criar um novo espaço de interlocução, com uma proposta de mudança da realidade, como é comum aos movimentos sociais: apenas os canais institucionais já existentes foram utilizados; nenhuma associação se criou, nada parecido. Esse quase-grupo não busca questionar a ordem e as relações de dominação, mas justificar a própria influência.

A ação das mulheres líderes pode ser vista como uma ação para manter o poder de suas líderes, tendo um caráter personalista justificado pela esfera pública (ao contrário do poder de Antônio, que era legitimado em função de relações privadas de clientelismo). Volto a afirmar que não tenho a intenção de demonstrar se essas ações tem uma direção consciente, mas dizer que a conseqüência dessa série de ações é a *manutenção do poder*. Outra conseqüência dessa ação é legitimar ainda mais o princípio estrutural local, ao fazer da esfera pública o locus efetivo de disputa do poder local.

Vimos acima, com Sader, que o discurso das mulheres não se nutre de nenhuma das fontes tradicionais dos movimentos sociais, mas isso não seria suficiente para desqualificá-lo enquanto tal. Para continuarmos essa análise, recorrerei ao texto clássico de Durham (1984), que analisa características mais comuns aos movimentos sociais, além de ser uma crítica ao tipo de análise que se fazia até então. Para a autora "*os movimentos sociais podem ser vistos (...) como* (movimentos que lutam pelo) *Atendimento de novas necessidades e, portanto, como uma luta pela ampliação do acesso ao espaço político e aos benefícios do desenvolvimento econômico*"(Durham 1984:25). Assim, a formação desses movimentos se dá em função de reivindicações coletivas, em torno de carências comuns. Essas carências comuns estimulam um "*processo de criação interna de igualdade (mítica)*" (idem: 28). Essa igualdade recobriria

desigualdades efetivas: "*No movimento, face a mesma carência, todos se tornam iguais*"(ibidem). Essa igualdade construída leva ao reconhecimento da pessoa num plano público e não privado. Outra característica que torna os movimentos em *sociais* é o fato de criarem outras ligações entre os indivíduos e a sociedade e o Estado; e serem reconhecidos por esses; acentuando o caráter público desse processo.

O quase-grupo de mulheres seria dificilmente classificável, seguindo esses parâmetros. Embora surja de carências coletivas, ativando o comitê como um espaço institucional, locus de ação, não se auto-intitula como um movimento, como uma associação de bairro, ou coisa parecida. Não se organiza, nem formalmente, nem comunitariamente[52], e direciona sua ação primeiramente para o comitê, lá obtendo os maiores "sucessos", como no exemplo da caixa d'água. Porém, enquanto o comitê caminha como algo semelhante a uma associação de bairro, e talvez como movimento social, as lideranças femininas buscam a igreja como espaço para continuarem a exercer influência, sem deixar de ter um "membro" participando da diretoria atual do comitê. Atuam como um núcleo de pessoas que procura manter-se numa posição privilegiada.

No que toca a questão do indivíduo tornado pessoa na esfera pública, comum aos movimentos sociais, cabe uma análise, no meu caso, mais cuidadosa. Quem participou, de fato, da ação social do comitê foram, já de antemão, *iguais* entre si: eram membros da "comunidade" que participavam ativamente (uns mais que os outros) do que chamei de lugar ampliado. Ora, como já vimos, elas circulam num espaço público, o que faz delas pessoas mais influentes, e não indivíduos, no sentido que Durham imprime ao termo. Assim, já são *pessoas* que circulam numa esfera pública, que viram suas capacidades aumentadas devido ao reconhecimento das instâncias de poder local (principalmente a prefeitura). Nesse sentido, o comitê não pode ser entendido como um movimento social, pois mesmo a mobilização para

[52]Para Durham (1984), os movimentos sociais formais são aquele que possuem uma estrutura hierarquizada, e os comunitários são aqueles que evitam a institucionalização e hierarquização e se supõe participação constante de todos. Os dois modelos não são excludentes, muitas vezes se encontram "misturados". (pág. 27)

atender as carências coletivas parte de um grupo de iguais entre si, mesmo que elas tentem fazer das suas reivindicações àquelas da "comunidade".

Quando as mulheres pretendem agir contra os problemas sociais que afligem a vila, como a pobreza, não o fazem através do comitê: o fazem como um número de mulheres que se uniu, preocupadas com esses problemas, para buscar essa solução. Tanto que os cursos e as feiras promovidas não foram atividades listadas nas atas do comitê. Mas elas agem "direcionadamente", como vimos acima, quase que num processo de assistência social pois, nesse caso, é um encontro entre diferentes, no qual quem está na posição superior presta uma "ajuda" as outras mulheres. Nesse processo, acabam por "feminilizar" o espaço público, porém com conseqüências diferentes das ações de movimentos sociais[53]: as mulheres estabelecem uma "dominação" legitimada inicialmente pela ação no comitê e depois na igreja, como já demonstrei acima. O espaço público é utilizado para justificar uma dominação; distanciando-nos aqui de qualquer definição de movimento social.

Outra autora diz-nos que as definições sobre o conceito de movimento social variam entre dois pólos: para alguns, qualquer ação coletiva com caráter reivindicativo ou de protesto seria movimento social, independente do alcance ou da importância política do movimento; do outro lado, há autores que consideram como movimentos sociais apenas aqueles que seguem orientações conflituosas globais, buscado a passagem de uma sociedade para outra, os quais seriam em número muito reduzido (Scherer-Warren, 1993:18). Apenas no extremo mais abrangente poderia se ver esse quase-grupo de mulheres como articulador de movimento social. Mas mesmo assim, somente no momento em que participaram do comitê, organizando uma ação coletiva. No entanto, ao "espalharem-se" para outras dimensões da vida local, por outros campos sociais, passaram a executar um projeto de dominação. Portanto, mais uma vez fica difícil ver nesse quase-grupo de mulheres o núcleo de um movimento social.

---

[53]"*... eles (os movimentos sociais) criam um espaço onde é possível a vivência da igualdade, permitindo a representação da utopia e elaboram os direitos que definem uma nova cidadania.*"(Durham 1984:30)

Santos (1994) também nos demonstra a relevância dos movimentos sociais, na medida em que "*constituem tanto uma crítica da regulação social capitalista (...) (a)o identificar novas formas de opressão que extravasam das relações de produção e nem sequer são específicas delas, como sejam a guerra, a poluição, o machismo, o racismo ou o produtivismo, e ao advogar um novo paradigma social menos assente na riqueza e no bem-estar material do que na cultura e na qualidade de vida, os NMSs denunciam, com uma radicalidade sem precedentes, os excessos da regulação da modernidade.*"(Santos 1994:222)[54]. O quase-grupo de mulheres, ao contrário, inaugura uma nova forma de "opressão". Nem mesmo ao inverter a hierarquia entre os papéis de gêneros (ao menos momentaneamente), questionaram a dominação que implica essa hierarquia. Pois se o fizessem, não poderiam invertê-la ao seu favor. Elas acentuam, dentro de Dias, uma nova forma de exclusão social, marcada inicialmente pela falta de movimentação pelo lugar ampliado. Essa exclusão é marcada pelo gênero, discriminando mais os homens que não se movimentam e menos as mulheres. Ao fazerem isso, acabam por feminilizar a esfera pública e mesmo por deslocar os homens que se movimentam por esse lugar ampliado, que por um longo tempo se viram privados do poder em Dias. Situação que começava a ser questionada no período da pesquisa de campo, retratada no último capítulo. Sob essa ótica, nunca se veria esse grupo como um propulsor de um movimento social, que tem por característica principal o questionamento de formas múltiplas de opressão.

Vimos, assim, que a forma de ação do quase-grupo de mulheres implica em uma apropriação pessoal do poder, o que poderia dar a idéia de continuidade com a forma do poder exercida por Antônio. Porém, essa idéia não é verdadeira, pois escrevi todo o capítulo para demonstrar que, embora se cristalize em pessoas, o poder é legitimado pela vivência na esfera pública, no lugar ampliado (legitimação construída historicamente e analisada através do princípio estrutural local). É porque a esfera pública passa a ser o locus da disputa pelo poder

[54]Para uma síntese do conceito de regulação ver Santos 1994:202/204.

que podem inverter a hierarquia de gênero, ao contrário da privatização do poder público de Antônio. Legitimam, assim a própria posição de dominação em Dias, cristalizando sua influência.

No entanto, essa dominação é bastante diferente daquela exercida por Antônio, devido mesmo ao seu caráter "público" e não necessariamente econômico. A palavra delas não é lei, como era a de Antônio; opressão física não é parte do repertório político, como era na época de Antônio; a influência política não é tão acentuada como era a de Antônio. Porém, elas são imediatamente reconhecidas enquanto líderes de Dias e como representantes "vitalícias" do distrito. São capazes de eleger o candidato a vereador que apoiam; controlam o lugar potencialmente "público" de Dias, que é o salão paroquial, controlando, em certa medida, a freqüência de festas no distrito, reuniões, etc. São respeitadas em Dias e no município. Estão em posição, em certos momentos, de juízas morais, como veremos adiante. Todas essa características formam uma dominação muito mais "branda" que a de Antônio, que talvez possa ser melhor entendida como *influência*, mas que, dado às novas regras do jogo político, é a posição mais elevada que se pode alcançar. E não nos esqueçamos da capacidade de, aproveitando-se do lugar ampliado, inverterem a hierarquia dos papéis de gênero, isolando os homens "influentes" da cena política durante certo tempo.

* * *

Assim, esse trabalho visa acompanhar a trajetória do poder político de um Distrito antes dominado por um chefete local, com todas as implicações que isso trouxe, e depois gradualmente esfacelado entre alguns "grupos". Todos legitimam seus papéis utilizando-se do mesmo discurso de exclusão social formulado a partir da movimentação local, de uma

concepção diferenciada de espaço, através do desenvolvimento de um princípio estrutural localizado. Esse capítulo centrou-se numa das redes parciais e no seu centro, o quase-grupo das mulheres, enquanto o próximo tratará dos dois potenciais adversários, que tentam disputar sua influência.

Esse capítulo procurou demonstrar, além disso, como a mudança nas formas de exercer a política, deslocadas para o espaço público, através do princípio estrutural local, possibilitou reformulações nos papéis de gênero. Essa mudança foi alvo de atenção principal devido a implicações e diferenças que pode indicar na discussão atual sobre gênero; e embora eu tenha apenas sugerido algumas possibilidades, elas já acentuam a fertilidade da conceituação que venho propondo. Vale lembrar aos amigos leitores que é a relação entre lugar ampliado e poder, entre lugar ampliado e esfera pública e a possibilidade das mulheres circularem por esse lugar ampliado (potencializada pelo nosso princípio estrutural) que permitem uma inversão (mesmo que momentânea) nas relações de gênero. Mais do que isso, a possibilidade de análise da "feminilização" da vida pública só se torna visível através do tipo de análise que venho tentando elaborar.

CAPÍTULO 5 - ADVERSÁRIOS À VISTA

No capítulo passado analisamos o desenvolvimento da história política local, através da liderança das mulheres e do seu embate com o antigo grupo da igreja. Isso tudo se deu antes da minha presença no campo, no segundo semestre de 1996. Nesse capítulo, chegaremos ao acontecimentos que acompanhei, quando outros atores políticos entram em cena, principalmente em função do período em que ocorreu, anterior às eleições municipais de outubro de 1996. Esse é o capítulo mais "etnográfico" dessa dissertação, principalmente pelo número maior de informações, e também devido às construções teóricas dos capítulos anteriores: essas informações seriam indispensáveis para compor o quadro da presente disputa política. Portanto, a narração dos acontecimentos só faz sentido a partir do desenvolvimento dessa história política local, que venho descrevendo. Essas construções teóricas também permitem que nos direcionemos, amigos leitores, diretamente aos fatos, já que temos elementos suficientemente analisados para descrevê-los.

A intenção desse capítulo não é só completar o quadro que venho montando, da história política local; a intenção é também dar uma entonação mais dinâmica ao trabalho, demonstrando como nossos principais atores agem e se locomovem em situações concretas, como falam sobre si mesmos e sobre seus adversários. Para tal, acompanharei algumas "situações sociais" relevantes, por mim acompanhadas no campo, que demonstram bem como se envolvem nossos personagens nas disputas que aparecem, em situações mais cotidianas, tendo como horizonte as próprias eleições municipais, que acirraram em muito as desavenças mais ou menos cotidianas. Essas situações são, respectivamente: a quebra de uma placa e uma reunião política. Veremos como essas situações colocam todos em movimento, explicitando mais claramente os desenvolvimentos da análise que desenvolvi nos capítulos anteriores; veremos como eles são fundamentais para entendermos os termos em que se dão as disputas políticas.

A) A placa quebrada

Numa tarde do mês de fevereiro de 1996, Sebastião dirigiu-se à casa de Dora. Levava consigo os pedaços de uma placa quebrada. A placa em questão estava, até há um tempo, na praça de esportes do Distrito de Dias. Essa praça foi construída no último mandato de Antônio, quando era vice-prefeito. Na placa estavam as informações presentes em qualquer placa de qualquer obra pública: construída em 1978; com verbas do governo estadual, executada pelo prefeito e vice-prefeito de Brasópolis. As pessoas em questão, com o nome anotado na placa, eram Antônio Gomes de Oliveira, como vice-prefeito e José Fernandez, como prefeito. O fato da placa ter-se quebrado não era em si tão importante, afinal muitas se quebram; o que era estranho era o modo como isso fora descoberto: Sebastião, que cuida do casarão da antiga estação, que "pertence" ao mesmo senhor para quem trabalha como caseiro, encontrou os pedaços no terreno do casarão[55]. A praça encontra-se do lado do casarão, e obviamente o que acontecia era que alguém tinha jogado essa placa ali, provavelmente depois de tê-la quebrado.

Uma pequena revolta se instalou, afinal quem tinha quebrado a placa? E porquê? Essas perguntas não ficaram sem resposta por muito tempo, pois Amélia, a dona da venda, havia visto o responsável por tal ato e delatou-o tão logo se soube da placa. A situação tinha se criado por Willian Nogueira, um jovem local, com menos de dezoito anos e uma longa lista de "histórias problemáticas". Correu a história de que Willian haveria quebrado a placa em sinal de protesto à memória de Antônio, e que enquanto a quebrava, teria proferido insultos e todo tipo de injúrias possíveis de se fazerem ao "grande malfeitor" de Dias. Após esse boato, Willian foi indiciado na delegacia de Brasópolis pela própria Amélia, e a partir daí criou-se uma grande

[55]O imóvel em questão é a antiga estação de trem, que ao ser desativada foi "comprada" pelo próprio Zé Fernandes. No entanto, ilicitamente, já que a estação pertence ainda a companhia mineira de ferrovias. Mas ele a vendeu assim mesmo ao atual "dono" que, percebendo a situação, pôs a casa a venda. Quem administra o imóvel é o marido de Fia, que autorizou que a festa acontecesse. O barracão original da estação foi modificado, mas a placa "Estação Dias, 1910" continua lá e uma parte do calçamento original, sendo possível identificar a plataforma de desembarque, e talvez as partes não alteradas da estação original.

celeuma. A quebra da placa tinha se transformado numa crítica à memória de Antônio e tal "injúria" foi violentamente reprimida pela comunidade. Na verdade, reprimida pelas pessoas de destaque da comunidade, especificamente as líderes, além de José Carlos.

Dora e José Carlos tomaram para si as dores da ofensa moral, cada qual ao seu jeito, e comportando-se diferentemente. Para Dora, tratar esse caso como caso de polícia e desqualificar completamente a pessoa de Willian era quase necessário, em função de outros acontecimentos que tinham relação com os planos das mulheres: o "grupo de jovens". Esse grupo de jovens começou a ser organizado por essas mulheres como uma forma de educar os jovens de Dias, de acordo com sua própria visão de mundo. Era visto como uma continuidade, como um futuro grupo que executasse a mesma forma de política. No início, esse grupo de jovens era composto *apenas por mulheres*, confirmando o que eu vinha dizendo no capítulo passado sobre a feminilização da política.

No entanto, algo atrapalhou seus planos: o próprio Willian e seus amigos também entraram para o grupo de jovens, coincidentemente, apenas na proximidade das eleições. Descrito como "forte", "grandão", "valente", "impetuoso", "falastrão" e dono de uma lábia espetacular, Willian assumiu a liderança no grupo. A presença do jovem desagradou muito as mulheres pois, na opinião delas, era uma "má-influência" para os demais que, no entanto, pareciam adorá-lo. Embora ele agradasse aos jovens, não agradava as mulheres, e estava criada uma situação tensa. Willian tornava independente demais esse grupo, o que não parecia ser a intenção das mulheres, revelando a relação autoritária que mantinham com o grupo de jovens. Mas a situação se agravou ainda mais quando Willian, supostamente, quebrou a placa da quadra de esportes. Ao tê-la quebrado, ele teria dito que fazia aquilo em nome do pai, que muito tinha sofrido na mão do Antônio Gomes de Oliveira[56]. Esse ato justificou a discriminação que sofria: Dora revoltou-se, bem como o irmão, José Carlos, e todas as demais líderes.

[56]Não obtive dados sobre uma eventual desavença entre o pai de Willian e Antônio.

No calor desse incidente, acompanhei uma conversa entre Dora e Ana Lúcia que falava em nome do comitê, do qual participava como primeira secretária. O fato tornou-se um problema coletivo, comunitário e o próprio comitê discutiu o problema para saber como repreender o jovem. Ana foi encarregada de comunicar à Dora, virtualmente reconhecida como herdeira de Antônio, qual tinha sido a decisão da reunião do comitê. Foi decidido que não o processariam, oferecendo-lhe uma "chance", mas Willian teria que conseguir outra placa por seus próprios meios. Se não o fizesse seria, então, processado. Dora escutou a decisão, apenas confirmando. A situação parecia tensa entre as duas amigas, já que nessa situação não estavam juntas. Dora ouvia agora como a filha do coronel que teve a memória ultrajada, e exigia do comitê uma atitude, enquanto Ana agia como uma negociadora do comitê, justamente por ser tão amiga de Dora: parece que temiam contrariá-la nessa revolta contra o rapaz, mas não se curvariam a sua vontade explícita de processá-lo. Ana deu a notícia na minha presença, de forma que Dora não pudesse demonstrar seu verdadeiro sentimento. Ana sabia disso muito bem, pois não tinha nenhuma necessidade de relatar a decisão na minha frente. Por fim as duas começaram a ponderar sobre o futuro do grupo de jovens, no que voltaram a agir como amigas: o grupo só poderia continuar a existir se fosse acompanhado por um adulto, "alguém mais maduro", em suas palavras. Ou seja, o grupo de jovens deveria seguir o caminho que o quase-grupo de mulheres estava imaginando para eles. Era "falta de maturidade" querer andar pelas próprias pernas[57].

Em outra situação, conversei com Ida, irmã de Dora. Ela começou a contar-me que havia desistido da coordenação do grupo de jovens, pois as coisas não estavam indo do jeito que *ela* queria. Disse-me que estava preocupada com a "formação" dos jovens já que só pensavam em diversão, principalmente após a entrada de Willian. Essa "formação" deveria começar "dentro da igreja", para depois "sair", ou seja, cuidar da parte do lazer. Como a sua proposta não estava sendo aceita pelos jovens, resolveu sair. Havia ainda, em suas palavras, o

[57]A conversa que estava tendo com Dora era, inicialmente, para decidir onde eu ficaria alojado durante a pesquisa de campo.

problema do "rapaz" (Willian), pois "*depois que entrou no grupo de jovens, aí estava tudo estragado*". Nesse momento da conversa, Willian e um amigo chegaram, para conversar com José Carlos, irmão de Ida. Eles foram pedir os restos da placa quebrada, para tentar consertá-la. José Carlos foi quem guardou os pedaços da placa, apropriando-se também do direito à memória de Antônio, e sendo reconhecido enquanto tal. O importante é ressaltar que a quebra da placa delimitou, naquele momento, os principais líderes em competição. Essa delimitação deu-se pela forma com a qual se apropriaram da memória de Antônio, bastante importante ainda devido a sua grande envergadura e a grande lembrança no imaginário local. Vincular-se a essa imagem inevitavelmente traria um pouco do respeito e prestígio que tinha Antônio.

Os três personagens são Dora, José Carlos e Willian, envolvidos de formas diferentes na política local. Dora e José Carlos procuraram demonstrar a indignação que sentiram diante ao ultraje a memória do pai. José Carlos canalizou esse sentimento para as eleições locais, como veremos, enquanto Dora procurou desqualificar Willian, para reconstruir o grupo de jovens. Willian surge como a "oposição" à memória de Antônio, espalhando que ele havia sido um "mal" para todos; exerceu sua influência basicamente entre a população jovem de Dias, que começou a ver Antônio através dessa perspectiva. Os três líderes têm em comum a mesma história de trânsito pelo lugar ampliado, confirmando as minhas hipóteses dos capítulos anteriores. A legitimidade de disputa política é também dada pelo discurso de exclusão entre a *gente pequena* e os demais, entre os que circulam e os que não o fazem.

Um novo dado aparece no processo de disputa política, embora surja no contexto das eleições locais, da política formal: o papel da memória de Antônio, que passa a ser relida de formas diferentes, marcando posições políticas diferentes. José Carlos tenta recuperar a imagem de grande líder que tinha seu pai, numa tentativa de ocupar esse espaço através da política formal. Dora, por outro lado, tenta "herdar" o prestígio de seu pai sem, no entanto, declarar-se favorável ao tipo de poder que ele executava. Isso seria minar a base do poder que ela e Zélia vêm construindo ao longo do tempo, valorizando um tipo de dominação que

desfavorece a mulher e impede a participação dessa na vida pública. A José Carlos interessa um discurso que celebre a dominação que exercia Antônio, mitificando a figura de grande líder, fundamental para o desenvolvimento de Dias; um grande líder que *deixou um espaço vazio*, que não teria sido ainda ocupado. Obviamente, tenta ocupar esse espaço ignorando o papel da irmã no cenário local.

Willian, por sua vez, ousou desafiar o peso simbólico da memória de Antônio, mitificando-a negativamente. Para Willian, Antônio Gomes de Oliveira teria sido o responsável por Dias não ter crescido mais, porque ele queria manter as coisas todas do jeito em que estavam. Acentuava ainda a autoridade implacável de Antônio, que mandava e desmandava sem nenhum cuidado com as pessoas do lugar. Ressaltava o poder de Antônio que como vereador "mandava mais que o prefeito" para demonstrar o quão pouco democrática era aquela situação. Criticava a "opressão" econômica exercida por Antônio durante sua vida, etc..

Vejamos que, de uma forma ou de outra, já muito jovem, Willian trás uma bagagem relevante para a sua colocação no sistema político local: é um circulador intenso, aproximando-se do modelo ideal descrito no capítulo dois. Entre outras conversas, Willian descreveu-me sua carreira de "doidão", de como sempre "tomou todas", "fumou todas", "cheirou todas" e "curtiu todas" (mas já fazia oito meses que não tocava mais em drogas). Ele morou em várias cidades (São José dos Campos, Itajubá, Brasópolis, Campinas) e estava, naquele momento, em Dias por ter que se alistar no batalhão. Disse também que já conseguiu dinheiro com drogas, mas não podia "dar bandeira" em Dias, e não poderia mostrar os bens que acumulou. Willian mora com seu irmão e seu pai, que é separado há 18 anos e, na prática, mora com outra mulher a maior parte do tempo. Detalhe: Willian confirmou-me que está sendo processado em sete casos diferentes, seis deles por agressão e outro por furto.

Mas quando ainda estávamos falando de Antônio Gomes, ele contou o caso da placa, para exemplificar como eram as coisas em relação à sua família. Aquele escândalo que se aprontou quando ele quebrou aquela placa foi desnecessário, pois teria sido um acidente, "uma

bolada" (segundo ele, com testemunhas) - "*mesmo que isso seja difícil de acreditar*", como ele bem frisou. Esse fato teria se dado em fevereiro de 1996, quando ele e alguns amigos esconderam a placa quebrada no terreno ao lado, por medo. Mas apenas em agosto, Amélia foi denunciá-lo a polícia e "*começou aquele rebu...*". O interessante é que, se ele nega a autoria de uma afronta simbólica a Antônio, através da quebra da placa, não nega sua opinião a respeito dele em nenhum momento; ao contrário, reafirma suas opiniões, possivelmente tendo consciência de seus efeitos políticos. De qualquer forma, segundo Amélia, antes Willian alegava que havia quebrado a placa por causa do José Fernandez (prefeito que construiu a praça) e não por causa de Antônio Gomes (vereador na época), e depois mudou o discurso, dizendo que havia sido um acidente. Essa versão nunca passou pelos lábios de Willian, ainda mais por que quando eu estive lá, ele já era cabo-eleitoral de José Fernandez.

Ida explicou-me mais detalhadamente o que a "comunidade", através do comitê, decidira fazer em relação aos jovens: se não quisessem ser punidos, deveriam providenciar outra placa, colocá-la no lugar e, ainda por cima, pedir desculpas à família de Antônio. Em outro momento, o presidente atual do comitê, Luís contava-me um pouco de sua experiência como membro do comitê. Disse-me como era pequena a mentalidade do povo de Dias. Então, para justificar a "cabeça pequena" do povo de Dias, ele começou a contar o caso da placa:

> "*Aqui em Dias tem um rapazinho que quebrou uma placa aí na praça de esporte... ele devia ter tomado uns goles, pulou lá e quebrou... isso deve ter acontecido há uns dois meses, mas só agora que isso foi aparecer, não sei porque. Depredação pública é prisão inafiançavel e estava rolando o processo em cima do menino e ele estava para ser preso, achou que ia ficar por isso mesmo e só. Então eu fui falar com o Zé Fernandez, que conhece muita gente por aí... veja, o Zé não fez isso porque ele é bonzinho, ele fez por interesse mesmo, mas ele conseguiu falar com o delegado regional e fez o processo parar, então ele foi defender o rapaz, que alegou ter quebrado a placa com uma bolada, enquanto brincava lá. É claro que isso é impossível, nenhuma bolada quebra uma placa que está chumbada no concreto com quatro parafusos e quatro buchas. Mas o rapaz conseguiu se safar, mas ele não é flor que se cheire... Mas eu acredito que a medida que ele vai sendo punido, ele vai tomando rumo na vida. Mas eu liguei as caixas de som do centro comunitário e fiz o rapaz pedir desculpas para a comunidade na maior altura, com um monte de gente lá dentro do centro!*"

Vemos aqui várias nuances da situação local, pois percebe-se já um pouco das complexidades que existem em todo esse processo. Primeiro, o caráter coletivo das desculpas de Willian: é como se ele tivesse ofendido todos ao ter quebrado a placa, e era necessário pedir desculpas em alto e bom som. Obviamente, a "comunidade" representa a influência de Dora e seu irmão e da grande família de Antônio, aos quais Willian teve de se curvar oficialmente, embora nunca tenha deixado de expressar suas opiniões sobre Antônio em várias conversas.

Assim, vimos até agora como Willian assume um papel político ao criticar a memória de Antônio, posteriormente ligando-se a Zé Fernandez. Candidato a prefeito que com uma esfera de ação mais ampla que as das lideranças em Dias, livrou-o de uma prisão certa. O fato é que essa posição política e a influência de Willian sobre os jovens dienses foi aproveitada por esse candidato que fez de Willian seu principal cabo eleitoral em Dias. Concomitantemente, Willian e seus amigos entraram para o grupo de jovens, com a intenção inicial de "reformar a quadra de esportes", mas vimos acima que foram muito além disso (esse problema, aliás, nem foi abordado posteriormente). Dentro do grupo de jovens, Willian ampliou sua influência, pois tinha um reconhecimento institucional da sua liderança, ao mesmo tempo em que era reconhecido pelas mulheres como um adversário a ser combatido como o corruptor do grupo de jovens. Ao entrar no grupo de jovens Willian já era cabo eleitoral de Zé Fernandez, o que confirma a suspeita que só participava do grupo em função dessa militância política, com o explícito objetivo de aumentar a votação desse candidato no distrito. Willian estava, de fato, aprendendo e reforçando a política institucional em Dias, através do apadrinhamento de um político tradicional que, ironicamente, fora apadrinhado do próprio Antônio.

Zé Fernandez foi, no município, o substituto de Antônio, ocupando o seu lugar como mediador entre o local e o estadual. Elegeu-se prefeito no mesmo mandato em que Antônio foi vice-prefeito. Ao contrário de Antônio, que investiu todo o patrimônio no café, Zé Fernandez investiu na mídia, através do rádio. De fato, conseguiu uma concessão de rádio FM, através de suas relações estaduais, as mesmas de Antônio. Não sofreu, portanto, com a crise cafeeira que

se abateu sobre o município. Na verdade, beneficiou-se, pois imediatamente ocupou o lugar do antigo padrinho político. Assim, trabalhamos com duas dimensões de influência política ao longo da dissertação, cabendo, agora, evidenciá-las: uma foi a influência municipal mais ampla, personalizadas nos intermediários políticos, e outra, aquela restrita apenas ao distrito de Dias. A primeira mudou de mãos, deslocando-se do distrito de Dias, na pessoa de Antônio, para o município, na pessoa de Zé Fernandez.

Após a morte e falência de Antônio, Dias viu-se "achatada" em sua dimensão política, em relação ao município. A cronologia da história política é marcada pelo "achatamento" da importância municipal do distrito, com a crise econômica e ascensão de um novo líder "estrangeiro". Esse processo de troca de lideranças no município não foi acompanhada na dissertação, pois não era o objetivo central. Quando esse poder "sai" de Dias, deixa de ser centro de atenções nessa análise, que manteve seu "olhar" no distrito, na história da reorganização da estrutura política após a grande falência. O preenchimento dos espaços deixados por Antônio, no distrito, foi feito concomitantemente com um certo isolamento da vida política municipal, já que o papel que Antônio tinha no município não foi ocupado por nenhum de seus descendentes.

A história de Dias corresponde, assim, a "achatamentos" econômicos e políticos, numa compressão da diferença social antes existentes. Assistimos a um "empobrecimento" geral da população. Hoje, de fato, a distância econômica entre os que se enfrentam na arena política não é acentuada. Paralela a essas compressões, demonstrei um alargamento do fluxo de pessoas, trazendo para o cenário político a importância do capital cultural da *vivência*. Se o poder em Dias basea-se nesse capital cultural, no nível municipal isso resultou no enfraquecimento político do distrito. Afinal, o papel de Zé Fernandez como intermediário continuou concentrando poder em suas mãos, possibilitando-lhe mais duas eleições para a prefeitura após a morte de Antônio.

B) As Mulheres contra o jovem

Nessa parte analisaremos como se deu o combate explícito entre as mulheres e a nova liderança de Willian, a partir de situações concretas, que envolveram a realização de uma gincana pelo grupo de jovens, liderados por Willian. Devemos analisar esse confronto sob a lembrança das questões levantadas no capítulo anterior. Pelo fato de terem realizado um "inversão hierárquica" na relações de gênero, e transformado a arena política num lugar feminino, as mulheres que acompanhamos no capítulo anterior não ficaram imunes ao próprio processo político, uma vez estabelecida essa inversão. Seguiu-se uma reação a influência poderosa que desfrutavam, principalmente dos homens que circulam pelo lugar ampliado, e que podem, portanto lutar por um lugar ao sol no cenário político em Dias. É a história dessa reação que acompanhei em campo, muito ligada ao processo eleitoral.

Os dois principais adversários à influência dessas mulheres, em Dias, são homens que procuraram "recolocar" as coisas no lugar, questionando o papel dessas mulheres como líderes. Buscaram "remasculinizar" a esfera política local, fazendo da política também um assunto masculino através de estratégias diferentes. Willian buscou o confronto aberto, e José Carlos um confronto mais "sutil". Nesse parte, veremos como Willian agiu e quais as conseqüências de suas ações para a influência feminina no distrito. Mas tenhamos sempre em mente que essa oposição se deu no calor da disputa eleitoral, e que não será possível analisar a extensão real da oposição desses novos "líderes" no quadro que expus no capítulo passado, pois meu trabalho encerrou-se logo após o fim das eleições, não sendo possível afirmar se aquele quadro realmente mudou ou não. Para efeito da explicação no texto, assumo o caráter especulativo das observações sobre esses acontecimentos, não sendo possível avaliar concretamente até onde se estendeu a influência desses novos líderes.

A análise pára, então, na *tentativa* de reinverter a hierarquia de gênero que esses novos personagens executam. Considerei essas tentativas como sinais de uma *possível* mudança no

quadro político local, não como uma efetiva mudança. Por isso também o caráter mais etnográfico do capítulo, demonstrando situações em aberto, das quais não sei o desfecho. Vale ressaltar, de qualquer forma, que a disputa se dá em torno das definições "ideais" de cidadão, criadas no desenvolvimento do princípio estrutural local: primeiro, temos um processo de separação entre os que se movimentam pelo lugar ampliado e os que não o fazem, como argumento para legitimar papéis políticos. Vimos como, após a morte de Antônio, esse processo concretizou-se e a movimentação, construindo um lugar ampliado, tornou-se o dado efetivo da disputa política. No capítulo quatro, vimos alguns desdobramentos dessa situação, como as mulheres, através das novas possibilidades abertas pela circulação no lugar ampliado, assumiram um papel político que causou uma inversão hierárquica na relação de gênero. Nesse capítulo estamos vendo que essa inversão começa a ser questionada, porém sem se questionar a própria movimentação como fundamento da disputa política. O princípio estrutural local continua favorecendo a análise das especificidades locais, entre elas a própria disputa política.

Numa das conversas que tive com Alice, ouvi suas críticas sobre o que teria acontecido numa reunião do comitê e "líderes" do distrito, quando se foi discutir o grupo de jovens, após o "incidente" com Willian. Lembremos que quando o caso da placa estourou, estávamos próximos às eleições, Willian já era o líder do grupo de jovens e as mulheres já buscavam uma forma de neutralizar a sua influência. O caso tornou-se uma justificativa para discutir publicamente os efeitos e conseqüências da liderança desse jovem. Uma forma bem explícita de controlar a influência que estava surgindo nas mãos de Willian. O fato é que foi exigido do grupo de jovens um vínculo com a igreja. Em suma, tinha-se exigido que o grupo de jovens se *submetesse* a liderança do grupo que coordenava o igreja, no caso, o quase grupo das mulheres: o desejo era submeter novamente o grupo de jovens à autoridade das mulheres, limitando o papel de Willian. Alice confirmou que isso fora imposto ao grupo de jovens, o que ela não achava justo. O seu filho, Tadeu, teria também criticado essa atitude, da qual ela também compartilhava. Alice, uma dos membros do quase-grupo das mulheres, estava meio

deslocada desde que as mulheres procuraram a igreja para legitimar a própria influência. Pois há alguns anos aderiu a filosofia seixo-no-ie e, por isso, sentia-se levemente discriminada.

Em outra reunião do grupo de jovens, que Willian decidiu fazer de uma hora para outra, procurava-se decidir o futuro da gincana que estavam organizando dentro daquelas situações. Na reunião, a única pessoa que falava era Willian, num tom bastante exaltado, enquanto os outros (cerca de 13) apenas escutavam. Surgiu uma certa discussão e a reunião foi-se esvaziando até, por fim, encerrar-se. Pouco depois, Willian ainda estava discutindo com Tadeu (filho de Alice). No dia seguinte, ao meio-dia, almoçando na casa de Alice, seguindo o roteiro que me propuseram, conversei com Tadeu, que chegava de Itajubá, onde fora comprar napa para estofar as cadeiras da copa de Alice. Perguntei-lhe sobre a reunião do grupo de jovens e ele disse-me que Willian não devia ter marcado a reunião, porque estava bêbado e falando um monte de bobagens.

Tadeu contou que Willian queria fazer as coisas todas do jeito dele, sem nenhum questionamento, sem críticas. Ele não admitia críticas e, não concordando com tudo, Tadeu tentou demonstrar sua opinião. Tadeu contou-me que ele e Willian entraram no grupo para consertar a quadra (coisa que o prefeito prometeu fazer) e depois começaram a "agitar". Para ele, Willian era muito importante pois era quem mais fazia as coisas acontecerem, se não fosse por ele o grupo estaria bem devagar. Mas frisou que ele é muito autoritário. Depois, falando sobre o incidente da placa, confirmou que muita gente não queria Willian no grupo de jovens, por que "ele era mesmo um mal elemento". Muito sutilmente, começou falar de Zélia logo em seguida, pois ela tinha forçado o grupo a se vincular a igreja e se responsabilizar por um culto por mês. Sob ameaça de verem o grupo de jovens desfeito, todos os membros do grupo concordaram com essa situação.

Perguntei se o grupo deveria estar vinculado à igreja, e ele respondeu que era preciso, por causa do CGC, no caso de fazer festas, organizar coisas que dependem da autorização da prefeitura. Mas muitos não queriam permanecer no grupo nessas novas condições,

principalmente por Zélia ter imposto a união entre igreja e grupo de jovens. No entanto, Tadeu achava bom que o grupo de jovens estivesse ligado à igreja, "pois sempre era bom ter alguém por perto". Além do mais, ele não queria brigar com Zélia, de quem gostava muito e, por outro lado, tinha muita influência. E era sempre bom ter amigos com influência. Disse que não podiam condenar a Zélia, por que essa era a única vez que ela tinha errado, e o erro era impor algo sem a discussão necessária, mesmo que ele concordasse com o que fora imposto.

Em outro momento conversei com Ida novamente, na igreja, onde acontecia uma reunião do grupo de oração. A reunião era, na verdade, um culto onde as pessoas ficavam o tempo todo viradas para o altar e rezavam orações e celebravam cantos guiadas por Zé Miguel, que pronunciava orações em voz altas e conduzia o roteiro (pré estabelecido) da reunião. Dezessete pessoas estavam presentes[58] e notemos que Zé Miguel, apesar de excluído da liderança, ainda tem um valor "religioso", sempre sendo convidado para dirigir os cultos, detentor que é desse conhecimento específico. Ida contou-me como estava preocupada com o grupo de jovens... Estava muito desiludida e tinha "lavado as mãos". Começou a lembrar que a intenção inicial era *formar* jovens, e que ninguém lembrava mais disso e que eles só estavam a fim de fazer festa, e não tinham preocupação com a idéia original... Eles não entendiam que *não era possível* existir o grupo de jovens sem a participação da igreja[59]. Tudo isso por causa de Willian, pois "uma laranja podre estraga o saco". Dora e Zélia chegaram nesse momento e continuamos a falar do grupo de Jovens. Quando perguntei para Dora a respeito, ela perguntou-me de volta: "Que grupo de Jovens?".

Depois foi me contando que fizeram uma reunião do comitê e da igreja juntos para decidir se iam liberar o salão paroquial ou não para fazer a Gincana que os jovens planejavam. Agora o comitê e igreja atuam juntos, como se o espaço fosse de ambos e sancionam em conjunto o seu uso (ou não uso). Antes Ida havia me confiado que era preciso conversar com

[58]interessante notar que parte do "grupo de mulheres" estava ali (menos Alice e Ana Lúcia, que tem outras religiões). e Zé Miguel liderava a reunião. Elas parecem agora estar ocupando definitivamente o espaço da igreja, mesmo físico (já que o político elas já ocuparam).

[59]Veja como a igreja já está incorporada no discurso, como parte da estratégia desse grupo.

o padre para fazer regras para o uso do salão paroquial, pois "qualquer um estava achando que podia vir utilizá-lo para fazer qualquer festa e pronto". Vejamos como a igreja já está incorporada ao discurso, como um espaço próprio, com funções específicas, como parte da estratégia desse grupo. Nem sombra daquele discurso que visava "democratizar" os espaços da igreja. A intenção é, na verdade, restringir o uso do salão apenas para atividades com as quais esse grupo (que lutou para "democratizá-lo") concorde, se forem executadas por pessoas com quem as mulheres simpatizem.

A reunião, da qual participou Luís não participou[60], terminou em muita discussão entre Ana Lúcia e Willian. Por fim, o quase-grupo decidiu permitir que os jovens fizessem a gincana, como uma última "chance". Para acertar os detalhes da gincana marcaram outra reunião para o dia seguinte. No dia seguinte, Zélia, Ana Lúcia e Chica ficaram esperando mais de uma hora pela reunião. Mas nenhum dos jovens apareceu. Indignadas com essa ausência, cancelaram a autorização que fora concedida no dia anterior. "*Se eles não eram capazes de assumir esse tipo de responsabilidade, como fariam qualquer outra coisa?*", alegaram.

Nesse momento as mulheres desse quase-grupo, em nome da igreja e do comitê, decidiram que, a partir daquele momento, o "grupo de jovens" *não existia*. Assim, não estava mais vinculado a igreja e, portanto, não poderia fazer a festa no salão da igreja. Willian e Tadeu só descobriram que o "grupo de jovens" havia sido declarado extinto no dia seguinte, quando foram pegar as chaves da casa paroquial na casa de Zélia. Receberam a notícia de que não haveria mais festa no salão paroquial, sem direito a reclamações. Para Zélia, esta atitude resultou numa discussão com Luís, presidente do comitê, já que os jovens reclamaram. Luís tentou questionar a autoridade de Zélia, alegando que ela não teria o direito de decidir sobre o grupo de jovens, nem ao menos reter as chaves do salão paroquial. Num bate-boca público, Zélia afirmou ter feito muito mais pelo distrito do que Luís, quando estava no comitê e mesmo agora, que não participava mais. Luís não teria o mínimo direito de questionar o papel dela,

[60]Isso confirma o fato dessa ser uma reunião do mesmo quase-grupo das mulheres que estão na igreja e no comitê, mais do que uma reunião da igreja e do comitê, pois o presidente deste último não fora, ao menos, convidado.

pois não fazia nada. E quanto as chaves, argumentava Zélia, só ficavam com ela por que Chica, diretora da igreja, pedira. Afinal, morando do outro lado da rodovia, ficava difícil entregá-las a quem precisasse.

De qualquer forma, o controle do espaço público da casa paroquial é fundamental. Anteriormente, quem detinha as chaves era Zé Miguel, agora estão em poder de Zélia. As mulheres exercem um controle através da utilização desse espaço: permitir ou não que o usem é a questão. William, desse modo, viu-se impedido de utilizar esse espaço para a gincana, pois era considerado um "mal". Basicamente, o quase-grupo apropriou-se da casa paroquial, que antes era pensado como um espaço "democrático". O seu uso foi limitado às atividades que o quase-grupo considerava legítimas, desde que executadas por pessoas em quem confiassem .

Zélia passou a comentar que, criando o grupo, tinham dado espaço demais aqueles jovens, agora não podiam mais controlá-los. Era preferível acabar com tudo. Dora argumentava que era preciso "um tempo" até depois das eleições, já que no momento eleitoral tudo ficava mais complicado. Achava que Willian, como cabo-eleitoral de Zé Fernandez, estaria provocando os atritos propositadamente. Também insinuou que Luís, empregado de Zé Fernandez, estaria conivente com Willian e provavelmente iria ajudar na realização da festa. Esta, aliás, aconteceu de qualquer modo, pois os jovens, diante da recusa das mulheres, decidiram fazê-la na Antiga estação. Para Dora, depois da eleição quem não estava interessado de verdade no grupo de jovens (como Willian e seus amigos) o abandonaria.

A batalha se dá, eu imagino, entre um grupo político estabelecido e um "estabelecendo-se" através de um brecha criada pelo primeiro, o próprio grupo de jovens. Willian é a figura central desse novo grupo, tendo a oportunidade de brincar de líder e enfrentar as mulheres. Por trás desse "novo grupo", entretanto, estão velhas raposas da política local. Para entender esse conflito é preciso considerar a eleição no município: Zé Fernandez sabia que "as mulheres" seriam radicalmente contra ele, e que seria preciso combatê-las, sem ao mesmo tempo expor Luís (seu principal aliado) e indispô-lo contra elas. Como presidente do comitê, Luís não

poderia fazer nenhum tipo de campanha política. Willian é escolhido como cabo-eleitoral, por ser muito influente entre jovens e ter muita habilidade discursiva. Apenas o fato de ser cabo-eleitoral de Zé Fernandez fez de Willian um opositor ao quase-grupo de mulheres. Afinal, Zélia apoiava uma candidata a vereadora do partido do candidato a prefeito adversário.

Essa conjuntura política é fundamental para entendermos a situação local. José Fernandez (PL) contava com a antipatia total das mulheres líderes, que não apoiavam claramente nenhum prefeito. No entanto, apoiavam uma candidata a vereadora de um bairro vizinho, do PDT, partido que formava uma coalizão com PMDB e PSDB, que lançou como candidato a prefeito Paulo de Tarso, antigo vice-prefeito. A atuação das mulheres, quando ainda estavam basicamente no comitê, havia estreitado a relação delas com o prefeito e com o próprio Paulo de Tarso e, embora ninguém se declarasse, era mais ou menos claro que elas o apoiariam. Mais dois candidatos a prefeito disputavam a eleição, sem muita chance: Serginho (PTB) e João Paulo (PT). Willian surge, nesse contexto, como a oposição declarada às mulheres, ao Paulo de Tarso e à memória de Antônio, ao mesmo tempo. Sua estratégia foi o confronto direto, chocando-se com as mulheres. Assim, era previsível que tentasse realizar a gincana em outro lugar, para comprovar a sua posição de liderança e força junto aos jovens que se empenharam em realizá-la.

C) A gincana

A gincana aconteceu mesmo com a proibição da utilização da casa paroquial. Conseguiram fazê-la no casarão da estação. Um pouco antes do seu início conversei com os "jovens". Passaram o dia inteiro para limpar o lugar, capinar os jardins, e fazer umas ligações elétricas para luz e coisas assim. Luís, de fato, deu bastante apoio à realização da gincana, fazendo o ofício para a prefeitura, cuidando também de contratar alguns seguranças. Os jovens compraram a cerveja, arrumaram os freezers, arranjaram um caminhão para palco, colocaram propaganda no rádio. A gincana foi tão bem organizada que ficou a impressão de que receberam ajuda de Zé Fernandez.

A gincana durou dois dias e a aparelhagem de som, no primeiro dia, foi oficialmente doada por Zé Fernandez, que trouxe o seu caminhão de som e também uma dupla de cantores sertanejos. No dia seguinte a aparelhagem de som foi responsabilidade de Luís e do candidato do PT, João Mauro. Quem intermediou essa ligação foi o próprio candidato a vereador pelo PT no bairro, João Luís. Ele próprio jovem, amigo dos demais. Segundo Willian, Paulo de Tarso também teria se oferecido para doar o som. Vemos como Willian conseguiu articular uma gincana "interpartidária", prestigiando o próprio nome ao organizá-la. Porém, ao se projetar como liderança efetiva, questionava a sanção da qual fora vítima, através do quase-grupo de mulheres. Assim, colocou em risco a inversão hierárquica das relações de gêneros. Pois, naqueles momentos, reconstituía a esfera pública como um espaço também masculino, resgatando a própria importância como articulador desse processo.

O fato é que a gincana realizou-se e foi um sucesso, teve um bom público e serviu como palanque para três dos candidatos a prefeito, que falaram durante alguns minutos no caminhão de som. As mulheres compareceram à gincana e articularam um discurso que tentava menosprezar o fato da festa ter ocorrido. Diziam que Willian obtivera sucesso devido ao apoio de Zé Fernandez. Além do mais, achavam que ninguém mais deveria ser autorizado a fazer

festas no casarão. Já mencionei que o casarão, propriedade do governo, fora negociado ilegalmente e que as mulheres pretendiam transformá-lo numa sede social para o comitê. De um lado, menosprezam Willian e de outro, pretendem impedir que o casarão torne-se um espaço público. Elas não tem meios de controlá-lo, como conseguiram com a casa paroquial, e assim têm menor domínio sobre as festas que acontecem em Dias. Sabendo dessa "deficiência" procuravam meios de impedir que o casarão se tornasse um lugar alternativo à casa paroquial, ou transformá-lo numa sede social do comitê, sobre o qual sempre terão influência.

Porém, ficaram impressionadas com a realização vitoriosa da gincana; tiveram a própria influência arranhada e questionada. No entanto, a liderança de Willian estava inevitavelmente ligada à Zé Fernandez, candidato que saiu derrotado da eleição. Provavelmente, a votação inexpressiva do candidato do qual era cabo-eleitoral pode ter trazido conseqüências danosas para essa "nova" liderança" jovem. O candidato vencedor foi Paulo de Tarso, com larga vantagem no distrito, o que também comprovou a "não-efetividade" da liderança de Willian. Afinal, ele transformou em votos a própria influência entre os jovens, ou talvez só a tenha feito se confirmar entre esses, pois Zé Fernandez teve uma votação, apesar de tudo, maior do que a que se esperava[61].

Examinei, dessa forma, a oposição declarada de Willian ao grupo das mulheres, desafiando o controle social que essas exercem sobre os espaços supostamente públicos da igreja. Quando as mulheres decidiram acabar com o grupo de jovens, não esperavam que esses continuassem enquanto um "grupo". Apostaram que, após as eleições, a provável não eleição de Zé Fernandez esvaziaria esse "grupo" enquanto uma oposição sistemática. Duvidaram da

[61]Paulo de Tarso teve cerca de 220 votos, João Paulo cerca de 60, José Fernandez cerca de 40, e Serginho menos de 10 votos. João Luis, candidato a vereador pelo PT, angariou mais votos para seu candidato que Willian, sem a mínima campanha. No entanto, a baixa votação de Zé Fernandez tem como explicação a relação sempre tensa que teve com o distrito, após a morte de Antônio. Zé Fernandez foi o sucessor, no município, de Antônio. Ocupou os espaços institucionais deixados por esse, ocupando a prefeitura por três vezes. Ele iniciou-se na política como apadrinhado do próprio Antônio e, após sua morte, isolou o distrito de Dias, como se quisesse apagar sua dívida política para com seu antigo padrinho político. Assim, conquistou uma grande antipatia da população de Dias. O interessante é notar que seu novo apadrinhado, Willian, é o único a atacar a memória de Antônio. Parece um caso de sucessivas tentativas de apagar a memória de Antônio, um parricídio político em duas gerações.

capacidade de Willian manter a imagem de líder em momentos não institucionais. Por isso, também, o desdém com que trataram a realização da gincana. Confiavam que a oposição de Willian não seria duradoura, nem eficiente. Consideravam também que seria possível reorganizar o grupo de jovens em outras bases, de acordo com o que planejaram anteriormente. Se esses fatos confirmaram-se ou não, não pude constatar, atividade que ficará para uma outra ocasião, infelizmente.

D) Aparece José Carlos

José Carlos é a outra "liderança emergente", que procura reconquistar um espaço político dominado pelas mulheres. Diferentemente de Willian, em nenhum momento chocou-se com as mulheres, ou com a memória do próprio pai. Ao contrário, sempre procurou passar a idéia de um bom relacionamento com as irmãs, e com o quase-grupo que dominava a cena política de Dias. Isso não significa que ele não lhes tenha feito uma oposição sistemática, de um modo quase "subterrâneo". De fato, José Carlos é uma pessoa discreta ao extremo. Ao menos naquelas situações em que estive no campo, onde um cuidado redobrado era norma nas conversas, devido ao clima das disputas políticas. O arisco José Carlos evitou qualquer entrevista, foi impossivel falar com ele, já que me evitava quase declaradamente. Isso trouxe algumas conseqüências para o trabalho, principalmente no que se refere ao volume de informações, muito escassas. José movimentava-se muito cuidadosamente, evitando qualquer situação em que podíamos estar no mesmo ambiente. A exceção foi uma reunião muito interessante, que me permitiu tirar algumas conclusões. As demais informações foram conseguidas através de relatos de outras pessoas, que mesmo assim, foram poucos. O fato de José Carlos não entrar numa linha de colisão com as mulheres resultou num baixo volume de informações, visto que o assunto era sempre as atitudes declaradas de Willian e o problema do grupo de jovens. As movimentações políticas de José Carlos ficaram menos claras, diante da oposição declarada de Willian.

José Carlos é engenheiro civil aposentado e trabalhou durante sua vida no Guarujá, onde tinha um emprego numa firma bastante reconhecida. Foi casado com uma mulher do local, separando-se pouco antes de sua aposentadoria, quando voltou para Brasópolis, onde casou-se novamente com "Vanja". Mora em Brasópolis, mas trabalha em Dias, pois é o dono do "Retiro", uma criação de vacas leiteiras num regime intensivo de confinamento, organizado

segundo os moldes propostos pela Parmalat, dona do laticínio da cidade. O Retiro é uma outra fonte de empregos em Dias - escassos quatro empregos, é verdade - mas que, de alguma forma, liga José Carlos à memória do pai, pelo fato de também controlar um pouco das oportunidades de trabalho no distrito.

Quando Antônio morreu, José Carlos, conjuntamente com Dora, foi o responsável por reorganizar as finanças familiares, mesmo trabalhando ainda no Guarujá. Nesse processo, comprou algumas das terras que o pai havia perdido com as dívidas, nas quais montou o Retiro. José Carlos, de acordo com minha elaboração sobre o modelo ideal a ser atingido a partir do princípio estrutural localizado, é um dos que mais se aproximam deste: estudou e sempre morou fora, participando de um espaço ampliado muito maior que o habitual das pessoas de Dias. Acumulou experiências nesse mundo exterior muito maiores que qualquer outro. Voltando para Dias, vinculou-se definitivamente ao distrito numa movimentação inversa à tradicional, pois passa os dias em Dias e volta à noite para Brasópolis. O sentido inverso não importa no que se refere ao modelo, importa é que mesmo dormindo em Brasópolis, continua a executar a movimentação tão necessária para legitimação do seu próprio papel político.

Ele têm plenas condições, assim, de buscar um "lugar ao sol" em Dias, mas se viu tolhido pela situação original da política em Dias, devido à ação das mulheres. A inversão na hierarquia de papéis de gênero, praticamente o "apagava" da vida política, ocupada firmemente por aquelas mulheres. José Carlos esbarrava na feminilidade construída da esfera pública local. Lembremos que retornou a Dias há menos de dois anos, quando já se consolidava esse movimento feminino de dominação política. A sua ação política veio desafiar esta construção da hierarquia local, atacando o quase-grupo das mulheres na sua maior "fragilidade" - fragilidade que era, entretanto, uma das marcas da ação política dessas mulheres. O fato de não disputarem o jogo da política formal, de não admitirem candidatarem-se a cargos públicos. José Carlos, percebeu nessa característica uma fragilidade, afinal alguém ocuparia esses cargos, desfrutando de um certo status.

Não participando da política formal, as mulheres não ocupavam totalmente a cena política de Dias e não feminilizavam completamente a esfera pública. Os candidatos que foram sendo eleitos durante o tempo da construção desse poder feminino eram homens. Esse seria, obviamente o *locus* para a desconstrução daquela inversão dos papéis de gêneros. As mulheres resolveram apostar na solidez da própria posição, não se envolvendo nessa política formal dentro do distrito. Basicamente porque a política que executam não é a formal. Mas, de qualquer modo, apoiaram uma candidata *mulher* de outro bairro, com quem têm ligações afetivas muito acentuadas. Mas cheguemos aos (poucos) fatos que registrei em campo, para ilustrar esse processo.

Num jantar na casa de Zélia, falávamos de política e de como estava indo a situação em Dias. Zélia dizia-se meio constrangida nessa época de eleição, porque votaria numa pessoa de "fora" do distrito, a qual ela conhecia há muito tempo. O próprio José Carlos pediu-lhe para não fazer campanha contra os candidatos do distrito. Ela concordou, mas não deixou de "explicar" para as pessoas porque estava votando na outra candidata. Criticou José Carlos, já que esse achava que Dias precisava de um intermediário entre o povo e a câmara. Zélia dizia ser mais fácil comprar um pombo correio, se fosse só isso o necessário num candidato. Aqui já começamos a vislumbrar como José Carlos organiza sua oposição: evita o confronto. Se não era possível ajudar, que as mulheres, ao menos, não atrapalhassem. Dora demonstrou-me também como discordava do irmão Zé Carlos. Não achava que eleger um candidato do distrito fosse imprescindível, como queria o irmão, e duvidava que fosse possível moldá-lo ao gosto da "comunidade". De fato, os dois estão em desacordo e nem tocavam mais nesse assunto entre si. Obviamente, as mulheres não acham necessário um vereador para disputar a influência que têm no Distrito, pois elas têm acesso direto ao prefeito. Um vereador seria apenas um adversário.

Logo no começo do meu trabalho de campo aconteceu uma reunião em Dias, organizada para confrontar os três candidatos à vereança do bairro, organizada pelo comitê.

Na verdade eram três reuniões significamente divididas: para as mulheres, os homens e os jovens. Mais do que uma divisão de gênero e idade, é um mapa político da situação em Dias, pois a cada grupo corresponde um porta voz claro: Dora e Zélia, José Carlos e Willian. Acompanhei apenas a reunião para os homens, já que as outras haviam ocorrido antes da minha chegada a Dias. A reunião servia para ouvir o que os candidatos a vereador tinham a dizer, através de perguntas elaboradas pelos membros do comitê e levadas aos candidatos por Luís, que gravou as respostas. A fita com as gravações seria ouvida pelos homens naquela vez. Cheguei um pouco atrasado, no fim da fala de Chiquito, primeiro candidato. Havia apenas 10 pessoas, todos sentados ao redor da caixa de som, controlada por Luís. O segundo candidato respondeu às poucas perguntas como se quisesse assumir a "herança" política de Antônio Gomes, assumir um lugar que estava vago. Bentão, como é conhecido, é funcionário da prefeitura responsável pela limpeza das ruas em Dias. Sua candidatura é patrocinada por José Carlos, que pretendia fazer de Bentão o pombo correio que Zélia mencionou. Depois João Luís, candidato do PT, foi ouvido. Procurou dar ênfase no papel do comitê e da "comunidade".

Chegamos aqui no mote escolhido por José Carlos para fazer uma oposição "não declarada" às mulheres. Escolheu um candidato que não tinha projeção fora do distrito, onde era muito bem conhecido, principalmente pelos inúmeros problemas que resolvia como funcionário da prefeitura. Fez dele o seu candidato usando um discurso "duplo": para as mulheres, afirmava ser preciso alguém de Dias na câmara, para servir de "pombo correio", na ótima definição de Zélia. Por outro lado, para os homens, principalmente os da *gente pequena*, Bentão articulava um discurso construído por José Carlos, no qual afirmava que era preciso ocupar um espaço que estava *vazio* na política local, desde o falecimento de Antônio. Esse argumento ignorava todo o papel da mulheres em Dias, até mesmo que existissem como sujeito político. O resultado desse discurso era, na prática, questionar aquela inversão dos

papéis de gênero. Afinal, a cena política havia estado vazia não porque não houvera ninguém para ocupá-la, mas porque não houvera um homem como Antônio ocupando-a.

Para encerrar a reunião, José Carlos discursou, dizendo que era preciso a união das pessoas de Dias para eleger um representante de Dias, para quem sabe, nas próximas eleições Dias oferecer um *candidato único* nas eleições. Queria que aquele momento fosse o início de algo maior, de uma politização em grande escala. As pessoas ali eram poucas, mas representativas, e para José Carlos, deveriam espalhar suas opiniões para formar outras opiniões. Em seguida, apresentou-me como um pesquisador que estava ali para escrever sobre Dias, contar um pouco da história do bairro, conhecer as pessoas e produzir um trabalho que seria muito útil para a comunidade. O meu trabalho ajudaria a "*descobrirmos quem nós somos*", afirmou. Isso tudo *sem nunca termos trocado mais que duas palavras*. Inevitavelmente, a pergunta que me ocorreu foi "será que ele vai se candidatar no futuro?". José Carlos queria dar a idéia de um futuro político que se iniciava naquele momento. Nesse caso, o fato de buscar eleger um candidato inexpressivo e controlável seria um bom começo. Afinal, se Bentão fosse realmente eleito, todos saberiam que seria devido a ajuda de José Carlos. De qualquer modo, a minha presença ali, naquele momento, serviu para legitimar as suas intenções políticas. Novamente, saliento que nunca tínhamos conversado, e que servi para legitimar o discurso político que ele estava construindo.

Durante a campanha eleitoral, Bentão teve uma grande projeção. Durante o comício de Paulo de Tarso em Dias, Bentão foi o candidato mais aplaudido, embora mal tenha falado duas frases no palanque. Em todas essas ocasiões, José Carlos manteve-se à distância, cuidando da campanha de Bentão "nos bastidores". A sua candidatura não envolveu nenhum tipo de confronto declarado com o quase-grupo de mulheres, como se viu com Willian. A campanha foi marcada pela normalidade e até discrição pública. Contudo, nas conversas de bar criticava-se abertamente a atitude das mulheres, não apoiando ninguém do bairro. Criou-se uma espécie de movimento pró-Bentão, principalmente entre os homens do distrito. Bentão foi eleito com

uma margem suficientemente alta de votos, alta o bastante para que ele não necessitasse de cerca de 70 votos anulados, porque alguns eleitores escreveram o apelido "Bentão" nas cédulas, ao invés do nome Benedito, ou do número de campanha.

A eleição de Bentão representou, sem dúvida, uma vitória política para José Carlos, articulador da campanha, responsável direto pela promoção de Bentão. Provavelmente, resultou também num "arranhão" à influência das mulheres, e por conseqüência à inversão dos papéis de gênero, e talvez a própria feminilização da esfera pública em Dias. Porém, a candidata apoiada pelas mulheres também foi eleita com grande margem de votos. Isso significa que o quase-grupo das mulheres também tem uma ligação direta com a câmara de vereadores, ao passo que José Carlos é quase o responsável por Bentão. Se as mulheres têm também como se representar na política institucional sem a necessidade de recorrer em algum momento ao candidato de José Carlos, podem manter a independência que vinham mantendo até então; e não nos esqueçamos do livre trânsito que têm com o candidato eleito, Paulo de Tarso.

Portanto, no plano da política formal, tanto as mulheres como José Carlos assumiram posições importantes. Mas o fato é que alguém mais, além delas, assumiu um papel político em Dias, e daquele momento em diante deveriam disputar a cena política com mais alguém. Sem dúvidas, ao contrário de Willian, José Carlos estabeleceu-se como uma oposição definitiva à influência das mulheres, mas até que ponto arranhou essa influência, ou reinverteu aquela inversão, é uma questão de tempo para avaliar, tempo que não tive na execução do trabalho de campo, e que portanto, me limita a levantar hipóteses especulativas.

Acompanhamos nesse capítulo o andamento da situação política em Dias, o desenvolvimento das situações narradas no capítulo quatro. Partindo da constatação que o cenário da vida política já estava dominado pelas mulheres, procurei demonstrar como surgiram algumas reações a essa dominação. Essas reações estão intimamente ligadas ao calendário da política institucional, quando os ânimos ficaram mais acirrados. Vimos que dois

tipos de oposição questionaram a inversão dos papéis de gênero, utilizando-se do grande capital simbólico que representa a memória de Antônio. Por um lado, Willian apropriou-se negativamente, criticando-a. Por outro, José Carlos tentou convencer as pessoas que a vida política do distrito havia estado vazia, desde a morte de Antônio. Ambos procuravam desafiar a influência do quase-grupo das mulheres, ou suplantando-as através do conflito, ou desprezando-as como atrizes na vida política. De qualquer forma, a extensão dessas oposições não pôde ser avaliada, já que apenas começam a se manifestar.

Encerro aqui esse último capítulo no momento exato em que terminou minha pesquisa de campo, no momento da própria eleição municipal de 1996. O quadro que venho montando, da história da vida política de Dias encerra-se assim, num possível momento de renovação dos atores políticos, que pôde ser, portanto, apenas anunciada. Resta-nos agora, nas considerações finais desse trabalho, resumir esse processo, os métodos e construções teóricas utilizados para descrevê-lo, apontando algumas das suas importância

CONCLUSÃO

Chegamos, então, à conclusão. Aqui farei uma pequena recapitulação dos principais argumentos do meu trabalho, procurando ressaltar algumas idéias e lembrar quais são as contribuições que podem trazer à antropologia da sociedade contemporânea.

O trabalho girou em torno de três pólos principais: 1) a história política de uma pequena localidade sul-mineira; 2) a análise da movimentação enquanto um dado fundamental para o entendimento desse processo social; 3) o desenvolvimento inicial de uma "adaptação teórica", a partir da obra de Sahlins, que permita estudos mais elaborados de localidades em situações semelhantes. Cada um desses "pólos", isoladamente, têm importâncias acentuadas para o conhecimento antropológico, como demonstrei e como retomarei em seguida. Porém, antecipando o principal, a qualidade dessa dissertação está na forma cuidadosa de interligação

dessas temáticas, constituindo um quadro vivo de processos que não podem ser entendidos isoladamente.

Tratarei separadamente de cada uma dessas temáticas, para depois interligá-las, demonstrando essa interdependência e esclarecendo a forma como tratei dessas questões ao longo do trabalho. Começando pela temática mais óbvia, a história política de Dias, vimos que os três capítulos finais se debruçam mais claramente sobre essas questões. A história da mudança de relações de poder essencialmente clientelistas - nos moldes já expostos por clássicos como Nunes Leal (1976) e Pereira Queirós (1975) - para uma relação não clientelista, mas ainda hierárquica, é de grande relevância para estudos de antropologia política. No capítulo três, demonstrei como Antônio fazia o papel de intermediador entre as elites estaduais e a localidade, num exemplo similar a vários outros, como os expostos por Lanna (1995), Lewin (1993), Feldman-Bianco (1981), por exemplo. Esse intermediação fazia de Antônio um coronel local, semelhante ao coronel "que era apenas um major", do trabalho de Feldman-Bianco (1981).

Ser coronel numa cidade pequena do sul de Minas não é novidade, os trabalhos sobre a região demonstram como alguém sempre fez a intermediação entre o local e as elites regionais (Piscitelli 1990; Moura 1978). Porém, não existem trabalhos que tratam sobre a transformação da relação clientelista em outra forma de poder na região, como procurei demonstrar. Estudei, nesse sentido, como a transformação política corresponde a uma transformação nas relações de gênero, alterando significativamente o cenário político local. Aproveitando-me das idéias de DaMatta (1978,1985,1986) sobre a relação entre público e privado na sociedade brasileira, procurei demonstrar, no capítulo quatro, através dos conceitos de casa e rua, como as mulheres que se constituíam num quase-grupo conseguiram reverter a hierarquia de gêneros estabelecida na antiga forma coronelista do poder. Essa transformação deu-se através da ação assistencial às mulheres da *gente pequena*. Demonstrei, dessa maneira, como em Dias a política tornou-se coisa de mulher, ao contrário daquele domínio uníssono de Antônio.

Essa mudança, por si mesma, é importante ser lembrada, pois constitui a confluência de duas temáticas habitualmente estudadas pela antropologia, a do local-level politics, e a de gênero; o meu exemplo clarifica um processo de mudança relativa a outros processos não locais, como o de emancipação da mulher na sociedade brasileira. Além disso, espero ter demonstrado que se essa mudança ocorreu, não significa uma "melhoria" geral para a população local, ao contrário, constitui-se como um projeto de dominação. Continuamos a falar de excluídos, já que a inversão de gênero não resultou em melhoria para todas mulheres, mas para o pequeno número que comanda todo esse movimento. Isso contraria algumas idéias sobre gênero (Doaré 1994) e reafirma outras (Heiborn 1993, Chartier 1995), demonstrando o valor que as idéias de Dumont (1985) oferecem a esses estudos.

A divisão básica entre público e privado é um dado fundamental para entender o processo acima descrito. No capitulo três, apontei para a relação entre o conceito de *casa* e a própria vila, constituindo um espaço comum, ainda que essa relação não seja fixa, mas melhor vista como níveis de relações entre *Casa* e *Rua*. É como se vários níveis se intercruzassem e a própria vila, o nivel "máximo" de esfera privada, correspondesse ao nivel mínimo do público, também a própria vila. A única diferença é estar ou não nela[62]. Ressalto, no entanto, que a experiência cotidiana é representada por uma divisão entre "dentro" e "fora", reconhecendo que quem está fora da *casa* Dias, está fora de *uma parte* do Distrito. Fora da parte física que constitui a vila, não do lugar ampliado, simbolicamente construído. O que foi mostrado é que as mulheres, por ocuparem esse espaço do "fora" de Dias, anteriormente um espaço essencialmente masculino, tornaram possível reverter a hierarquia de gênero.

É preciso lembrar que o recorte escolhido para a análise corresponde a um território geográfico, reconstruído através do lugar ampliado. As disputas pelo poder foram vistas no distrito, tomado como o *locus* de poder a ser analisado. Dessa forma, processos políticos municipais, por exemplo, não foram alvo de atenção quando não tinham relação direta com o

[62]Esses argumentos são fruto das férteis sugestões do professor Brandão, durante o exame de qualificação.

distrito. A análise concentrou-se na compressão política e econômica ao longo da história de Dias, concomitante ao aumento da movimentação "instantânea". A mudança do papel de mediador para Zé Fernandez não foi analisada, já que os objetivos estavam centrados no distrito de Dias. A dissertação procurou acompanhar a mudança do poder no distrito durante esse "achatamento" político em relação ao município.

Expliquei como as mulheres, por não se articularem como um movimento feminista, não questionam as relações na esfera privada e nem debatem diretamente o problema das relações de gênero. Mesmo assim, mudaram essa situação, incentivando a participação da mulher na esfera pública de Dias e, em certo sentido, feminilizando esse espaço. Chamei de feminilização desse espaço público a sua sucessiva relação com a ação desse quase-grupo feminino. Dessa forma, relacionam o gênero feminino à esfera pública, ligada, como já vimos, às relações de poder. A partir dessa constatação, entramos num outro "pólo" de análise do trabalho, exposto principalmente no primeiro capítulo e segundo capítulos: a movimentação. É ela quem possibilita a transformação do papel da mulher, permitindo sua circulação por um espaço público anteriormente masculino. Mas antes de interligar novamente essas questões, analisemos a movimentação em si.

A questão da movimentação foi levantada em vário trabalhos clássicos (Evans-Pritchard e a movimentação dos Nuer entre as estações do ano; Malinowski e o circuito do Kula, Leach e as mudanças dos Kachin entre Gunsa e Gumlao; Gluckman e as movimentações da população Zulu no sistema social; etc..). No entanto, foi tratada sempre como uma contingência de algum sistema social, nunca como uma qualificadora, em si, de sistemas sociais. Vincent (1987), no seu texto sobre os fluxos agrários, foi quem tratou da movimentação como um problema em si. Trouxe para a cena o termo "fluxo", propondo que estudássemos as próprias movimentações dos agentes através do território, visualizando novas configurações sociais que a análise meramente focada na localidade deixaria de ver. A partir de então, vários estudos se fizeram com a consciência da importância da movimentação. Uma

parte desses estudos trata de populações desterritorializadas internacionalmente, por processos migratórios, exílios, etc. Populações que reconstróem esses territórios em outros lugares (Malkii 1992; Gupta 1992; Ferguson 1992, Feldman-Bianco 1992, 1993, 1995, por exemplo). Esses trabalhos questionam a relação dada como natural entre território e identidade, a partir da consideração do fenômeno da movimentação. Nesse sentido, o meu trabalho acrescenta uma perspectiva "nacional" a essas análises, verificando, a partir de um lugar construído (Dias), como a movimentação das pessoas também constrói ou reconstrui lugares *fora* de Dias, transformando a vila num lugar maior do que ela mesma. Apresento assim, um exemplo de movimentação, de desterritorialização e reterritorialização dentro de um território nacional, qualificando os vários tipos de movimentação que se apresentam.

Defini a movimentação em dois diferentes níveis: o regional (mais ou menos duradoura) e o local ("instantânea"). O primeiro corresponde a um processo de migração interna, que levou grande parte das pessoas de municípios do sul de Minas para os grandes centros mais próximos, em busca de melhores empregos, salários e condições de vida. Significa deixar o município de origem, sem perder o elo de ligação, pois a proximidade dos lugares para os quais se migra e as facilidades dos meios de transporte, possibilita um contato intenso com a cidade de origem. Em vários casos, inclusive, os migrantes voltam para as cidades natais, após aposentarem-se. Assim, essa movimentação regional geralmente não tem um caráter definitivo. Obedece a movimentos da economia nacional, aumentando nos períodos de expansão da economia e retraindo em períodos de crise.

A outra movimentação, objeto desse trabalho, foi abreviada como "local", e não implica num abandono do local de moradia. Consiste em movimentar-se constantemente entre as cidades próximas para trabalhar, estudar, fazer compras, ir ao médico, divertir-se, etc. É uma movimentação rápida, fácil e constante, geralmente diária, ou no máximo semanal, que leva ao retorno à moradia de origem. Ou seja, uma movimentação característica de uma "comunidade-dormitório". O fato de Dias ter-se transformado numa "comunidade-dormitório"

levou a novas relações políticas e formas de exercer o poder. Entretanto, as conseqüentes mudanças na atuação política dos novos personagens é melhor entendida através da forma que propus, ao invés de uma análise basicamente econômica. Na verdade, a história política local e a movimentação têm uma relação indissolúvel. Afinal, pós a morte de Antônio, é essa movimentação que define os atores políticos locais.

Portanto, é na própria relação entre dois "pólos" da explicação nesse trabalho que se encontra a idéia fundamental do desenvolvimento subseqüente, através do qual construi a argumentação dos capítulos quatro e cinco: o fato da movimentação possibilitar e justificar a construção de uma elite local, detentora de um capital cultural fundamental. Vimos, ainda no primeiro capítulo, como criou-se um discurso de exclusão, no qual se valoriza a movimentação. Nesse discurso aparecem a idéia nativa de "*vivência*" (que se refere ao um mundo exterior à vila), ligada a palavra "*cabeça aberta*" (pessoas quem saem de Dias, vistas como mais inteligentes, mais sagazes, com mais condições de enfrentar o mundo). Constrói-se também uma discriminação contra quem não saiu de Dias, pejorativamente qualificados de "*gente pequena*", ignorantes, fechados as mudanças, preconceituosos, etc.. Nos capítulos 3, 4 e 5, vimos que esse discurso de exclusão leva a um "rankeamento" das pessoas mais ou menos aptas a ocupar o espaço político deixado por Antônio, em função da própria movimentação, esse processo tão valorizado. A movimentação confere às pessoas o capital cultural, definido como a *vivência*, legitimador das relações de dominação. Vale aqui repetir uma frase do primeiro capítulo, no que passo pela estranha sensação de me citar: "*Com esses termos se constrói, por parte dos que saíram ou saem constantemente de Dias, um discurso valorizando essa movimentação como algo estruturalmente diferenciador dos moradores, elaborando limites entre dois grupos separados entre as "trevas" (não movimentação, ignorância, falta de estudo, trabalho manual) e as "luzes" (quem conhece outros lugares, é esclarecido, cabeça aberta, não preconceituoso, etc.*)"(pág.20)[63].

[63] É preciso lembrar que "*se essa 'elite' tem uma vantagem econômica sobre os demais, ela é bem menos acentuada do que pensamos quando falamos em 'elite'; as vezes ela nem se concretiza de fato e o discurso da*

Essa valorização da movimentação foi analisada no terceiro capítulo, sob a luz das construções teóricas propostas nesse trabalho, como veremos adiante. Mas adianto que o momento inicial de confluência dos três vértices da dissertação é justamente esse, pois a história da valorização da movimentação como um qualificador das disputas políticas (relacionando movimentação e história política) só pôde ser entendida através da construção teórica do princípio estrutural localizado.

Mas, voltando à movimentação, demonstrei a pluralidade apresentada pela palavra movimentação (ou migração) quando estudada detalhadamente. Não existe, de fato, um "migrar" predeterminado, há uma vastidão de "sair de": sai-se de Dias para comprar no supermercado, para tomar cerveja na cidade vizinha, para levar alguém ao médico, para uma festa num bairro vizinho, para a escola, para "ver o movimento", para passar o dia trabalhando em outra cidade próxima, para passar a semana trabalhando nessas cidades, para trabalhar durante meses, para morar em outras cidades (visitando Dias nos feriados), volta-se depois de aposentado, etc.. Esse grande leque de movimentações é muito mais rico que uma simples "movimentação", pois os motivos que levam a ela são vários e infinitos. Embora a influência de ciclos econômicos seja importante, a natureza dessa movimentação é também cultural, pois formou-se a partir de um modo de vida específico, como demonstrei ao longo do trabalho. Infelizmente, não foi possível analisar as explicações particulares para as movimentações, apenas analisá-la como um dado concreto, pêndulo das disputas políticas. É preciso ressaltar que as pessoas movem-se por motivos particulares, interessantíssimos: desde o fato de livrar-se da influência paterna aterrorizante, correr atrás de uma namorada perdida, buscar uma vida mais 'alucinógena' até a busca de um emprego qualquer que melhore a condição de vida da família. Toda essa constelação riquíssima foi, ao mesmo tempo, indicada e subsumida no termo movimentação[64].

---

movimentação é usado para criar uma diferença e delimitar diferenças 'culturais' onde não existem muitas distinções econômicas."(pág.21).

[64] Aqui também faço uso de sugestões do professor Brandão.

Por outro lado, para entender esses dois processos, encontrei referências teóricas que não me satisfaziam por completo. Seria preciso, logo percebi, criar algo que me permitisse trabalhar com a realidade local dentro de um contexto nacional, uma qualificação das especificidades locais, se elas existissem. Em suma, era preciso ver esse quadro exposto acima sob um ângulo diferente. Minha "criação" resumiu-se a concentrar-me na obra de Sahlins, reconstruindo, a partir de suas idéias, instrumentos teóricos para iluminar aquela situação que me parecia muito confusa.

Vamos fazer um pequeno resumo dessa "bricolage": trabalhei com o conceito de cultura de Sahlins, que vimos não ser diferente da definição de estrutura. Afinal, as sociedades que estudou eram marcadas pela coincidência entre uma única estrutura e a própria cultura. No caso de um distrito de um município, dentro de um Estado-Nação, são muitas as possíveis "estruturas" influenciando a vida local: foi necessário operar uma diferenciação em níveis diferentes. A definição de cultura como "*a organização da experiência e da ação humana por meio simbólicos*", ou ainda, "*ordenação (e desordenação) do mundo em termos simbólicos*" (Sahlins 1997:41), foi delegada, na minha explicação, à definição de cultura brasileira, que assumi como existente, sem poder debruçar-me sobre essa questão na devida forma. À essa noção de cultura, acrescentei a perspectiva comum de vários autores, bem resumidas por Fox (1989), segundo a qual, poder e política são constitutivas da cultura.

Porém, a partir dos dados da cultura (na acepção de Sahlins, exposta acima) brasileira, era preciso dar conta da enorme diversidade nacional. Entender a especificidade local como um fenômeno próprio, uma leitura local da realidade, uma construção simbólica particular. Para tanto, elaborei o conceito de princípio estrutural, modificando o conceito de estrutura de Sahlins. Esse princípio organiza, no nível local, estruturas específicas e diferentes seguindo o mesmo código de ordenação cultural geral. Temos assim, no nível local, dois códigos de ordenação: um mais amplo, cultural e outro mais restrito, o princípio estrutural. O segundo trabalha de acordo com o código do primeiro, estabelecendo diferenças no nível local. Ressalto

que esse conceito de princípio estrutural localizado e as definições de estrutura e cultura de Sahlins, devidamente retocadas, podem ser usadas em conjunto apenas através da historicização do princípio estrutural. O princípio estrutural localizado é a própria especificidade local, a cor peculiar de Dias, construída historicamente num momento de mudança. É um código de ordenação que faz sentido dentro daquele lugar. Organizado em torno da intensa movimentação, é a construção simbólica de um lugar ampliado, por onde devem passar os moradores de Dias. Uma vez expostos rapidamente essas características, fica impossível não relacioná-las, como fiz ao longo da dissertação. Passo, dessa maneira, a demonstrar como todos esses dados estão intimamente ligados, e como minha construção teórica "alternativa" permitiu-me entendê-los.

A movimentação, enquanto se desenvolve, desenvolve também um modo "ideal" de vida que é construído através do tempo. Esse modo de vida pode ser atingido em maior ou menor grau, segundo os ritmos específicos de vida de cada um (podem mesmo não ser cumpridos de forma alguma, o que implica num isolamento da vida política do lugar). Quanto mais próximos desse padrão ideal de vida, mais capital cultural adquirem as pessoas dentro desse contexto. Esse "modelo ideal" de vida é uma conclusão minha, possibilitada pela análise teórica que propus: entendendo a movimentação como o desenvolvimento de um princípio estrutural localizado, que redefine o universo simbólico local, foi possível entender sua importância. A movimentação qualifica e hierarquiza pessoas em Dias, pois quanto maior a movimentação, mais perto do modelo ideal se está, mais *vivência*, mais capital cultural. Porém, alcançar esse modelo é impossível, pois implica em deixar definitivamente a vila. Essa movimentação cria uma 'lugar ampliado' simbolicamente construído, que é a extensão da vila correspondente aos trajetos executados pelos seus moradores durante essa movimentação.

Em torno desse 'lugar ampliado' estabelecem-se modos de vida e visões de mundo compartilhadas mesmo entre os "dominados", justificando diferenças sociais entre os *cabeça-aberta* e a *gente pequena*. Vemos, assim, como se articularam os três vértices da análise, pois a

movimentação requalifica a vida local, quando vista sob a luz do princípio estrutural localizado, sendo o centro do universo simbólico, construído ao longo do tempo e em torno da noção de *vivência*, como demonstrei nos capítulos finais. Esse universo simbólico é fundamental para entendermos qualquer situação em Dias, pois é a matriz de um modo de vida diense. Assim, uma interpretação teórica a partir desses pressupostos fez-me ver a movimentação como um princípio estrutural, como o criador de uma 'organização simbólica do mundo', porém específica e única, como uma 'guinada' cultural em certo sentido. Assim, se a movimentação é vista como um dado fundamental para entender a vida local, não é de se espantar que a história política tenha sido pautada por esse universo simbólico.

A história política local pôde ser vista através do entendimento do valor da movimentação para qualquer aspecto da vida local, através da explicação desse último como um princípio estrutural localizado. Vimos acima que é fundamental, para compreender a vida política em Dias, considerar a divisão entre casa e rua (nas palavras de DaMatta) correspondente à divisão *nativa* entre "dentro" e "fora" de Dias: uma divisão entre movimentação e não-movimentação. Demonstrei que o jogo político passou a ser jogado no espaço da movimentação, no "fora" de Dias, na esfera pública, o que portanto é uma conseqüência da construção da movimentação como um universo simbólico fundamental (vista assim através do conceito de princípio estrutural localizado). Vimos ainda, que Antônio não tinha necessidade de justificar seu poder através dessa movimentação, embora fosse ele próprio um exemplo antecipado do modelo ideal de cidadão que passou a ser regra no futuro. Sua relação com o poder passava por uma apropriação do poder público num circuito privado; o poder era exercido dentro de um jogo clientelista privado, como acontece em vários exemplos (cf. Nunes Leal 1976).

A grande ruptura da história política local deve-se ao fato da movimentação (entendida como um princípio estrutural) ter-se desenvolvido gradualmente e consolidado-se como o determinante da vida política após a morte de Antônio. A *vivência* acentuou-se principalmente

na década de oitenta, juntamente com a transformação das características econômicas do distrito, que de produtor de café passou a ser uma "comunidade-dormitório". É bom lembrar que a transformação econômica do distrito têm uma grande influência nesse processo, uma vez que o distrito realmente faliu com aquela fatídica geada, que já virou uma narrativa mítica. Com a falência, a necessidade de "movimentar-se" foi acentuada, embora não me interesse reificar uma necessidade cultural, é fundamental ressaltar que a vida econômica é também fundamental na vida desses pessoas, fazendo parte desse universo simbólico gradualmente construído em Dias.

No capítulo quatro, vimos como esses vértices do trabalho entrelaçam-se, ao demonstrar que essa movimentação pelo lugar ampliado, correspondente à própria esfera pública, passou a ser fundamental. Nesse contexto, as mulheres também começaram a circular por esse lugar ampliado, enquanto antes ocupavam apenas um espaço privado, o espaço da casa. Com essa projeção das mulheres na vida pública, possibilitada pela movimentação, assistimos a um processo de feminilização da esfera pública e vimos o poder local sendo tomado por um quase-grupo de mulheres atuantes; possibilitado por uma inversão na hierarquia dos papéis de gênero. Vimos ademais, como isso resultou num projeto de dominação das mulheres que estavam no centro dessa rede social parcial.

Assim podemos entender melhor o que no início dessa conclusão chamei de inversão hierárquica e feminilização do espaço público. Apenas ao qualificar a movimentação como um princípio estrutural localizado e enxergá-la como construtora de um universo simbólico, é que pude entender o novo papel das mulheres, responsáveis pelas mudanças no cenário político. Por fim, no último capítulo, indiquei a tentativa de reinversão dessa hierarquia, efetivada por principalmente dois homens, que partem do capital simbólico deixado pela figura de Antônio, ignorando o papel da mulheres. Um deles tentou apropriar-se negativamente da memória de Antônio, contestando-a e o outro, tenta transferir para si um pouco daquela influência (com a ótima vantagem de ser filho de Antônio). Vimos também que a reconquista de um lugar

perdido, pelos homens, dá-se num outro patamar: o da movimentação pelo lugar ampliado, não podendo ser vista como uma simples volta ao antigo clientelismo. O quê se explora é a situação da relação de gênero, numa tentativa de reinverter essa hierarquia, utilizando-se da imagem de Antônio. Mas esse jogo político dá-se dentro das mesmas linhas do princípio estrutural localizado: os novos personagens também são aproximações daquele modelo ideal, e sua situação política é justificada por essa posição. Infelizmente, esse capítulo foi menos conclusivo, pois os fatos a se analisar ainda desenvolvem-se, e não pude acompanhá-los, em campo, como deveria, limitando-me a apontar um movimento de "resistência" àquela situação "feminina".

Espero ter demonstrado como se deu o entrelaçamento dos objetivos desse trabalho, pensado como uma história da vida política local, um estudo sobre os fluxos e movimentos e uma experiência teórica. Para finalizar essa conclusão, em contraste com a sua introdução, na qual destaco as qualidades da dissertação, alerto para algumas deficiências para as quais estou atento, e sobre as quais não tive o tempo necessário de reflexão. Justifico-me, de antemão, alegando que o caráter do trabalho levou-me a lidar com várias bibliografias diferenciadas, dentro do novo prazo fixado pelo programa de pós-graduação. Conseqüentemente, não pude aprofundar-me o quanto desejava na leitura, terminando cada capítulo com a terrível impressão de ter deixado de lado muito do que era fundamental. Algumas temáticas tiveram que ser tomadas como "dadas", quando, na verdade, exigiam uma discussão muito cuidadosa.

O leitor, atento como é, certamente notou a forma "solta" como tratei a noção de poder e a relação entre público e privado, principalmente. A minha única desculpa para ter ido "direto ao ponto", sem passar mais detidamente por essas temáticas, é a detestável compressão do tempo/espaço institucional a qual estive submetido, como todos os demais colegas de pós-graduação. Talvez esse seja um dos dados que expliquem o que o professor Brandão, mais uma vez, chamou de "caráter" da nova geração de antropólogos que surge no horizonte acadêmico: o fato de "esquecer" um trecho normal na execução dos trabalhos acadêmicos (o

debate com a bibliografia "mais próxima", mais diretamente relacionada ao trabalho) e saltar para discussões mais abrangentes com os "clássicos". Esse é o trabalho possível dentro desse novo quadro institucional, e nele procurei ser mais criativo, enquanto tentei ser sistemático na medida do possível, julgando que dessa forma poderia trazer contribuições e talvez algum debate à antropologia no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, J. C. O Novo Movimento Teórico, in *RBSC*, n°4 v.2 jun/87

ALMEIDA, Mauro W. B.. Redescobrindo a Família Rural. In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n° 1, vol. 1, 1986.

ANTUNIASSI, M. H. R. Pequena Propriedade na Agricultura do Estado de São Paulo: Camponeses ou Empresa Capitalista. In *Cadernos Ceru*, São Paulo, n°2-2ªsérie, 1986.

_____ Família Camponesa na Bibliografia Sócio-Antropológica Sobre o Meio Rural: Padrões Culturais e Obtenção dos Meios de Vida. In *Cadernos Ceru*, n° 5, série 2, 1994.

ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da Mineiridade*, São Paulo: Brasiliense, 1990

ATA de reuniões do Comitê Comunitário. Estação Dias, 1973/1996. 50 x 2p.

AZERÊDO, Sandra. Teorizando sobre gênero e Relações sociais. In *Estudos Feministas*, ano 2,2° sem. 1994.

BARNES, J. A.. Redes sociais e processo político. In FELDMAN-BIANCO, Bela (org). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987.159-195p

BOURDIEU, Pierre. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge:Cambridge University Press; 1977

_____. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato. *Pierre Boudieu*. São Paulo: Ática, 1983. 191p.

_____ *O poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989. 298 pág..

BRANDÃO, Carlos R. Parentes e Parceiros, In ARANTES A.A.(et Al.). *Colcha de Retalhos*. 2ªed, Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990. 150p.

CAMMACK, Paul. - Clientelism and Military Government in Brazil, In CLAPHAN, Christopher (ed.). *Private Patronage and Public Power*. New York: St. Martin's Press.1982.

CÂNDIDO, A.*Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982.

CANIELLO, Márcio - Patronagem e Rivalidade, In *RBCS*, nº14, outubro de 1990.

CARONE, Edgard. *A República Velha I: (Instituições e Classes Sociais)*. 4 ed., São Paulo: Difel, 1978.

CARSON, Alejandro C. Entrelaçando Conceitos: reflexões sobre a dimensão social da identidade de gênero da mulher. In *Cadernos Pagu* (4) 1995.

CASTRO SANTOS, Luiz A. de. Trabalho rural e Família no Brasil. In *Novos Estudos Cebrap*, vol.1, nº3, Jul. 1982.

CINTRA, Antônio Otávio. Tradicional Brazilian Politcs: An Interpretation of Relations Between Center and Periphery. In AGUIAE, Neuma (ed.). *The structure of Brazilian Development*. New Brunswick: Transaction Books. 1979.

CINTRA, Euclides Pereira. *Do litoral a Vargem Grande: Brasópolis, aspectos históricos gerais*. Belo Horizonte: Mazza Edições. 1995. 350p.

CHARTIER, Roger. Diferenças Entre os Sexos e Dominação Simbólica. In *Cadernos Pagu* (4) 1995.

COHEN, Yolande. História Oral: Uma Metodologia, Um Modo de Pensar, Um Modo de Transformar as Ciências Sociais? In *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo.1993.

CORRÊA, Mariza. Mulher & política: um debate sobre a literatura recente. In *BIB*, RJ, nº 18, 2º sem.1984.

_____ A Natureza Imaginária do Gênero na História da Antropologia. In *Cadernos Pagu* (5), 1995.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Zahar,1978.

_____ *A Casa e a Rua*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____ *Explorações: Ensaios de Sociologia Interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. 147p.

DINIZ, Clélio Campolina. O Paradoxo Mineiro: Fortalecimento Econômico e Enfraquecimento Político. In *III Seminário de Economia Mineira*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/Face/UFMG, 1986.

DOARÉ, Hélène le. Do Poder Político e poiético esquema de um raciocínio. In *Estudos*

feministas. Ano2, 2° semestre 1994.

DOIMO, Ana Maria. *Movimento Social Urbano, Igreja e Participação Popular*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.

DOIMO, Ana Maria & Doxsey, Jaime & Neto, Roberto. Os Novos Movimentos Sociais - Teoria e Prática. In: *Ciências Sociais Hoje*, 1986.

DOUGLAS, Mary. *Evans-Pritchard*. Londres: Fontana, 1980. 130p.

DULCI, Soares Otavio - As Elites Mineiras e a Concialiação: a Mineiridade como Ideologia. In *Ciências Sociais Hoje*, São Paulo.Cortez Editora,1984.

DUMONT, L. Prefácio. In EVANS-PRITCHARD. *Les Nuer*. Paris: Gallimard,1968

_____. *O Individualismo - uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de janeiro: Rocco, 1985

DURHAM, Eunice R. *A Caminho da Cidade: a Vida Rural e a Migração para São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DURHAM, Eunice Ribeiro. Movimentos Sociais, a Construção da Cidadania. In: *Novos Estudos Cebrap*, n°10, outubro de 1984.

DURKHEIM, E. & MAUSS, M. - Algumas Formas Primitivas de Classificação: Contribuição para o Estudo das Representações Coletivas. In *Ensaios de Sociologia*, São Paulo: Perspectiva, 1981.

DURKHEIM, M. *As Formas Elementares da Vida Religiosa: o Sistema Totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulinas, 1989. 534p.

EMATER. *Relatório Emater sobre as condições geográficas e socio-econômicas de Brasópolis*. Brasópolis, 1983.

EVANS-PRITCHARD, E. E.. Religion. In EVANS-PRITCHARD et alli. *The Institutions of Primitive Society*. Oxford: Basil Blackwell,1967

_____*Nuer Religion*. Londres: Oxford At the Clarendon Press, 1970.

_____ O Campo da Antropologia. In ZALUAR, Alba (org) *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

_____ *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva,1978.

_____ *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978b.

FAORO, Raymundo *Os Donos do Poder: Formação do Patronato Brasileiro*. 9° ed.. São Paulo, 1993.

FELDMAN-BIANCO, Bela *The Petty Supporters of a Stratified Order: The Economic Entrepreneurs of Matriz, São Paulo, Brazil (1887-1974)*. Nova York: Columbia University, 1981. (Tese, Phd em Antropologia)

_____ A Saudade Portuguesa na América: Artefatos Visuais, Histórias Orais e a Tradução de Culturas, in *Horizontes Antropológicos*, volume temático sôbre Antropologia Visual, publicação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, Porto Alegre, Ano 1, no.2, 1995a, pp.59-68

_____A (Re)construção da Nação Portuguesa e a Transnacionalização de Famílias, *Cadernos CERU*, Centro de Estudos Rurais e Urbanos, USP, Série 2, vol.6, 1995b, pp. 89-104

_____ Entre a Saudade da Terra e a América: Memória Cultural, Trajetórias de Vida e (Re)construções de Identidade Feminina na Intersecção de culturas (em co-autoria com D. Huse) in *Ler História*, n.27/28 ISCTE, Lisboa, 1995c, pp. 45-73.

FELDMAN-BIANCO, Bela & Huse, Donna. Entre a Saudade da Terra e a América: Memória Cultural, Trajetórias de vida e (Re)construções de Identidade Feminina na Intersecção de culturas, Mimeo, 1993.

FERREIRA, J. P. (org. & plan.). *Enciclopédia dos municípios brasileiros*.Rio de Janeiro: IBGE. 1957.

FORTES, Meyer. Ciclo de Desenvolvimento do Grupo Doméstico. Brasília: UNB, Textos de Aula, Antropologia 6. (s. d.)

FOX, Richard. Introduction. In FOX, Richard (Ed). *Nationalist Ideologies and the Production of National Cultures*. American Ethnological Society Monograf Series, n°2; 1990.

GARCIA Jr, A. R. & Heredia, B. A. Trabalho Familiar e Campesinato. In *América Latina*, jan./jun., 1971.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

_____ *Works and Lives*. Stanford: Stanford University press, 1988. cap 2: Slide-Show: Evans-Pritchard´s African Transparencies

GIDDENS, Anthony. *As Idéias de Durkheim*. São Paulo: Cultrix, 1978.

_____ *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

GLUCKMANN, M.. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In FELDMAN-BIANCO, Bela (org). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987227-345p

GOHN, Maria da Glória. *História dos Movimentos e Lutas Sociais: A construção da cidadania dos brasileiros*. São Paulo: Ed. Loyola, 1995.

GUPTA, Akhil. The Song of the Nonaligned World: Transnational Identities and the Reinscription of Space in Late Capitalism. In *Cultural Anthopology*, Vol 7, N°1, Fev 1992.

GUPTA, Akhil & FERGUSON, James. Beyond 'Culture': Space, Identity, and Politics os Difference. In *Cultural Anthopology*, Vol 7, N°1, Fev 1992.

HAGOPIAN Frances. *The Politics of Oligarchy: the Persistence of Tradicional Elites in Contemporary Brazil* . Massachusetts Institute of Technology, 1986 (tese, Phd em ciências politicas)

HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna*. São paulo: Edições Loyola, 1994.

HEIBORN, Maria Luiza. Gênero e Hierarquia: A costela de Adão revisitada. *Estudos feministas*. vol 1, n°1,1°sem 1993.

HOBSBAWN, Eric.Introdução. In HOBSBAWN & Ranger (Org.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JACOBI, Pedro & Nunes, Edison. Movimentos Populares Urbanos, Participação e Democracia. In: *Ciências Sociais Hoje*. 1983.

KOFES, Suely. Categorias analítica e empírica: Gênero e Mulher: Disjunções, conjunções e mediações. In Cadernos Pagu n°1, 1993.

LANNA, Marcos. *A dívida divina: troca e compadrio no nordeste brasileiro*. Capinas: ed. Unicamp,1995.

LEACH, Edmund. *Political Systems of Higland Burma*. Londres: Beacon Press, 1954.

LENHARO, Alcir. *As Tropas da Moderação*. São Paulo: Símbolo, 1979.

LEMOS, Mauro Borges & NABUCO, Maria Regina. A Rota do Capital Agrícola em M.G. na Década de Oitenta. In *III Seminário de Economia Mineira*. Op. cit.

LUKES, S.. *Emile Durkheim*. Harmondswort: Penquin Books,1973.

MACHADO, Igor José de Rennó. Os Cronistas e a Reconstrução da Identidade Portuguesa num Contexto Transnacional. In: 2º Congresso Interno de Iniciação Científica, Universidade Estadual de Campinas, 28/11 a 2/12 de 1994.

_____ Estratégias e Imaginário na Família Rennó. In 47ª Reunião Anual da SBPC, Universidade Federal do Maranhão. 09 a 14 de julho 1995.

_____ *Imagens de Trabalho: Imaginário e Estratégias na Família Rennó.* Campinas: Unicamp, 1995. (Monografia, graduação em ciências sociais).

_____ Gênero e Antecipação de Herança: Resignificação de diferenças. In XX Reunião Brasileira de Antropologia (ABA), Universidade Federal da Bahia, 14 a 18 de Abril de 1996.

_____ Sahlins e História Oral na Sociedade Contemporânea, In III Encontro Nacional de História Oral - Universidade Estadual de Campinas, 02 a 04 de maio de 1996.

MAGNANI, Guilherme. Lazer: uma prática urbana na construção do espaço. Seminário Espaço e Poder nas Grandes Metrópolis. Campinas: Unicampo, 1996.

MALINOWSKY, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental.* São Paulo: Abril cultural, 1984.

MALKI, Liisa. National Geographic: the Rooting of Peoples and the Territorialization of National Identity Among Scholars and Refugies. In *Cultural Anthopology*, Vol 7, N°1, Fev 1992.

MAYER, Adrian. A Importância dos "Quase-grupos" no Estudo das Sociedades Complexas. In FELDMAN-BIANCO, Bela (org). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas.* São Paulo: Global, 1987.

MELATTI, J. C.. Introdução. In

MELATTI, J. C.(org). *Radcliffe-Brown.* São Paulo:Ática, 1978.

MIRANDA, Glaura & Filgueiras, Cristina & Cóser, Silvana. Movimentos de Mulheres. In: POMPERMAYER, Malori. *Movimentos sociais em Minas Gerais.* Belo Horizonte: UFMG, 1987.

MOURA, M.M. *Os Herdeiros da Terra: Parentesco e Herança Numa Área Rural.* São paulo: Hucitec, 1978.

_____ *Os Camponeses.* São Paulo: Editora Ática, 1986.

MURILO de CARVALHO, José. Barbacena, a Família, a Política, e uma Hipótese". *Revista Brasileira de Estudos Políticos.* 20 (janeiro). 1966.

MURILO de CARVALHO, José.Estudos de Poder Local no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. 25\26 (julho\janeiro).1968\69.

NUNES LEAL, V.. *Coronelismo, Enxada e Voto*. São Paulo: Alfa e Ômega,1976.

O'DONNELL, Guillermo. *Modernization and Bureaucractic-Authoritarianism*. Berkeley: Institute of International Studies, University of California, 1973.(tese, Phd em ciências políticas)

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *Sobre o Pensamento Antropológico*. Rio de Janeiro/Brasília: Tempo Brasileiro/CNPq; 1988.

PAIVA, José Maria. Comunidades eclesiais de Base. In: POMPERMAYER, Malori. *Movimentos sociais em Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG, 1987.

PAIVA, Paulo. Introdução. In *III Seminário de Economia Mineira*. Op. cit..

PEREIRA QUEIRÓZ, M. I. O coronelismo numa interpretação sociológica. In Fausto, B. (org.). *História geral da civilização brasileira*. vol. III, São Paulo: Difel, 1975.

PISCITELLI, Adriana Gracia. *Amor, Paixão e Casamento: Escolha de Cônjuge em Famílias de Camadas médias e Altas do Sul de Minas Gerais*.. Campinas: Unicamp, 1990 (Dissertação, Mestrado em antropologia social).

PONTES, H. Durkheim: Uma Análise dos Fundamentos Simbólicos da Vida Social e dos Fundamentos Sociais do Simbolismo. In *Cadernos de Campo*, n°3, 1993.

RADCLIFFE-BROWN. O Método Comparativo em Antropologia social. In MELLATI (org). op. cit

_____ *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*. Petrópolis: Vozes, 1973.

REIS, E. P.. *The Agrarian Roots of Authoritarian Modernization in Brazil, 1880-1930*. Massachusetts Institute of Technology. (Ph.D. em Political Science).

_____ *The Nation-State as ideology: the brasilian case*. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1983. 28p (mimeogr.)

_____ Reflexões sobre o Homo Sociologicus, in *RBCS*, n°11, v.4, outubro de 1989.

SADER, Emir. *Quando Novos Personagens Entram em Cena - experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo (1970/80)*. São Paulo: USP, 1987. (Tese, Doutorado em ciências políticas) 1987.

SAHLINS, Marshal. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

_____ Cosmologias do Capitalismo: O Setor Trans-Pacífico do 'Sistema Mundial'. In Anais da ABA, XVI Reunião Brasileira de Antropologia, 1988.

_____ *Ilhas de História.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

_____ O 'pessimismo sentimental' e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um 'objeto' em via de extinção (parte I). *Mana,* Rio de Janeiro, 3(1), p 41-73, 1997.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela Mão de Alice, O social e o político na pós-modernidade.* Porto: Ed. Afrontamento, 1994.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de Movimentos Sociais.* São Paulo: Ed. Loyola,1993.

SCOTT, J. W.. *Gender and the politics of history.* New York: Columbia University Press, 1988.

SENNET, Richard.*O Declínio do Homem Público.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Helenice C. C.; SILVA, Léa Melo; PINHEIRO, Sílvia M. Gama. O Impacto Demográfico no Mercado Regional de Trabalho. In *III Seminário de Economia Mineira.* Op. cit..

SILVERMAN, Sydel. *Patronage and Community-Nation Relationships in Central Italy" in S. W. Smith, Friends, Followers and Factions.* Berkeley: University of California Press, 1977.

_____ Patronage and Comunity-Nation Relationships in Central Italy. In *Ethnology.* 4, 1977b.

SIMÕES, Júlio Assis. *O Dilema da Participação Popular.* São Paulo:Anpocs/Marco Zero, 1992.

SINGER, Paul. Migrações Internas: Considerações Teóricas Sobre Seu Estudo, in *Migrações Internas e Desnvolvimento.* Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1973.

_____ *Desenvolvimento Econômico E Evolução Urbana.* São Paulo: Nacional, 1977.

SHANIN, Teodor. A definição de camponês: conceituações e desconceituações-- o velho e o novo em uma discussão marxista. In *Estudos Cebrap,* nº 26, 1980

STOLL, Sandra J.. *Púlpito e Palanque: Religião e Política nas Eleições de 1982 num Município da Grande São Paulo.* Campinas: Unicamp,1986. (Tese, Mestrado em ciências sociais)

STRATHERN, M. *The gender of the gift.* Berkeley: University of California Press, 1988.

THOMPSON, Paul. A Transmissão Cultural Entre Gerações Dentro Das Famílias: Uma Abordagem Centrada em Histórias de Vida. In Ciências Sociais Hoje, op. cit., 1993.

VINCENT, Joan. Political Anthropology. In *Annual Review of Anthropology*. pp 175/194. 1978.

_____ System and Process, 1974-1985. In *Annual Review of Anthropology*. 15: 99-119; 1986.

_____ A Sociedade Agrária Como Fluxo Organizado: Processos de Desenvolvimento Passados e Presentes, In FELDMAN-BIANCO. *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987.

WIRTH, John D. *O Fiel da Balança: Minas Gerais na Federação Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

WOLF, Eric. Aspects of Group Relations in a Complex Society: Mexico. *American Anthropologist*, 58, dez. 1956.

WOORTMANN, Ellen. O sítio Camponês, in *Anuário Antropológico/81*. Fortaleza/Rio de Janeiro, UFC/TB, 1983.

_____ Da Complementeridade à dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades 'pesqueiras' do nordeste. In *RBCS*. nº 8, fevereiro de 1992.

_____. *Herdeiros, Parentes e Compadres*. São Paulo-Brasília: Hucitec/Edunb, 1995.

WOORTMANN, Klaas. Grupo Doméstico e Parentesco num Vale da Amazônia. In *Revista do Museu Paulista Nova Série*. XVIII, 1967.

_____ Casa e Família Operária. In *Anuário Antropológico/80*, Op. cit., 1982..

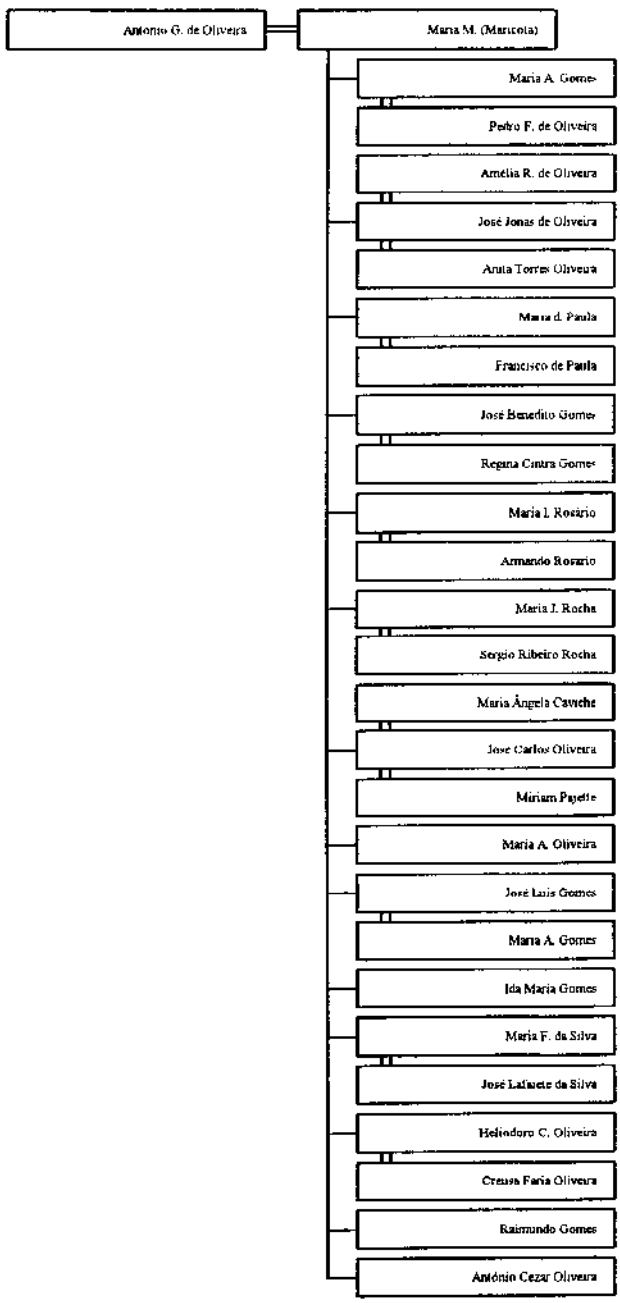
_____ A Família Trabalhadora. In *Ciências Sociais Hoje*, 1984.

_____ A Comida, a Família e a Construção do Gênero Feminino. In *Trabalhos de Ciências Sociais*, Série Antropologia nº 50, Brasília-DF, 1985.

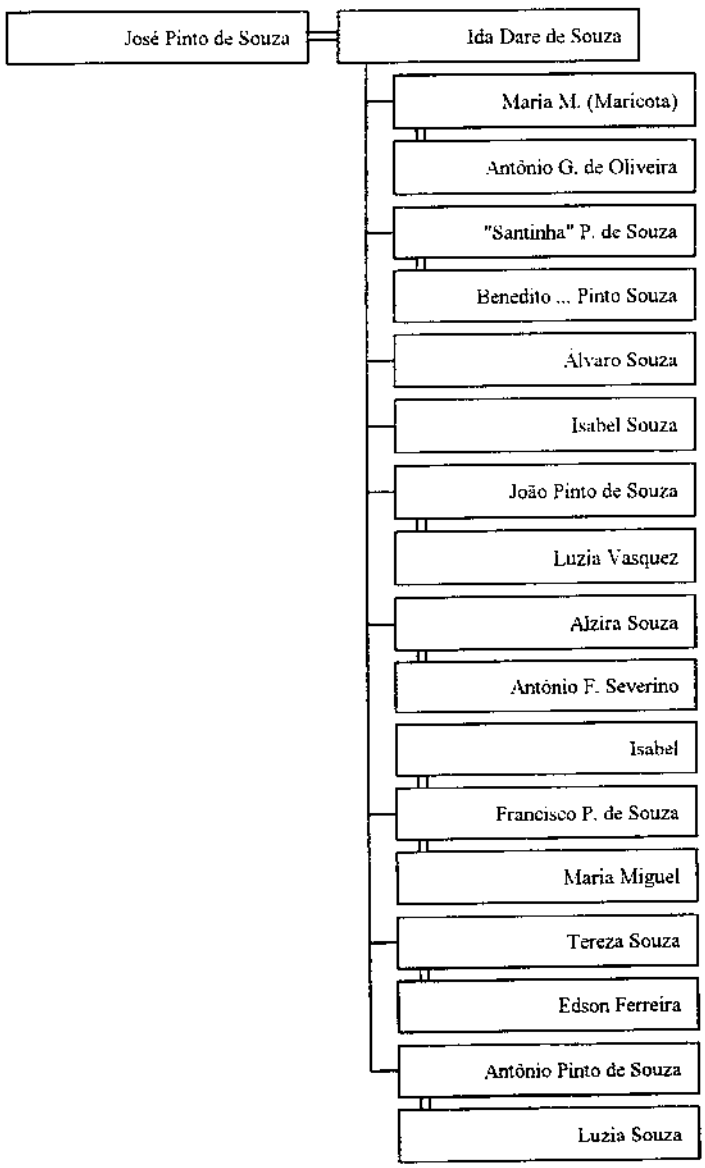
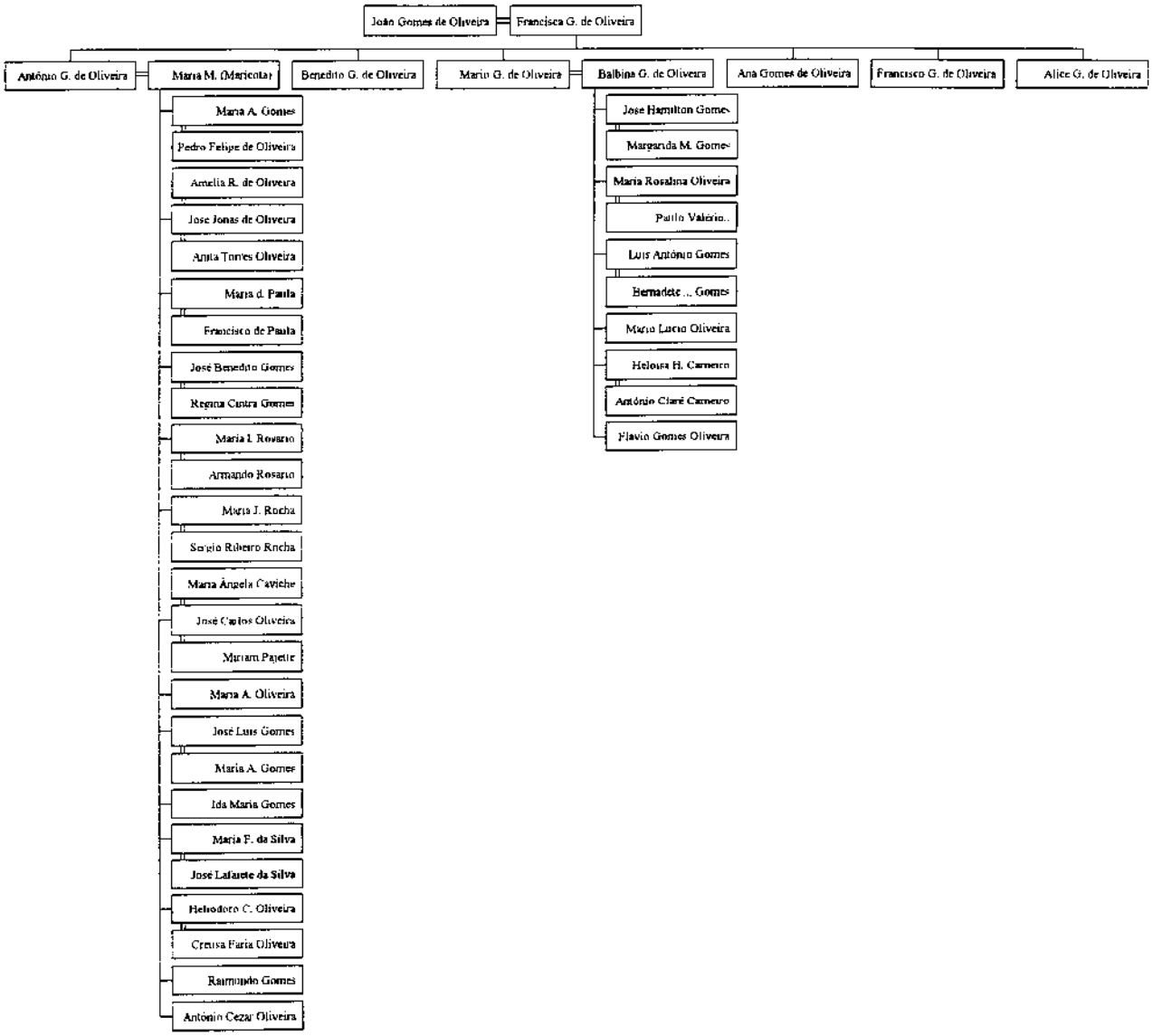
ANEXO

Genealogias da família de Antônio Gomes de Oliveira.

filhos de Antônio



irmãos de D. Maricota



família Gomes de Oliveira